

COLEÇÃO APLAUSOTEATROBRASIL

O TEATRO DE
JOSÉ SAFFI O FILHO

O ESTÚPIDO CUPIDO
CONTRA
MISS CINELÂNDIA
A RAINHA DO RÁDIO
CORAGEM, MEU
BEM, CORAGEM
AS MALVADAS

organização
ALFREDO STERNHEIM

imprensa oficial

O Teatro de José Saffioti Filho

O Teatro de José Saffioti Filho

O Estúpido Cupido Contra Miss Cinelândia
A Rainha do Rádio
Coragem, Meu Bem, Coragem
As Malvadas

José Saffioti Filho

| **imprensaoficial**

São Paulo, 2009



Governador José Serra

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as conseqüências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

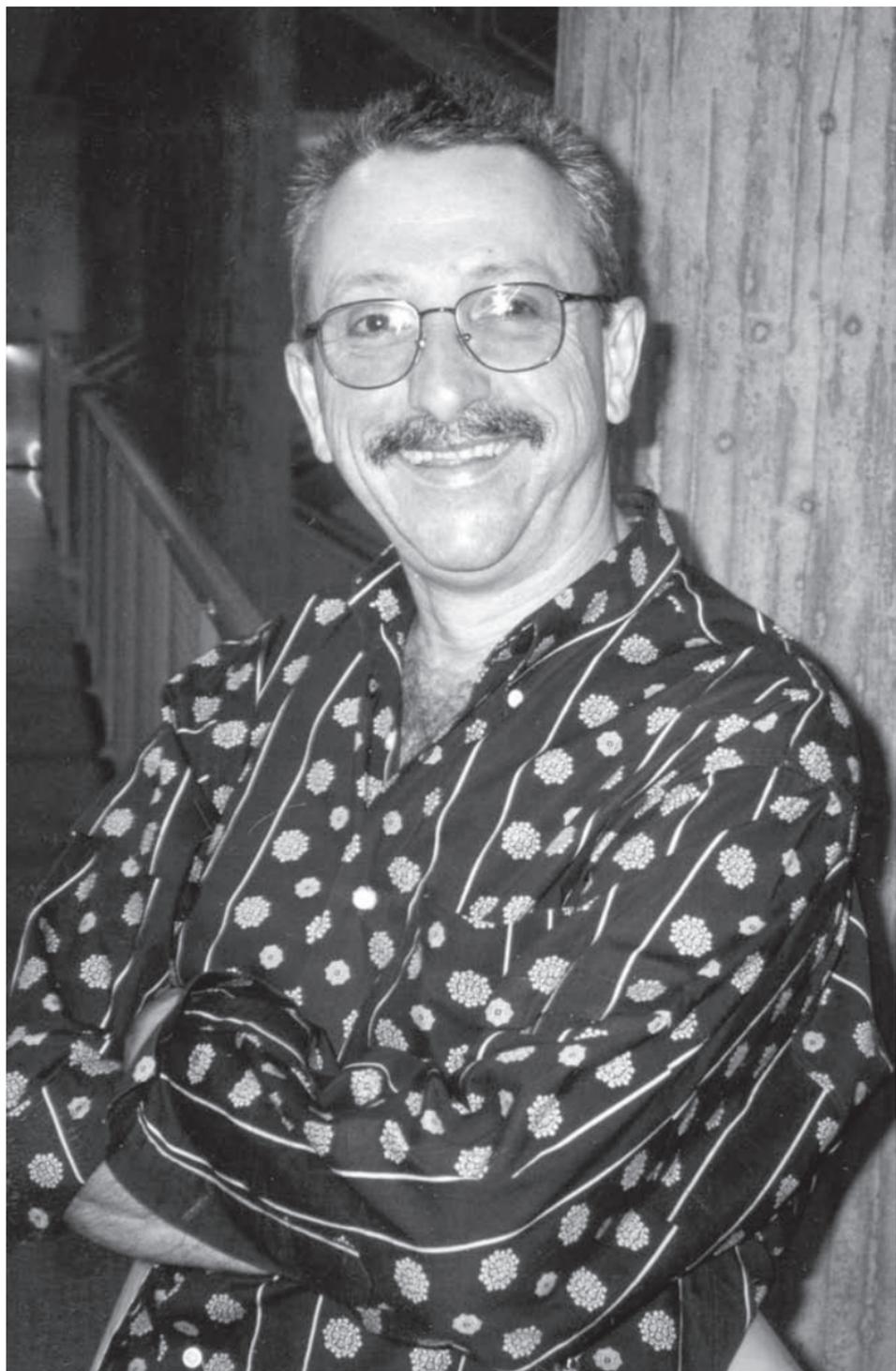
À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo



Entre o Individual e o Universal

Neste momento oportuno para apresentar José Saffioti Filho, fulgura em mim, quase que de imediato, a imagem de sua vivacidade. Como característica indelével, ela diz muito não só a respeito de sua forma de ser e viver mas também acerca das atitudes assumidas em seu trabalho, as quais, conseqüentemente, marcaram os seus companheiros e amigos durante os mais de 30 anos em que esteve envolvido com os programas e atividades culturais do Sesc São Paulo.

Essa vivacidade pode ser divisada, primeiro, como traço distintivo de uma forma de relacionamento com o saber. Basta reputar à sua biografia, cuja formação como jornalista ocorreu cedo, seguida da de sociólogo e dramaturgo, a ponto de as três áreas aparecerem indissociáveis, tal é o resultado alcançado nos veículos de comunicação pelos quais passou (atuando em periódicos, jornais, rádios), no seu itinerário como postulante de novas ideias culturais, em variados projetos e eventos, e, sobretudo, no que transparece em seu amor pela dramaturgia – peças das quais quatro estão aqui reunidas.

Nelas, como se notará, habita a energia de suas ideias. Escritor entusiasmado – a ponto de a tessitura e a dinâmica do texto serem mais importantes

que a preocupação com a própria encenação –, pode-se dizer que a força de suas histórias se deve a não respeitar a divisão entre literato e cientista, o que é uma virtude, pois assim ele pôde mostrar o mundo habitual em modalidades eclipsadas, ou seja, como recorte de alguma situação específica a partir da qual a iluminação crítica aparece pelas bordas (isso quando não se coloca explicitamente, do início ao fim). Antenado com o seu tempo e comprometido com o real e a vida, ele demonstrou que na abordagem cultural é muito importante suplantar o contexto no qual se está infundido, de maneira a ver sempre adiante. Aí residia outra parcela do seu encanto, como também a amplitude do seu pensamento.

Assim, além do teatro, conviviam em sua vida mais duas predileções distintas, embora conexas, no que diz respeito à produção artística: a música e o cinema. Era um grande admirador da nossa MPB – aliás, nutria por Elis Regina um carinho todo especial, e, inclusive, obteve a grandiosa oportunidade de entrevistá-la. Com mesma ênfase, propalava a importância do cinema nacional e detinha uma perspicácia avançada em perceber ou identificar filmes, diretores e atores cujo destaque, às vezes apenas embrionário, apontava inevitavelmente para o reconhecimento futuro e sua consequente entrada no seleto grupo dos “clássicos”.

A esse respeito, Saffioti nos deixou uma diretriz programática. Antes de adentrar o mérito da questão, é bom lembrar que a dinâmica da cultura nos mostra que quanto mais as novas ideias são caracterizadas como excepcionais – justo por sua relevância – mais se deve perceber que elas não emanam do nada. Vistas em geral na forma de lampejos intuitivos, mas em cuja resplandecência parecem anteciper o desenlace da história, essas ideias, na verdade, são elas mesmas históricas. Ele compreendia muito bem essa lógica e sabia que pequenos atos geram grandes efeitos. Dedicado que sempre foi ao cinema, Saffioti figura entre os responsáveis – e que bela responsabilidade – por uma das atividades de nossa instituição que já atinge 32 anos de existência. Em 1974, no Teatro Anchieta, hoje Sesc Consolação, por iniciativa sua e de companheiros de trabalho, tomou forma o Festival Sesc dos Melhores Filmes (futuramente transferido para o CineSesc), com a intenção de divulgar e permitir o acesso, para os colegas e demais espectadores, às obras cinematográficas, aos diretores e atores importantes que corriam o risco de passar despercebidos.

Em sequência a essa atividade, Saffioti ajudou a formar o acervo de audiovisual do Sesc SP. Anos depois, atuou na organização do Festival Sesc de Teatro da Terceira Idade, no Sesc São Carlos, evento que revelou talentos, provocou emoções

e permitiu vislumbrar que os idosos estão mais ligados à arte do que comumente se imagina.

Na área cultural, então, aparece a síntese de sua idiossincrasia: criatividade, proposição e dinamismo. Traços definidores, também, de uma atuação que escapa ao conformismo e que restaura no prazer e no lazer tudo aquilo que se entrecruza nos sentidos, desde os aspectos mais emocionais até os mais intelectuais. Dessa maneira, mostrou na prática que a faculdade de conhecer o real, e de transformá-lo, configura-se, de um lado, como o fundamento de toda descoberta, e, de outro, como um compromisso em pensar a sociedade e a educação em seu devir. Na relação plasmada entre o universal e o individual, que José Saffioti Filho tão bem construiu em termos culturais, o mote para a sua vida e obra pode ser a afirmação de que no conhecimento o mais individual é, sim, o mais universal.

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

Introdução

Generoso e Provocante

A generosidade e a provocação sempre andaram juntas na conduta e na criação de José Saffioti Filho. Nascido em 10 de julho de 1947, esse paulista de São José do Rio Preto se fez notar em duas áreas: na da produção cultural e na dramaturgia. Na primeira, um de seus feitos mais marcantes deu-se a partir de 1979, quando ele passou a cuidar da programação do cine Sesc, em São Paulo, enfatizando a votação dos críticos de cinema apontando os melhores do ano. Um evento que inclui um festival. Até hoje, é uma tradição na capital do estado. Depois, já estabelecido em São Carlos, através do SESC local, logrou também muitas realizações. *Acho importante salientar que, na proporção em que eu deixei a capital, a zona do badalo, e que meu nome saiu da mídia, eu vim para o interior do estado de São Paulo, para São Carlos, onde tive chances de desenvolver uma política de teatro que teve excelente repercussão em todo o interior. Pude trazer grandes nomes do teatro brasileiro. A começar por Beatriz Segall que inaugurou o teatro do SESC aqui. A partir daí, houve uma ênfase em trabalhos de minha*

autoria com grupos alternativos. Principalmente com pessoas da terceira idade – cheguei a realizar um festival da terceira idade – e com um grupo de deficientes visuais, recorda orgulhoso.

Com os idosos encenou *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues. Já com mais jovens, adaptou e dirigiu, entre outros textos, o oratório *Colombo*, de Paul Claudel. Além disso, promoveu na cidade palestras e apresentações de personalidades como Eva Wilma, Carlos Zara, Gianni Ratto, Denise Stocklos, Dulce Damasceno de Brito e Rubens Ewald Filho.

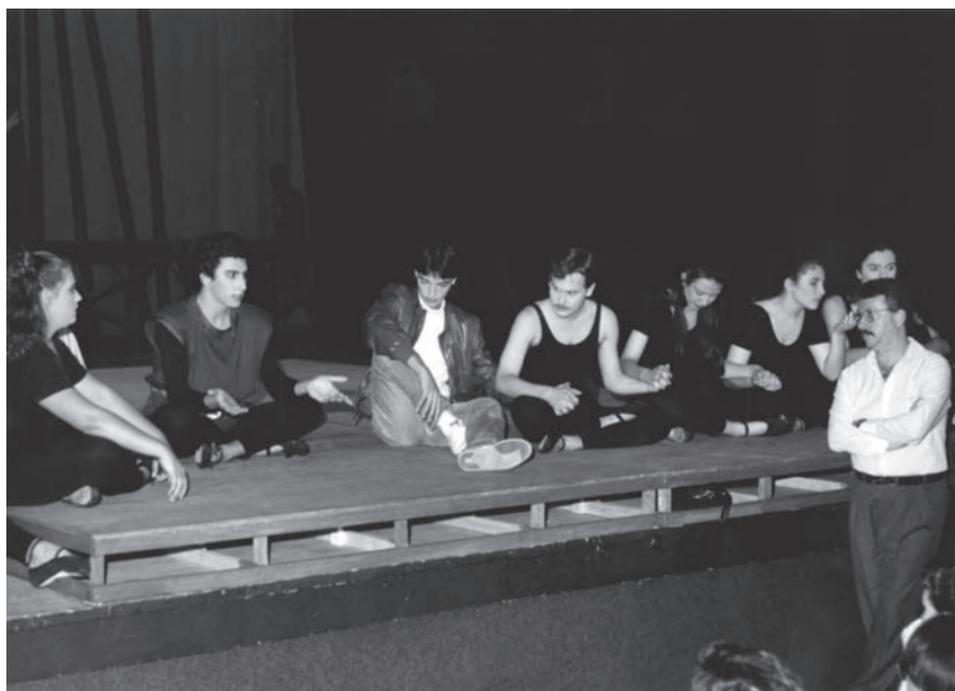


Vestido de Noiva, com grupo teatral de idosos





Saffioti dirigendo Colombo





Cenas de As 5 Estações, com grupo de deficientes visuais





Com Denise Stocklos



Com Gianni Ratto



Com Rubens Ewald Filho e Dulce Damasceno de Brito

Na segunda área, Saffioti construiu a partir de 1974 uma obra teatral das mais expressivas. São peças densas e dinâmicas que trazem, como os filmes de Billy Wilder, uma abordagem realista e sarcástica de situações extremas, uma visão que é fruto de sua profissão inicial: a de jornalista (curiosamente, a mesma de Wilder). Ele ressalta essa origem e influência: *O que eu chamo de meu teatro é o conjunto de minhas peças, é principalmente um teatro escrito por um jornalista. Não por alguém que estudou dramaturgia na escola. Muito cedo, tinha cerca de 20 anos, eu ingressei na criação da revista Veja, no número zero. Então, eu peguei uma educação jornalística muito boa. A partir daí, sempre entendi o meu teatro como fonte de pesquisas que eu fazia de uma realidade, de um tempo datado. Eu me arrepio quando ouço diretores, atores brasileiros tratarem com certo desdém o teatro datado. Como se fosse uma coisa superada e morta. Hoje, se você quiser fazer uma pesquisa sobre atentados a bancas de jornais por gente da extrema direita você vai ver em Coragem, Meu Bem, Coragem, exatamente isso. Se você quiser ver o seqüestro de um veículo de comunicação, um ato terrorista feito por uma mulher subversiva em todos os sentidos, até na luta pelo feminismo quando mal se falava nisso, veja A Rainha do Rádio. Até hoje, 30 anos depois, o texto é procurado por*

artistas do Brasil e do exterior. Não envelheceu. A não ser para esse grupo de artistas brasileiros que tem essa cisma contra o teatro datado. Chamo datado porque é o retrato que traz daquela época, uma reportagem daquela época. O meu texto mais recente, Os Belo Chics, nada mais é do que tudo o que aconteceu há pouco no Brasil, especialmente no estado de São Paulo, com os ataques urbanos, com a classe média trancada dentro de casa em estado de pânico. Isso já previ em 2005 com essa peça. Mas já na Roma Antiga essa violência acontecia. Agora, daqui a algum tempo, vão dizer que a minha peça é datada? Esse tipo de conotação, as vezes, me incomoda, porque sempre nadei na contramão.

23

Saffioti começou cedo no jornalismo. Estava com 17 anos quando trabalhou como colunista e repórter no Bragança Jornal, na cidade de Bragança Paulista. Mais tarde, passou por publicações da editora Abril, da Bloch Editora, pela TV Cultura de São Paulo e pelo jornal Diário Popular, de São Paulo, onde exerceu intensamente a crítica cinematográfica. Sua primeira peça, *Faça uma Festa com o seu Café da Manhã*, escrita em 1974, permaneceu inédita. *Uma montagem em Santos chegou a ser cogitada, mas foi proibida pela Censura. Essa peça fez surgir uma admiradora que se tornaria minha amiga para sempre: Myrian Muniz. Uma*



Com Myriam Muniz

amiga e uma crítica feroz do meu trabalho, muito solidária, muito estimulante, lembra o autor, em depoimento prestado em sua casa em São Carlos.

Posteriormente, prosseguiu com a sua trajetória pelo teatro, sem abrir mão de sua atividade na área cultural e ainda passando por outros campos da escrita. Foi um dos autores da telenovela *O Todo Poderoso*, produzida pela Rede Bandeirantes em 1979, do samba-enredo *Elis Regina: O Som da Festa Eterna desta Musa*, no carnaval paulista de 1984, e do livro infanto-juvenil *O Abrigo das Asas*, em 1991.

Quatro peças

Neste volume da Coleção Aplauso estão quatro das cerca de 20 peças escritas por Saffioti. Todas têm em comum uma visão algo irônica sobre determinadas realidades do Brasil, mas que encontram similaridade em outros países. A fantasia, o delírio, também permeiam boa parte da ação quase sempre intempestiva dos personagens.

Em ordem cronológica, a primeira peça é *O Estúpido Cupido contra Miss Cinelândia*, de 1975. Trata-se da primeira parte de *Anabela no Mundo das*



Plano geral da leitura de *O Estúpido Cupido contra Miss Cinelândia* no Auditório Augusta, em São Paulo, 1975

Maravilhas. Foi premiada em 1978 em um festival nacional em Ribeirão Preto. Em São Paulo, realizei uma leitura pública do texto em junho de 1975 no Auditório Augusta, chamada Mais vale uma Leitura Badalada do que Uma Peça Engavetada, com a participação de grandes atores do teatro brasileiro. Mas, depois disso, uma produção da TV brasileira se apropriou da trama e dos personagens principais, lembra Saffioti. Nessa leitura estavam Nicette Bruno, Yara Amaral, Regina Duarte, Ewerton de Castro e Sérgio Mamberti.



Duarte, Yara Amaral, Nicette Bruno e Sérgio Mamberti na leitura de O Estúpido Cupido contra Miss Cinelândia, em 1975



A comédia é ambientada em cidade do interior paulista, em meados da década de 1950. O autor faz um analítico registro do cotidiano de uma família que ainda se movimenta sob a influência, pela mídia, da trágica morte de Getúlio Vargas em 1954 e das fofocas de Hollywood. O fascínio exercido então pelo cinema leva a jovem protagonista, Anabela, candidatar-se ao título de Miss Cinelândia. Com o apoio da mãe, viaja para o Rio de Janeiro onde acontece esse concurso que, de fato, existiu, promovido pela extinta revista Cinelândia e pela Atlântida, a produtora dos hoje clássicos filmes com Oscarito, Grande Otelo e com o galã Cyll Farney, um dos personagens da trama.

A segunda peça é *A Rainha do Rádio*. O monólogo, escrito em 1976, passa-se também em uma cidade do interior e tem uma curiosa atitude de vingança e ira como mola propulsora. Em 1974, em plena ditadura militar que censurava os meios de comunicação, uma mulher, Adelaide, que tinha um programa de poesias na Rádio Esperança, sem que ninguém perceba entra na emissora à meia-noite e a coloca no ar. Dessa forma explica aos ouvintes porque acha que foi demitida. Nessa mágoa, entrega *os podres* de muita gente conhecida, faz uma verdadeira desconstrução da cidade, apontando a sua hipocrisia.



Cleyde Yáconis em A Rainha do Rádio



A peça estreou em São Paulo em 1976, com atuação de Cleyde Yaconis, sob a direção de Antonio Abujamra *Nessa encenação, – lembra Saffioti – Abujamra foi obrigado a cortar praticamente toda a parte política e valorizou a parte erótica sobre uma quarentona que se apaixonava por um adolescente. A ênfase foi dada a esse enfoque amoroso. Então, tirou todo o caráter político dessa seqüestradora. Infelizmente, na versão para o cinema também aconteceu isso. Mas já não aconteceu em outras encenações fora do eixo Rio-SP. Espero que isso nunca mais venha a ocorrer não só com peças minhas, mas também e outros autores.* A adaptação cinematográfica deu-se em filme de 1981, produzido e dirigido por Luiz Fernando Goulart, com atuações de Beyla Genauer como Adelaíde, e Paulo Guarnieri personificando Ricardo, o seu amor jovem. Beyla, que já tinha feito o monólogo em teatro do Rio de Janeiro sob a direção de Dina Moscovici, ganhou o prêmio de melhor atriz do festival de Cinema de Brasília, enquanto Goulart venceu como melhor roteiro. *A Rainha do Rádio* teve outras encenações, inclusive no exterior. Uma delas foi na Colômbia.

O terceiro texto neste volume é o de *Coragem, Meu Bem, Coragem*. Em 1980 ganhou prêmio de leitura dramática no XIIº Concurso Nacional



Augustin Nuñez no espectáculo colombiano La Reina de la Radio



de Dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro. É, talvez, a mais politizada das peças de Saffioti que tem como cenário o Brasil no final da década de 1970, em plena ditadura militar, quando os atentados ainda são freqüentes. São apenas



*Wanda Kosmo e André Loureiro em Coragem,
Meu Bem, Coragem*



dois personagens: um jovem e uma mulher madura, bem mais velha. Ele é um terrorista que a encontra logo após cometer um atentado. Ela, casada, mãe de família, o leva à um motel para uma aventura sexual que se revela oportuna ao rapaz, já que precisa esconder-se até o horário da partida de um avião que vai levá-lo ao Paraguai.

por João Albano tinha Wanda Kosmo e André Loureiro nos papéis principais. Posteriormente, entrou Ruthinéa de Moraes no lugar de Wanda. Com seu ousado erotismo para a época – não era freqüente nos palcos, a exposição crua de uma relação erótica entre uma mulher madura e um rapaz – *Coragem, Meu Bem, Coragem* permaneceu em cartaz mais de três anos, através de encenações em várias cidades do País.

A quarta peça, *As Malvadas*, foi escrita em 1994, mas permanece inédita nos palcos. Passa-se nos bastidores de um teatro e tem duas personagens que, além de mãe e filha, são atrizes. Elas estão se preparando para a última apresentação da peça *Palhaços*, de Timochenco Wehbi. Enquanto esperam o terceiro sinal, para o início do espetáculo, discutem seus problemas pessoais e profissionais, bem como o iminente fechamento daquela sala no dia seguinte, já que foi vendida para uma igreja.

Sattifoti não dissimula nos diálogos e no título uma deliberada influência de *A Malvada*, o grande e premiado filme do também mordaz Joseph L. Mankiewicz, em que Bette Davis e Anne Baxter davam vida às relações de duas atrizes. Mas o ponto de partida foi outro, como lembrou o autor em conversa com a Coleção Aplauso. *Quando eu falei que escrevi em São Paulo um teatro na contramão, quis dizer que eu sempre estou fora de moda. Quando está na*

moda comédia, quero escrever dramas. Quando a tendência é monólogos, quero escrever pecas com oito atores. Nunca me preocupei muito em estar no mercado, na mídia, em estar em cartaz. O meu prazer sempre foi escrever teatro mesmo. E no caso de As Malvadas ... Eu tinha um grande amigo, o Timochenco Wehbi, que era autor. Eu e ele levávamos uma vida intensa, cultural e socialmente. Íamos a todas as estréias, eventos... Ele que me arrastava. Depois que Timochenco morreu, durante algum tempo andei sonhando com ele. No sonho, ele chegava e sentava na minha cama, ficava conversando comigo. A gente lembrava dos artistas que conhecíamos. Era tudo muito engraçado. As situações eram tão boas que, assim que acordava, escrevia o que tínhamos conversado, guardava em uma gaveta e ia dormir de novo. Isso aconteceu durante várias semanas. Mas eu não me lembrava no dia seguinte. Um dia, resolvi escrever uma peça sobre o fechamento de teatros que passaram a ser comprados por igrejas. Ai, fui fuçar nas minhas coisas e abri uma gaveta cheia de anotações. Percebi que ali tinha As Malvadas praticamente pronta. Ficou uma coisa espiritual, psicografada. Sentei para escrever a peça combinando a história de duas atrizes, mãe e filha, com o fechamento de um teatro que vai virar igreja evangélica e com a última apresentação de um espetáculo. Justamente a peça Palhaços, do Timochenco. É uma peça que, quando As Malvadas termina, tem

início Palhaços. Termina assim. Ninguém teve coragem de encenar essa peça – é por isso que falo de estar na contramão – porque é muito desbocada, muito sem vergonha, muito gozadora sobre os bastidores do teatro. Mas também muito comovente, muito verdadeira.

36

Tanto nesse texto irreverente como nos outros três deste volume, o autor se debruça sobre os seres humanos com generosidade, estejam eles agindo de forma agressiva, amorosa ou apaixonada. São provas inequívocas que José Saffioti Filho, além de jornalista e de estimulante produtor cultural de grandes méritos, consolidou-se como um dos mais notáveis dramaturgos do Brasil contemporâneo. A Coleção Aplauso/Teatro Brasil está feliz por colocar novamente em evidência, uma parte dessa obra tão peculiar que ele criou em mais de 30 anos, ao longo de sua passagem, quase 59 anos de vida.

Em abril de 2006, Saffioti ficou sabendo que os problemas de saúde que o atormentavam há mais de dez anos, agora eram irreversíveis. Imbuiu-se de serenidade para encarar os seus últimos dias. Mas a sua presença entre nós acabou sendo menor do que se esperava. Em 5 de junho de 2006, ele morreu em São Carlos.

Alfredo Sternheim

Junho de 2006





*Regina Duarte, Yara Amaral, Saffioti e Nicette Bruno
na leitura de O Estúpido Cupido contra Miss Cinelândia,
em 1975*

O Estúpido Cupido Contra Miss Cinelândia



Regina Duarte, Yara Amaral e Saffioti na leitura de O Estúpido Cupido contra Miss Cinelândia, em 1975

O Estúpido Cupido Contra Miss Cinelândia

Comédia Ingênua dos Anos 50 – Ato Único
Época: 1954 (novembro/dezembro)

Personagens:

Anabela (a mocinha)
Antônio (o mocinho)
Ana (mãe da mocinha)
Abel (pai da mocinha)
Zezinho (irmão caçula da mocinha)
Maria (a empregada doméstica)
Speaker
Radiatriz 1
Radiatriz 2
Apresentador
Zenaide Andréa (cronista de cinema)
Cyll Farney (ator de cinema)
Avany Maura (miss)
Garota jovem de maillot

Cenário:

Sala/copa de casa de família classe média nos anos 50

Figurinos:

Anabela usa uniforme de normalista, cabelo rabo-de-cavalo, saia e blusa, vestido tomara-

que-caia, vestido de gala, conjunto de viagem. Zezinho usa blue jeans e camisa vermelha. Apresentador usa smoking. Zenaide Andréa usa vestido de gala.

Trilha sonora:

Sucessos musicais da época.

01 – Tico-tico no Fubá (Liberace)

03 – Neurastênico (Betinho e Seu Conjunto)

09 – Adeus, Cinco Letras que Choram (Francisco Alves)

12 – Canção do Rouxinol (Cauby Peixoto)

14 – Calúnia (Dalva de Oliveira)

17 – Stupid Cupid (Neil Sedaka)

As outras são de livre escolha da produção.

42

CENA

Som: música 01. Cortinas fechadas, surge o Apresentador, de smoking, ar solene, sob um spot, diante de um microfone antigo.

APRESENTADOR – Estamos aqui reunidos, no Hotel Glória do Rio de Janeiro, para proceder à primeira prova coletiva para a escolha das dez candidatas finalistas ao concurso de Miss Cinelândia 1954. Dentro de alguns instantes será efetuado o desfile, com cerca de 40 can-

didatas, já selecionadas entre as centenas de belas jovens de todo o País. Primeiro as concorrentes se apresentarão em trajes de passeio e, em seguida, em trajes de maillot. Estas provas servirão para a comissão julgadora selecionar as dez finalistas que, em seguida, passarão pela prova mais convincente do concurso: os testes cinematográficos na Atlântida, a produtora na qual virá a trabalhar, num filme, a concorrente vitoriosa. Convém salientar que as candidatas contracenarão, todas, sem exceção, com o grande astro do cinema brasileiro Cyll Farney, em um sketch falado, sob a direção de Jorge Ileli. No dia 10 de dezembro teremos o grandioso baile de proclamação da vitória, no salão dourado do Hotel Glória. Miss Cinelândia 1954 realizará, com direito a acompanhante, uma viagem à Europa, nas asas da Panair, devendo permanecer 15 dias em Paris e outros tantos em Roma. (Pausa) Antes da apresentação das candidatas, a nossa saudação ao ilustre corpo de jurados, que é formado por Herbert Moses, da Associação Brasileira de Imprensa; Rogério Marinho, que representa o jornal O Globo; o querido galã Cyll Farney; o diretor Carlos Manga; Luiz Severiano Ribeiro Júnior, da Atlântida Cinematográfica; Ibrahim Sued, o jovem colunista social de O Globo; Nelson Quadros, da revista Manchete; Humberto Mauro, ilustre representante do Instituto Na-

cional do Cinema Educativo; a escritora Dinah Silveira de Queiroz; a querida jornalista Zenaide Andréa, da revista Cinelândia e, finalmente, a estrela Inalda de Carvalho, a nossa linda "Miss Cinelândia 1953". A nossa saudação a todos com uma salva de palmas!

Som

Aplausos bem-educados. Acorde orquestral retumbante, com a música 02, enquanto o Apresentador se retira do palco, levando consigo o microfone e os fios, e o som da música vai se embaralhando com o som de vozes de uma novela, onde uma voz feminina indaga repetitivamente: "*É isto a felicidade?*" (Pausa) "*É isto a felicidade?*"

44

CENA

Levanta-se a cortina. Ana, a mãe, arruma a cozinha, enquanto ouve pelo rádio a novela *Também Há Lírios no Lodo*. Cenas altamente dramáticas na novela. Ela interrompe vez por outra seu serviço para melhor prestar atenção numa ou noutra palavra. Abel, o marido, entra e sai do quarto, fingindo não prestar atenção na novela, mas está interessadíssimo. Confere numa caderneta a conta mensal da quitanda.

Atrás do rádio antigo, duas mulheres, ao vivo, interpretam a novela.

RADIATRIZ 1 – É isto a felicidade? (*Voz embriagada de emoção*) É isto a felicidade? Eu havia imaginado outra coisa. Eu havia imaginado um sonho bom, um céu azul, um horizonte sem fim. (*Ana está emocionada*) Quando ele me fala de amor eu acredito. Quando ele surge diante de mim, eu fico toda trêmula (*Ana esbarra em Abel e se desviam, incomodados*) A sua presença desperta dentro do meu âmago a sensação de um devaneio. (*Ana suspira*) Mas o que acontece comigo, meu Deus? (*Soluça*) Mas o que é que eu estou dizendo, meu Deus???

45

RADIATRIZ 2 – Minha filha... (*Ana e Abel ficam interessadíssimos*) A vida é uma madrasta. O tempo traz os cabelos brancos. O tempo provoca rugas numa face antes jovial, cheia de esperanças. (*Abel e Ana atentos, assentindo*) O caminho da vida é cheio de veredas e repleto de espinhos. (*Radiatriz 1 chora*) Não, minha filha! Não! Não! Não! Isto não é felicidade! Você ainda tem uma longa estrada pela frente. (*Ana chora*) E, nessa estrada, de repente, numa encruzilhada inesperada, você encontrará (*Abel e Ana esbarram novamente*) o seu sonho dourado, o seu amor, o anjo da sua vida!

RADIATRIZ 1 (*Chorando*) – Eu estou apaixonada!
É ele o amor da minha vida!

RADIATRIZ 2 – Não! Não! Não!... Não é ele o homem da sua vida. (*Abel e Ana assentem, concordando*) Você deve guardar no seu coração a sua candura, a sua pureza, a sua ternura, para um verdadeiro homem, o príncipe dos seus sonhos, que saberá abrir no seu peito uma janela de afeto, por onde transbordará tudo que há de melhor em você. (*Acordes musicais sentimentais*) Agora, querida, pelo amor de Deus!... me devolva... me devolva esta pistola! (*Abel e Ana aflitos*)

46

RADIATRIZ 1 – Eu vou me matar! Eu quero morrer!

RADIATRIZ 2 – Não, minha filha! Não cometa esta loucura! Vamos! Por favor! Não faça isso!

RADIATRIZ 1 (*Gritando e chorando*) – Eu morro!
Eu morro! Eu morro!

CENA

Som: Som, com eco, de um tiro de revólver. Os óculos de Abel quase caem. Um prato cai da mão de Ana e se espatifa no chão. Zezinho, com máscara e/ou fantasia de Cavaleiro Negro, surge

de repente, assustando a todos, com um revólver de espoleta, dando tiros pela sala.

RADIATRIZ 2 – Não! Não! Não! (*Música clímax de final de novela*)

CENA

Radiatriz 1 desaparece, ao som da música. Radiatriz 2 permanece.

ZEZINHO – Todo mundo mãos ao alto! Isto é um assalto!

CENA

Ana corre atrás dele com o pano de prato. Abel procura aplicar-lhe um pontapé.

ZEZINHO – O Cavaleiro Negro nunca dorme, em defesa dos fracos e dos oprimidos! (*Entra em seu quarto e fecha a porta*)

ABEL – Transviado! Você não passa de um transviado!

ANA (*Recolhendo os cacos do chão*) – Esse menino não tem coração, não tem juízo, não tem educação!

CENA

Surge atrás do rádio o Speaker, que fica ao lado da Mulher 2. Enquanto Ana limpa os estragos, Abel retorna à mesa para conferir suas contas.

SPEAKER – O sabonete Lever, que deixa você mais linda, acabou de apresentar (*Música sobe e desce*) mais um capítulo da empolgante novela de Abigail Machado:

RADIATRIZ 2 – Também Há Lírios no Lodo!!! (*Música sobe e desce*)

48

SPEAKER – Também a linda Elizabeth Taylor, estrela do filme *Rapsódia*, revela às suas fãs brasileiras o seu segredo de beleza. Ouçam o que ela diz:

RADIATRIZ 2 – Eu também uso o sabonete Lever! Você viu como apareço linda no filme *Rapsódia*? Notou que delicioso frescor juvenil irradiam meu rosto e minha cútis?

CENA

Abel desliga o rádio. Speaker e Radiatriz 2, bronqueados, se retiram.

ZEZINHO (*Entrando na sala*) – Vocês não me compreendem! (Gritando) Vocês não me compreendem! (*Volta ao quarto, batendo a porta*)

ABEL – Como foi mesmo que terminou?

ANA – Você não viu? O prato quebrou.

ABEL – E quem é que está falando do prato?

ANA – Mas você está falando de quê?

ABEL – Da novela, ora essa! Ela deu o tiro ou não deu? Morreu ou não morreu?

ANA – Foi o Zezinho quem deu o tiro. Ela não foi. Eu tenho certeza.

ABEL – Ela também atirou. Eu ouvi. Nesta hora deve estar morta!

49

ANA – Além de cego, você é surdo.

ABEL – Você é quem está enganada. Você nunca reconhece que está enganada. Ela deu o tiro.

ANA – Além de surdo é burro. Em novela, quem é que não sabe disso?, a mocinha nunca morre.

ABEL (*Caindo em si*) – Isso, na verdade, desconheço. Novela é coisa de mulher. Você é quem fica prestando atenção nessas baboseiras. (*Verifica a caderneta*)

Som: Música 03 do quarto de Zezinho.

ANA (*Terminando de arrumar a cozinha*) – Você precisa ter uma conversa com o Zezinho. Esse menino não pode continuar assim!

ABEL – O que não pode continuar assim é a conta da quitanda.

ANA – O que é que tem a conta da quitanda?

ABEL – O que é que tem a conta da quitanda?? Você nunca sabe mesmo! Você vai enchendo a sacola e esvaziando as minhas economias.

ANA – Com comida e médico não há economia.

50 ABEL – Acontece que por aqui não existe economia com nada. Aluguel, conta de luz, empregada, a escola do Zezinho, a escola de Anabela... Vocês não sossegam enquanto eu não tiver um enfarte.

ANA – E então por que você não pára de fumar? Cigarro é luxo de rico. Cigarros Luís XV! Essa é marca de milionário! (*Arrumando as coisas aqui e ali*) O que você quer? Que as crianças deixem de comer? Deixem de freqüentar a escola?... Você sabe, por acaso, há quanto tempo eu não compro um vestido novo?

ABEL – E por que você tem que ter empregada? Empregada sim que é um luxo! Ainda mais essa,

que janta antes de ir embora e nem ao menos arruma a cozinha!

ANA – Você quer é que eu me mate trabalhando.

ABEL – Trabalho não mata ninguém. Se você mandasse a empregada embora teríamos uma economia de 50 contos por mês. O Juvenal, que é comerciante e rico, é casado com uma mulher trabalhadeira que nem quer saber de empregada!

ANA – Porque a mulher dele é burra, é uma coitada. E o marido, que é seu amigo, é um cavalo.

ABEL (*Olhando a caderneta*) – Duas dúzias de laranja? Eu não vi nenhuma laranja a semana inteira! O que é que vocês fizeram com duas dúzias de laranja?

ANA – Como se você não soubesse! O Zezinho chupa laranja o dia inteiro.

ABEL – Se ele quer chupar laranja, ele que vá trabalhar. Na idade dele eu já trabalhava. Do jeito que ele vai, e por culpa sua, ele ainda acaba virando um cafajeste.

ZEZINHO (*Entrando, de calça rancheira e camisa vermelha*) – Se eu tivesse uma lambreta, eu juro que arrumava um emprego!

ABEL – Lambreta é coisa de transviado.

ZEZINHO – O Onésimo tem uma lambreta.

ABEL – E que nós temos com isso?

ZEZINHO – O Onésimo é filho do Seu Roque. *(Abel resmunga)* E o Seu Roque está bem de vida e o Onésimo tem uma lambreta.

ABEL – Azar do Roque. O filho dele ainda vai se matar com essa máquina do demônio.

52 ZEZINHO *(Simulando um tiro no ouvido)* – Só me resta morrer. Meus pais não me compreendem.

ABEL – O que é isso que você está usando?

ZEZINHO – Isso o quê?

ABEL – Você tem coragem de sair com essa camisa na rua?

ZEZINHO – E o que é que tem essa camisa?

ABEL – Camisa vermelha não é coisa de homem.

ANA – A responsável sou eu. Eu é que dei o dinheiro.

CENA

A porta é aberta e Antônio entra, eufórico.

ANTÔNIO – Boa noite para todos! *(Alegre)*

CENA

Abel se levanta. Zezinho vai abrir a geladeira para ver o que tem. Antônio dá um beijo na face de Ana e depois abraça a sogra, falando ao mesmo tempo.

ANTÔNIO – Podem ficar sentados que eu tenho a maior surpresa do mundo para todos!

53

ZEZINHO – Já sei. Assaltou as Casas Pernambucanas.

ABEL – Vai marcar a data do casamento.

ANTÔNIO – Nada disso. Nada disso.

ABEL – Ganhou no jogo do bicho. *(Volta a sentar-se, para ver as contas)*

ANTÔNIO – Fechei negócio. Comprei meu carro. Afinal comprei o meu carro.

ZEZINHO *(Vasculhando a geladeira)* – A Crush acabou! Eu me mato!

ANA – Um automóvel?

ANTÔNIO – Sim senhora! Nada mais nada menos que um Simca Chambord!

ABEL – Um Simca Chambord? Mas isso é carro de milionário!

ZEZINHO – Quero ver! (*Dispara rumo à porta. Antônio o agarra*)

ANTÔNIO – Cor grená. Estofamento de plástico. Motor aronde.

ZEZINHO – Quero ver! Eu preciso ver!!

54 ABEL – E o preço? Quanto foi que custou?

ANTÔNIO – Pneus brancos novos. Completamente novos!

ZEZINHO – Tenho que ver. Necessito ver.

ABEL – E o pagamento? Foi à vista?

ANTÔNIO – 65 mil cruzeiros à vista. Tudo o que eu consegui economizar na minha vida até hoje.

ZEZINHO – Ou eu vejo ou me mato!

ANTÔNIO (*Soltando Zezinho*) – Não adianta correr. Ainda não estou com ele. Vão entregar no fim do mês. Até chegar de São Paulo demora.

ANA – E agora, ainda que mal pergunte, você vai se casar com que dinheiro?

ANTÔNIO – Dinheiro não é problema.

ABEL – Foi promovido?

ANTÔNIO – Fui considerado o melhor funcionário das Casas Pernambucanas no interior de São Paulo. Vai sair a promoção em breve. *(Abraça Ana)* Aí eu e Anabela poderemos, imediatamente, nos casar. Um dia, a senhora vai ver, ainda chego a gerente.

ANA – Já vi tudo. O automóvel antes... E o casamento depois.

55

ANTÔNIO – A senhora, na realidade, ainda não viu nada. Tempos melhores virão. Depois dessa fase terrível que o nosso País enfrentou, agora que o Getúlio deixou a vida para entrar na História, os brasileiros têm um grande futuro pela frente.

ABEL – Cuidado com a política. Aqui em casa não se fala em três coisas: política, futebol e religião.

ZEZINHO – Vamos falar de coisas realmente importantes. E eu?? Onde é que eu entro nessa história?

ANTÔNIO – E qual é a grande preocupação do meu cunhadinho? (Abraçando Zezinho)

ZEZINHO – Tire esse montão de dedos de cima de mim. Eu quero é saber da lambreta. Agora que você comprou o Simca, o que é que você vai fazer com tua lambreta?

ANTÔNIO – Vender, é lógico!

ZEZINHO – Lógico? Você chama isso de lógico?

ABEL (*Repreendendo*) – Zezinho!

56

ZEZINHO – Lógico seria dar a lambreta pra mim, pro teu cunhado, como presente de casamento!

ANTÔNIO (*Rindo, debochando*) – Dar a lambreta pra você? Essa é boa. Você pensa que dinheiro cai do céu?

ABEL – Ele pensa! Você acertou na mosca! É isso mesmo o que ele pensa!

ANTÔNIO (*Para Ana*) – Sogra, estou à disposição da senhora para provar mais um de seus deliciosos cafezinhos.

ZEZINHO (*Colocando música 09 na vitrola*) – Um dia eu ainda me mato.

ABEL – Vocês sabem quanto é que está custando o quilo do café? (*Vai abaixar o som da vitrola*)

ANTÔNIO – Vivemos em um grande País! São Paulo comemora o IV Centenário. O Corinthians é campeão paulista. E eu comprei o meu Simca Chambord. Isso é felicidade!

CENA

Antônio e Abel no sofá. Ana preparando o café. Anabela entra de repente, com uniforme de Curso Normal, joga os livros sobre a mesa, displicente, saudando todos com vários “oi”, mais concentrada num exemplar da revista Cinelândia, lendo interessada uma notícia, enquanto vai ao forno pegar seu prato feito. Acomoda-se à mesa, comendo e lendo. O noivo se aproxima com ar de quem tem surpresas a contar.

57

ANTÔNIO – Ratinha... Adivinhe a grande novidade.

ANABELA – Chegou tarde. Todo mundo na escola já está sabendo. Quem ganhou o concurso de Rainha do Rádio foi a Isaurinha Garcia.

ANTÔNIO (*Contrariado*) – Não é disso que estou falando. (*Anabela continua a comer, desinteressada*)

ANABELA – Mamãe, a barra do meu vestido rasgou.

ANTÔNIO – A grande novidade, que vai fazer você desmaiar, é que eu comprei um Simca.

ANABELA (*Suspende a refeição, maravilhada*)
– Um carro? Você comprou o nosso carro?

ANTÔNIO – Nada mais nada menos que um ultrapossante Simca Chambord.

ANABELA (*Pulando no pescoço do noivo*)
– Onde? Onde é que ele está?

58 ANTÔNIO – Vai chegar no fim do mês. 65 mil cruzeiros à vista. Estofamento de plástico, motor aronde, pneus brancos novinhos.

ANABELA – Innn! (*Interjeição de satisfação*)
Quando as meninas souberem! (*Encantada*) A Maria Lúcia, principalmente. Todo o Curso Normal, em peso, vai morrer de inveja!

ANTÔNIO – E eu já decidi. Vamos casar imediatamente e viajar para Santos. Já pensou, ratinha? Lua-de-mel na praia?

ABEL – Dizem que a Praia Grande é uma beleza!

ZEZINHO – Oba! Eu também vou!

CENA

Durante os diálogos, Zezinho está sempre aumentando o volume da vitrola e o pai abaixando. Zezinho também está sempre abrindo e fechando a geladeira, em busca de nada. Ana serve café para todos, menos para os filhos.

ANA – Você vai é para o quarto de dormir mais cedo, isso sim. *(Para Antônio)* Ó o “café, filho”!

ANABELA – Mas eu não quero me casar ainda. *(Falando para si, distraída)* Eu ainda sou moça. Tenho toda uma vida pela frente.

59

ANTÔNIO – É justamente por você ser moça que devemos casar. Casar muito tarde não dá certo. O senhor não concorda comigo, sogrinho?

ABEL *(Para Anabela)* – Verdade seja dita. Sua mãe se casou com apenas 16 anos.

ANA – É... Belo exemplo. Basta ver o estado em que estou. Na minha opinião, Anabela tem toda a razão. Ela ainda precisa terminar o curso Normal. E ainda tem toda a vida pela frente.

ABEL – Besteira. O importante para a mulher não é o estudo, mas o casamento.

ANTÔNIO (*Para Anabela*) – Seu pai sabe o que fala.

ANA – Eles ainda nem têm casa montada. E o enxoval não está pronto.

ABEL – O enxoval não é problema. E aqui em casa tem espaço. Depois do casamento eles podem morar aqui.

ZEZINHO (*Para Antônio*) – Se você quiser eu faço negócio. Eu te cedo o meu quarto e você me dá a lambreta.

ANTÔNIO – Moleque insistente! (*Para Anabela*)
Ratinha, o que é que preocupa você?

60 ANABELA – Eu só tenho 18 anos!

ANTÔNIO (*Carinhoso*) – E é linda!

ZEZINHO (*Puxando o rabo-de-cavalo da irmã*) – E tem um rabo-de-cavalo que é uma gracinha!

ANABELA (*Gritando*) – Largue meu cabelo se não te mato. (*Voz baixa, preocupada*) Eu ainda tenho toda a vida diante de mim. E se eu casar eu fico feia.

ABEL – Mas, minha filha, quem é que disse que o casamento deixa a mulher feia?

ANABELA (*Chorosa*) – Olha só a mamãe, em que estado ficou.

ABEL – Minha filha, também não exagere. Ela tem toda a razão. E se eu estou neste estado é por sua culpa. Nem posso comprar um vestido novo! Não tenho tempo nem de colocar maquilagem, sou uma mulher que não tem costureira, que não tem pedicura, que não tem nada nesta vida. *(Ameaça chorar, mas é abraçada por Antônio)*

ANTÔNIO – Coitadinha da minha sogrinha. Mas depois do nosso casamento a senhora vai ficar mais folgada para se cuidar.

ANA – É... Mas se vocês vierem morar aqui vai aumentar o meu serviço.

ABEL *(Abraçando a mulher)* – Isso não é assunto para conversar agora. Já está na hora de ir dormir. Crianças, podem namorar sozinhos hoje, para comemorar a compra do carro. *(Puxa Ana para o quarto)* Zezinho, fique na sala, fazendo companhia para sua irmã.

ZEZINHO – Eu, sempre eu. Serei eu, por acaso, o guardião da minha irmã?

CENA

Som: Abel não responde e sai com Ana. Zezinho volta à vitrola e coloca a música 05. No sofá,

Antônio coloca um braço nos ombros de Anabela. A música ao fundo, volume baixo. Zezinho ouve, compenetrado, de vez em quando inspecionando os dois. Anabela está com ar distante. Antônio dá beijinhos.

ANTÔNIO – E então? Como é que foi de aula hoje?

62

ANABELA – Tive latim. Odeio latim. Por que é que eu tenho que saber latim? Por acaso, pra ser artista de cinema, eu preciso saber latim? O que é que o latim tem a ver comigo? Papai, por acaso, aprendeu latim? Mamãe, por acaso, aprendeu latim? E eu? Pra que é que vai me servir o latim? Lana Turner sabe latim? Marilyn Monroe sabe latim? Nenhuma estrela de cinema teve que aprender latim. Você já pensou se a Inalda de Carvalho, pra ser eleita Miss Cinelândia, tivesse que falar latim?

ANTÔNIO – Chega! Chega pelo amor de Deus! Vamos falar do meu automóvel que é muito mais importante.

ANABELA – Sábado vou estrear um vestido novo. Você vai cair de costas.

ANTÔNIO – Por quê?

ANABELA – Porque é tomara-que-caia. Mamãe já está acabando.

ANTÔNIO – Eu já disse que não quero que você use vestido decotado. Isto daqui não é capital. É interior. Todo mundo vai comentar.

ANABELA – Ótimo. É justamente o que eu quero. Que todo mundo comente. Nasci para ser famosa, admirada e comentada. E eu não quero me casar agora porque ainda tenho um caminho de glória pela frente.

ANTÔNIO – Você está maluca. E a sua mãe está maluca também.

63

ANABELA – Ah, é? Vou contar pra mamãe o que você disse. Olhe, é bom que você saiba desde já uma grande novidade. Eu não pretendo enganar você. (*Música 06, ao fundo*) Escrevi uma carta para o Rio de Janeiro me candidatando ao concurso de Miss Cinelândia. Se eu for classificada, vou ter de viajar para o Rio. E se eu ganhar o concurso vou ser estrela de cinema e viajar para a Europa. Portanto, eu não posso me casar com você. Principalmente agora, quando um novo mundo se abre para mim.

ANTÔNIO – Você está maluca.

ANABELA – Então mamãe também está. Ela sabe de tudo e me apóia.

ANTÔNIO – As duas estão malucas.

ANABELA – Vou contar pra ela.

ANTÔNIO – E o seu pai? Ele está sabendo dessa brincadeira?

ANABELA – Papai é como todos os homens. Não sabe e discorda.

ANTÔNIO – Eu vou contar pra ele.

64

ANABELA – Eu não quero que ele sofra, mas tenho que seguir minha vocação e meu destino. Vou lutar de todas as formas para alcançar o sucesso que almejo.

ANTÔNIO – Você está falando como se já fosse a vencedora.

ANABELA – Eu serei a vencedora. Não é que eu seja exibida, como algumas amigas que tenho, que são invejosas, que falam pelas minhas costas, que eu sei muito bem, porque tem gente que me conta. Elas pensam que eu não fico sabendo, mas é que eu sei que sou diferente, que sou bonita e talentosa. Todo mundo me acha parecida com a Debbie Reynolds.

ANTÔNIO – Você não se parece com a Debbie Reynolds de jeito nenhum.

ANABELA – E você, muito menos com o Frank Sinatra. Nem com o Tony Curtis. E nem, pelo menos, com o Jerry Lewis.

ANTÔNIO (*Carinhoso*) – Ratinha!

ANABELA – Eu não gosto que você me chame de Ratinha.

ANTÔNIO – Mas você é ou não é a minha Ratinha? (*Ela amuada*) Quem é que é a minha Ratinha? Quem é que é?

ANABELA – Agora você me chama de Ratinha. Mas haverá um dia em que o Brasil inteiro me chamará de Miss Cinelândia!

ANTÔNIO – Todos têm direito a sonhar. Eu também não sonho em ser gerente das Pernambucanas? Eu respeito os teus sonhos. O meu é casar com você. (*Pausa*) Quero que você me prometa uma coisa.

ANABELA – O quê?

ANTÔNIO – Você me ama?

ANABELA – Você sabe que sim. Mas também amo o Frank Sinatra. Nunca te escondi isso.

ANTÔNIO – Eu sei. Eu sei. É por isso que eu gosto de você. Pela sua honestidade.

ANABELA – O que é que você quer que eu prometa?

ANTÔNIO – É o seguinte: vamos marcar a data do casamento. Se você for classificada no concurso nós transferiremos a data. Se você não for classificada, aí nós nos casaremos imediatamente.

ANABELA – Está bem. Se é assim que você quer... Só que, infelizmente para você, eu vou vencer.

66 ANTÔNIO – Fica combinado que vamos nos casar na véspera do Natal.

ANABELA – Mas eu vou vencer o concurso!

ANTÔNIO – Se isso acontecer, e eu espero que aconteça, nós nos casaremos no ano que vem.

ANABELA – Não dá.

ANTÔNIO – Por que não dá?

ANABELA – Porque terei inúmeros compromissos, nacionais e internacionais.

ANTÔNIO – Hum... Então fica combinado. Véspera do Natal.

ANABELA – Se você quer assim... Mas lembre-se que eu avisei.

ANTÔNIO (*Abraça-a, com um beijo cinematográfico*) – Minha Ratinha... Quem é o teu gatinho?

ANABELA – Esse gatinho não vai comer esta ratinha.

ANTÔNIO – Por enquanto... Por enquanto...

ZEZINHO – Se você me der a lambreta, eu facilito.

CENA

67

Som: Explode a música 07. Iluminação de efeito feérico. A música cede lugar para o noticiário do rádio. Estamos na manhã do dia seguinte, com mesa sendo posta para o café. Maria, a empregada, saracoteia de um lado para outro. Atrás do rádio, o Speaker esbalda-se com as próprias notícias.

SPEAKER – Chegou a Paris a atriz brasileira Agnes Fontoura, que recentemente foi eleita a artista mais elegante do Brasil. Em cumprimento a uma aposta, o cantor francês Georges Guetary foi recebê-la no Aeroporto de Orly, montado a cavalo, com uma tocha na mão direita. Ah! Ah!

Ah! Esses franceses... (*Lê*) Na tosse, na bronquite e no resfriado, tome Rhum Creosatado – e veja o resultado! (*Pausa*) Uma notícia que nos chega agora do Vaticano. O Papa Pio XII nomeou o monsenhor Giovanni Montini para o arcebispado de Milão. Montini ocupava o posto de secretário de Estado da Santa Sé. Enquanto isso, em Buenos Aires, continua a crise entre Perón e a Igreja Católica.

CENA

Entra Zezinho, bocejante. Senta-se à mesa. Maria serve o leite.

68

SPEAKER – De Londres se informa...

ZEZINHO (*Interrompendo*) – Cadê o meu Toddy?

MARIA (*Resmungando*) – Cadê o meu Toddy?
Cadê o meu Toddy? (*Pega a lata e põe na mesa*)

SPEAKER (*Pigarreando, para chamar a atenção*)
– De Londres se informa que Pequim não estaria, no momento, cogitando de invadir Formosa. O primeiro-ministro indiano, Nehru, teria obtido garantias do próprio Chu-En-Lai. (*Som da campanha da porta*) O primeiro-ministro inglês, Sir Winston Churchill, recebeu 100 mil cartas e telegramas pelos seus oitenta anos de idade.

CENA

Zezinho abre a porta da rua. Recebe um telegrama. Assina um papel acusando o recebimento. O Speaker acompanha, interessado. Zezinho lê o telegrama.

MARIA – O que é isso? É um telegrama?

SPEAKER – A população de Campinas continua intrigada com o caso de uma chuva de prata, que caiu recentemente de um disco voador que por ali passava.

ZEZINHO (*Lendo*) – Essa não! Agora é que a vaca vai pro brejo.

69

MARIA – Você não devia ler as coisas dos outros. Isso é coisa feia.

SPEAKER – Também foram vistos discos voadores no céu de Porto Alegre.

CENA

Zezinho deixa o telegrama sobre a mesa e recomeça a comer.

SPEAKER (*Curioso*) – O presidente Eisenhower declarou, em Boston, que as perspectivas de paz são hoje melhores do que antes.

ZEZINHO – Cadê o pessoal? (*Speaker espera Maria responder, mas ela ignora*) Cadê o pessoal? (*Berrando*)

MARIA – Não precisa gritar que eu não sou surda. Tua mãe foi na quitanda e teu pai já saiu pro serviço.

ZEZINHO – E a princesinha da casa? Ainda está na cama? (*Recomeça a comer*)

70 SPEAKER (*Aborrecido, pigarreia*) – E agora, anotem – eis o vosso purgante: Magnésia S. Pellegrino. A única que é efervescente. (*Suspira, cansado*) E agora a previsão do tempo. (*Procura um papel*) Onde é que está a previsão do tempo? (*Procura, procura*)

MARIA – Agora eu quero silêncio que é a hora da previsão do tempo.

ZEZINHO – Pode ter certeza que o tempo vai esquentar!

SPEAKER – Antes da previsão, um lembrete. Neste Natal o melhor presente para ele ou ela é a caneta Parker 51, acompanhada por um luxuoso tinteiro Parker Quink, a única tinta que contém Solv-X.

CENA

Surge Anabela, alegre, gritando “bom dia! bom dia para todos!” Speaker, apaixonado, ajeita o cabelo e também cumprimenta-a. Anabela senta-se à mesa.

SPEAKER – E agora, finalmente, as notícias reservadas para as pessoas de fina sensibilidade.

MARIA – E a previsão do tempo??

SPEAKER (*Especialmente para Anabela*) – As últimas notícias e novidades sobre o mundo das artes! (*Musiquinha*)

71

ANABELA – Ai, que bom! Parece que eu adivinho. Sempre chego na melhor parte.

SPEAKER – Em São Paulo a notícia mais importante é a inauguração do novo Teatro Maria Della Costa, com a apresentação da peça *O Canto da Cotovia*, que marca a estréia no Brasil do grande diretor italiano Gianni Ratto. Por apenas 44 cruzeiros, que é o preço do ingresso, você poderá ver a linda estrela Maria Della Costa no emocionante papel de Joana d’Arc.

ANABELA – Um dia interpretarei Joana d’Arc muito melhor que a Maria Della Costa!

SPEAKER (*Apoiando*) – Sem dúvida... Sem dúvida... Recomendamos também, no Teatro Leopoldo Fróes, a comédia *Sinhá Moça Chorou*, dirigida por Sérgio Cardoso, tendo no elenco os astros Leonardo Villar, Nydia Licia e Carlos Zara.

ANABELA (*Notando o telegrama*) – O que é isso aqui?

MARIA – Chegou agorinha pelo correio.

SPEAKER – Mais uma sensacional apresentação de Elvira Pagã, a partir de hoje no Teatro Íntimo Nicette Bruno. Neste espetáculo você poderá ver um espetacular desfile de modelos e maillotes.

72

ANABELA (*Excitada*) – Quem deu ordem para abrir? (*Lê, olhos arregalados*) Fui classificada! (*Começa a cantar e dançar, abraçando Zezinho, Maria e Speaker*) Fui classificada!

MARIA – Deixe ver! Deixe ver!

CENA

Zezinho indiferente. Speaker, vibrando, também quer ver.

ANABELA – Eu sabia! Eu sabia! As meninas da escola vão desmaiar de inveja! Fui selecionada

para o concurso. Adivinhem todos quem será a próxima Miss Cinelândia!

ANA (*Entrando*) – O que é que está acontecendo por aqui? (*Coloca sacola de legumes sobre a mesa*)

ANABELA – Mamãe! Fui convocada. O telegrama chegou! (*Speaker aplaude*)

ANA (*Olhando feio o Speaker*) – Quem foi que deixou esse rádio ligado? (*Desliga. Speaker, protestando, desaparece*) Eu sabia, minha filha. Eu sempre soube. Eu sempre confiei em você. (*Abraços*)

73

ANABELA – Agora ninguém me segura. Sua filha, mamãe, rumo à fama e ao sucesso!

ANA (*Emocionada. Lê telegrama. Mais abraços*) – Eu sabia, minha filha, que você era a única da família com futuro.

ZEZINHO – E o meu futuro é ser cafajeste.

ANABELA – Mamãe, precisamos fazer um estudo da situação.

ANA – Com o seu pai você não se preocupe. Deixa ele comigo. E o Antônio? Como é que você vai fazer?

ANABELA – Ele já concordou... Mais ou menos... Escuta. Nós duas temos que estar no Rio de Janeiro no dia primeiro de dezembro. Já pensou? Eu estou entre as 40 candidatas finalistas!

MARIA – E como vai ser? Vai ter desfile e tudo?

ANABELA – Primeiro vou ter que desfilhar em traje de passeio. E depois com um maillot.

ANA – O vestido já está pronto. O maillot compraremos no Rio.

ZEZINHO – Não tem nas Pernambucanas? É só pedir pro Antônio!

74

ANABELA – Será que o papai vai ajudar? Vai dar dinheiro?

ANA – De qualquer jeito nós iremos. Não se preocupe, que eu tenho minhas economias. E se ele não concordar eu peço o desquite.

ANABELA (*Abraçando Ana*) – Oh, mamãe, você é um anjo!

ZEZINHO – “Puxa”! “Puxa” que dá resultado!

ANABELA – Fique de boca calada que ninguém pediu a sua opinião.

MARIA – Esse menino é um capeta!

ZEZINHO – Sou capeta, mas sou feliz, mais capeta é quem me diz.

ANABELA – Vai ver se eu estou na esquina, vai.

ANA – Zezinho, vê se não enche os picuás da tua irmã. Já fez os seus deveres de escola?

ZEZINHO – Vocês prestam tanta atenção em mim, que ninguém percebeu ainda que estou de férias e já passei de ano. *(Levanta-se)* Só servem pra me chamar de cafajeste! O dia que eu me suicidar vocês vão ver! *(Sai, batendo a porta)*

75

MARIA – Não liga pra ele. Ele só quer chamar atenção.

ANA *(Eufórica)* – Vamos provar o vestido! Já! *(Retira-se. Anabela, que vai saindo também, é segura por Maria)*

ANABELA – Que é que foi?

MARIA – Eu preciso te contar uma coisa.

ANABELA – Então fala. Fala logo!

MARIA – Você não sabe da maior. Recebi uma carta. Uma carta, Anabela.

ANABELA – Uma carta? De quem?

MARIA – Como é que eu sei? Não puseram assinatura.

ANABELA – Anônima???

MARIA (*Pensa um pouco*) – Não conheço ninguém com esse nome. Mas desconfio que sei quem escreveu.

ANABELA – Quem foi? Fala, mulher. Fala de uma vez.

76 MARIA (*Mostra a carta, tirando do bolso do avental*) – Nem tenho coragem de falar. Leia você mesma.

ANABELA (*Lendo*) – Meu doce-de-coco. Tenho te visto no footing da praça da igreja todo fim de semana. Também te vi sexta-feira na quermesse da praça. O teu vestido está curto porque pude ver os teus joelhos, que são sedutores e me viraram a cabeça. (*Pausa, chocada*) Se você me aceitar, eu topo fazer besteira com você, porque eu sei que você é solteira e já fez besteira com o filho do sacristão. Não tenha medo da felicidade. Sou garoto, mas já sei dar prazer. Se você se interessar, use um lenço vermelho no pescoço no footing do fim de semana. Um beijo

no seu cangote. *(Pausa)* Sem assinatura. Mas que cafajeste! Que pouca-vergonha!

MARIA *(Indignada)* – É ou não é? Sou uma desgraçada mesmo. Empregada doméstica não é gente. Todo mundo quer comer. Só porque a gente é pobre, modesta e simples, os tarados pensam que é só ir chegando e pegando.

ANABELA – E você desconfia quem escreveu?

MARIA – Você está lembrada que você disse que ia me dar aquele vestido vermelho que não usa mais? Aquele – que está encostado no guarda-roupa...

ANABELA – Mas é claro que eu vou te dar. Hoje mesmo. Agora me conte.

MARIA – Olhe aqui... *(Tirando papel do bolso)* Não é o mesmo papel?

ANABELA – É... *(Examinando)* Onde você achou isso?

MARIA – Na bolsa de escola do Zezinho.

ANABELA – Ca-fa-jes-te!!!

MARIA – Cafajeste é pouco. Teu irmão também é um tarado. *(Ana chama Anabela de longe. Maria sai de cena)*

ANABELA – Pode ficar sossegada que eu vou contar tudo pra mamãe. Nós vamos colocar esse menino num reformatório.

ANA (*Entrando com o vestido nas mãos*) – Não está lindo? Não está deslumbrante?

ANABELA (*Agarrando o vestido*) – Ai, está maravilhoso! Quero provar já, agora!

CENA

78 Anabela, esquecida da carta, tira a roupa, ficando só de combinação. Começa a experimentar o vestido. Maria liga o rádio. O Speaker reaparece, excitadíssimo, falando sem despregar os olhos de Anabela.

SPEAKER – Qual a sua idade? Qual o seu sexo? Não importa! Se você se sente fraca, abatida, sem apetite, sem energia, sem entusiasmo, use o Biotônico Fontoura, que já restaurou as forças de milhões de brasileiros. Prefira o tamanho gigante, onde cada dose custa menos, e que vem acompanhado do folheto *Jeca Tatuzinho*, de Monteiro Lobato. Peça-o, ainda hoje, na farmácia de sua confiança.

CENA

Som: Música 08. Anabela, vestida com o tomara-que-caia, faz evoluções pela sala. Speaker enxuga o suor. Luz ambiente vai enfraquecendo, até desaparecer. A música continua, mesmo quando a luz volta. Anabela, com o tomara-que-caia, está sentada no sofá com Abel. Ana e Maria (*esta com o tal vestido vermelho*) estão na cozinha. Zezinho, numa cadeira junto à mesa, toca sanfona. Antônio, em pé, braços cruzados, ar de irritação, olha em direção à rua, parado frente à janela. A música desaparece de vez.

ANTÔNIO – O que é que a cidade vai falar de mim? Já imaginaram os comentários? Vou ficar desmoralizado. (*Zezinho faz som de gozação*)

79

ABEL – Zezinho, guarda essa harmônica. Agora não é hora de estudar.

ZEZINHO (*Batendo o pé, irritado*) – É sempre assim. Quando eu não estou estudando, reclama. Quando eu resolvo estudar, reclama também. (*Sai*)

ANA (*Para Maria*) – O que foi que aconteceu que a senhora ainda não foi embora? Que milagre é esse?

MARIA (*Inventando atividades na cozinha*) – Nossa, dona Ana! Isso é jeito de me tratar?

Quando eu saio mais cedo, a senhora reclama. Quando eu resolvo ficar mais um pouco, reclama também.

ANTÔNIO – Eu não mereço ser desmoralizado desse jeito. *(Som gozativo, ao longe, de harmônica)*

ABEL *(Gritando)* – Pára com essa sanfona!

ZEZINHO *(Voz off)* – Um dia eu me mato!!

MARIA – Vou fazer um cafezinho pra vocês.

ABEL – Se você está querendo aumento de salário, pode ir tirando o cavalinho da chuva.

80 MARIA – Vou fazer de conta que não ouvi.

ANABELA – Na escola não tem problema. Já conversei com a diretora e ela disse pra eu não me preocupar. Que isso é uma honra para nossa cidade e que eu posso fazer os exames na segunda época.

ABEL – Isso não vai prejudicar os seus estudos? Você tem certeza?

ANA – E quando ela vai ter outra oportunidade na vida como esta?

ANABELA – Paizinho... Pode ficar sossegado. O senhor sabe que sou a melhor aluna da classe. O senhor viu na minha caderneta.

ANA – Você quer que ela acabe como eu?

Som: Música 09, vinda do quarto de Zezinho.

ABEL (*Gritando*) – Abaixa essa vitrola! (*Zezinho obedece*) Estamos bem arrumados! Minha filha, você pensou bem no que você quer fazer? Esse vestido decotado...

ANABELA – Paizinho... Eu não sou mais criança.

ANA – Ela já é uma moça.

ANABELA – A mamãe vai ficar o tempo todo comigo.

81

ABEL – Mas você não conhece nem São Paulo. E o Rio de Janeiro, então? Dizem que é muito mais perigoso.

ANABELA – Não vai ter perigo nenhum. Eu e mamãe estaremos juntas.

ABEL – Eu não posso ir junto. Eu tenho o meu serviço. O jeito é você ir acompanhada de sua mãe.

ANTÔNIO – Quer dizer que o senhor consente?

ABEL – Antonio, você viu que não há perigo. A mãe dela vai junto.

ANTÔNIO – E isso é motivo de tranqüilidade?

ANA – O que é que você quer dizer com isso?

ANTÔNIO (*Para Abel*) – As duas são muito parecidas.

ABEL – O que foi, mulher? Você não reconhece um elogio?

ANA – Se é um elogio, agradeço. Uma mãe tem quer ser amiga da filha.

ANTÔNIO – A senhora sabe o que é o Rio de Janeiro? Uma terra de depravados. Gente pelada nas praias. Mulher de calça comprida. Mulher fumando cigarro no meio da rua. E boates. Boates que não acabam mais!

ABEL – Isso não! Que uma coisa fique bem claro, que isso eu não admito... Que minha filha entre dentro de uma boate.

ANTÔNIO – Um amigo meu esteve no Rio e viu uma boate por dentro. O senhor sabe o que acontece dentro de uma boate? Pois bem... Ninguém sabe, porque fica tudo escuro. As pessoas conversam e dançam no escuro. É uma escuridão total. E só moças que não têm família é que freqüentam boates.

ANABELA – Agora chega! O que é que você está pensando que eu sou? Eu nunca na minha vida entrei e jamais irei entrar numa boate! Eu não sou uma perdida! Eu e a mamãe vamos participar de um concurso de gente fina, bem-educada. E vamos ficar no Hotel Glória, onde ficam os artistas. Está entendendo?

ANTÔNIO – E o nosso casamento? E o nosso noivado?

ANABELA – Em primeiro lugar a minha carreira.

MARIA (*Servindo*) – Olha o cafezinho!

83

CENA

Zezinho sai do quarto, dá uma olhada na geladeira e dirige-se à porta.

ANABELA – É assim que você me ama? (*Finge que chora*) É assim que você me quer?

ABEL (*Para o filho*) – Aonde é que o senhor pensa que vai?

ZEZINHO – Vou sair com a gang. Uma gang onde todo mundo tem lambreta, menos eu.

ABEL – E o que é que a distinta gang vai fazer?

ZEZINHO – Serenata. Vamos fazer uma serenata. *(Olha Anabela e canta)* “Boneca cobiçada, das noites de sereno, teu corpo não tem dono, teus lábios têm veneno!”

CENA

Anabela avança em sua direção. Ele corre, abre a porta e sai.

ANABELA – Cafajeste!

MARIA – Eu é que sei!

84 ABEL – A senhora não se meta em assuntos da família.

ANABELA – Pode ser que essa seja a única chance em toda a minha vida!

ZEZINHO *(Voz off, cantando)* – “Se queres que eu sofra... é grande o teu engano!”

ANTÔNIO – Por mim, a situação está resolvida. *(Para Anabela)* Você só pensa em você, ser artista é mais importante que ser a minha esposa. Mas não pense que eu vou ficar aqui te esperando sentado. É bom que você não se esqueça que eu sou considerado um dos melhores partidos da cidade! *(Vira as costas e sai, batendo a porta)*

ABEL – Antônio!

ANA – Antônio!

MARIA (*Corre à janela e grita*) – Antônio! Tão chamando!

ANABELA – Que me importa? Em primeiro lugar a minha carreira. Em segundo lugar os meus estudos. Em terceiro lugar... mais tarde eu resolvo.

CENA

Som: Música 10. Escurece. Cortina fechada. Apresentador à frente, solene, sob um spot, diante de microfone antigo.

85

APRESENTADOR – Hoje, no Rio de Janeiro, estamos vivendo uma noite de festa. Já temos conosco o resultado do Júri elegendo 10 finalistas entre as 40 candidatas selecionadas, uma das quais será a Miss Cinelândia 1954! (Acordes triunfais) E, diante do suspense deste maravilhoso público aqui presente, anunciamos, com muita honra, as 10 finalistas do concurso: (Acordes) do Rio Grande do Sul, Srta. Lygia; do Distrito Federal, Srta. Jeanette, Srta. Gina, Srta. Sônia Maria, Srta. Avany Maura, Srta. Myriam Persia e Srta. Norma

Bengell. E, finalmente, de São Paulo, Srta. Yvone, Srta. Olga, e Srta. Anabela. (Spot sobre Anabela, feliz, rodopiando. Ana, muito elegante, corre a abraçá-la) Uma delas será Miss Cinelândia 1954, que viajará, com acompanhante, para a Europa, via *Panair*, com a assistência integral da organização nacional de turismo *Avipam*.

CENA

86

Volta música 10. Escurece. Cortina aberta. Maria, atarefada na cozinha. Zezinho zanzando entre a geladeira e o sofá. Abel lendo uma carta para Antônio, que está sentado, sério. Música 11.

ABEL (*Lendo a carta*) – O Rio de Janeiro tem feitiço. Aqui ninguém se sente infeliz, infeliz, infeliz, como costuma dizer o Jacinto de Thormes.

ANTÔNIO (*Irritado*) – O que ela quer dizer com isso?

ABEL – É bem verdade que existem uns cheiros desagradáveis, uns buracos imensos nas ruas e um tráfego de arrepiar cabelo de pintacuda. E também, meu querido esposo, um calor de 40 graus e problema de falta d'água.

CENA

A partir deste trecho é Ana quem fala.

ANA – Já fomos conhecer o Corcovado. Senti tontura com tanta altura. Nunca passei tanto medo na minha vida como no bondinho do Pão de Açúcar. Dá pra ver o Rio de Janeiro inteirinho lá de cima. Já estou com saudades do friozinho que faz aí. Demos uma volta pela praia de Copacabana, mas juro que não entramos. Nunca vi tanta gente na minha vida. As mulheres estão usando um modelo de maillot que, Deus me livre, é uma pouca-vergonha.

87

CENA

Desfila pela sala uma modelo de maillot, para êxtase de Abel.

ANA – Uma indecência. Onde é que esse mundo vai parar? O pior é que todo mundo finge que não está notando. Uma vergonha. *(Sai a modelo)* E, agora, uma notícia maravilhosa: Anabela fez o teste cinematográfico com o grande ator Cyll Farney e foi muitíssimo bem. Eu é que tremia, de nervosa. Mas ela estava muito à vontade.

ANTÔNIO – À vontade? À vontade como?

ANABELA (*Representando*) – Meu amor! Meu amor! Meu amor!

CYLL (*Representando*) – Meu amor! Meu amor! Meu amor!

CENA

Abraçam-se e beijam-se.

ANTÔNIO (*Pulando*) – Isso já é demais!

88

ANA – Já ouvi comentários que Anabela, a Avany Maura e uma tal de Norma Bengell são as mais cotadas para vencer o concurso e ganhar o título. Mas eu acho a Avany feia e a Norma sem nenhum talento ou chance. Aposto como a Anabela vai ganhar. Já pensou, meu querido? Nós na Europa? Anabela capa de revista? (*Suspiro*) Tive a honra e o prazer de conversar com o Cyll Farney, que é um rapaz muito distinto. (*Cumprimentando Cyll*) Cyll Farney, o senhor é um moço muito distinto.

CYLL – Dona Ana, a sua filha tem a quem puxar. As duas são uma doçura.

ABEL – Isso já é demais!

ANA – Eu sei. Eu sei. Mas o senhor não sabe como é difícil, hoje em dia, educar uma moça

no interior. Com tantos perigos por aí! Anabela, conte pro Cyll Farney que você está fazendo o Curso Normal e escreve poesias.

CYLL – Mas ela também é poetisa??

ANA – Recite alguma coisa de sua autoria, minha filha.

ANABELA – Ah, mamãe! Assim a senhora me deixa sem graça.

CYLL – Encantado. Por favor! Estou encantado.

ANABELA – Está bem. Já que você insiste, eu recito. (*Super-representa*)

89

“As rosas desabrocham por desespero
Assim como a noite cai de desgosto.
Mas, ao seu lado, sonho e acredito,
Na esperança que nasce no horizonte”.

CENA

Imediatamente Cyll a agarra e beijam-se. Os dois saem.

ANTÔNIO – Se alguém me contasse eu não iria acreditar!

ANA – Agora tchau que eu tenho que me vestir para sair. As meninas vão ser entrevistadas pela grande jornalista Zenaide Andréa. Vai sair na Cinelândia, com fotografia e tudo! Um beijo afetoso de sua esposa. Sinceramente, Ana. *(Sai)*

ANTÔNIO *(Amargo)* – Pelo jeito nunca mais voltaremos a ver as duas.

ABEL – Ora, Antônio! Você se preocupa demais.

ANTÔNIO – É capaz das duas irem diretamente para a Europa.

90 ABEL – Deixe disso, rapaz. Não fique imaginando coisas. Você devia estar orgulhoso pelo sucesso que sua noiva está fazendo. E depois, eu conheço as mulheres. Tudo isso é fogo de palha. Tudo isso passa. E agora, com licença, que eu tenho de sair. Sinta-se como se estivesse em sua própria casa. *(Sai)*

CENA

Antônio fica triste, quieto. Zezinho confere se o pai saiu mesmo e aproveita para acender um cigarro e ler seus gibis. Maria confere se Abel saiu mesmo e aproveita para ligar o rádio. Surge o Speaker, desconfiado. Confere se Abel saiu mesmo, antes de ser abruptamente desligado.

SPEAKER – Prefiram os guarda-chuvas com armação *Ferrini*. Mas, antes da compra, verifiquem a marca na vareta. *(Pausa)* O governador eleito de São Paulo, senhor Jânio da Silva Quadros, está visitando Portugal. Entrevistado pelos jornalistas, o homem da vassoura recusou-se a responder se seria realmente candidato à Presidência da República do Brasil. *(Pausa)* De Hollywood chega a notícia que a atriz Marilyn Monroe foi internada com urgência no Hospital Cedros do Líbano, aonde chegou acompanhada do esportista Joe Di Maggio, para uma pequena intervenção cirúrgica. Os fãs podem ficar tranquilos. As agências internacionais informam que não é nada grave. *(Pausa)* Eu era do contra... Era... Mas acontece que passei a tomar *Sal de Fructa Eno* ao deitar e ao levantar. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja do contra! Tome *Sal de Fructa Eno*.

91

MARIA – O senhor aceita um cafezinho?

ANTÔNIO – Não, obrigado. Já estou de saída. Só estou esperando acabar o noticiário. *(O Speaker faz um gesto de agradecimento)*

SPEAKER – Duas novas estréias cinematográficas em São Paulo. No Cine Ipiranga a comédia *A Sogra*, com Procópio, Jayme Barcellos e a estrelinha Eva Wilma. No Cine Metro estréia *Salve a*

Campeã, com Esther Williams e Fernando Lamas, com uma cena de ballet aquático com a participação da dupla Tom e Jerry. Já pensaram? A Esther nadando com o ratinho Jerry?

ANTÔNIO – Que saudades da minha ratinha!

SPEAKER – E eu, então?

ZEZINHO (*Desligando o rádio. O Speaker, furioso, desaparece*) – Vou fazer com você um teste de inteligência. Antônio, diga lá. O porquinho convidou a porquinha para ir ao cinema. Conhece essa?

92

ANTÔNIO – Não. E não me interessa.

ZEZINHO – Diante do amável convite do porquinho, a porquinha perguntou: “*O filme é bom*”? (*Pausa*) O que foi que o porquinho respondeu? (*Diante da indiferença de Antônio*) O porquinho respondeu: “*O filme é ótimo. Quem trabalha é o Fernando Lamas*”.

ANTÔNIO – Muito engraçado. Estou morrendo de rir.

ZEZINHO (*Sentando-se ao lado dele*) – E o carrão? Quando chega?

ANTÔNIO – Fim do mês.

ZEZINHO – E a lambreta? Firme?

ANTÔNIO – Vai bem, obrigado.

ZEZINHO – Já encontrou comprador?

ANTÔNIO – Isso não vai ser problema. Tem muita gente querendo.

ZEZINHO (*Assentindo*) – O dinheiro é tudo na vida. Tudo se torna mais fácil quando há dinheiro no bolso.

ANTÔNIO – Sabe que você tem razão? Você por acaso já pensou em trabalhar?

93

ZEZINHO – Muito. Confesso que penso muito neste assunto. O que falta na minha vida é uma mulher que me estimule a progredir. Parece que você está passando pela mesma crise, não é?

ANTÔNIO – Engraçadinho!

ZEZINHO – Já posso até ver nos luminosos dos cinemas o nome de minha querida e talentosa irmã. Anabela, Cyll Farney e Grande Otelo, na sensacional película *Paixão nas Selvas*, inteiramente filmada na floresta amazônica. É, meu estimado cunhado e amigo, o mar não está pra

peixe. Acho bom você começar a procurar outra mulher. Eu já comecei a me preparar para ser o irmão de uma estrela de cinema. Quem sabe eu também seja contratado para fazer parceria com a Adelaide Chiozzo? No íntimo também tenho minhas ambições.

ANTÔNIO – Ah? Desistiu da lambreta? Vai ser ator também?

ZEZINHO – Convites, certamente, não faltarão.

MARIA (*Aproxima-se, furiosa*) – É bom parar de incomodar o Seu Antônio. (*Mostra uma carta*) Hoje eu vou ter uma conversinha com teu pai.

94 ZEZINHO (*Pulando*) – Me dá isso aqui!

CENA

Maria esconde a carta no seio, fugindo.

ANTÔNIO – O que é isso?

MARIA – Ah! O senhor não sabe?

ZEZINHO – Cale a boca, estou avisando!

MARIA – O mocinho tem mania de ser anônimo. O senhor não sabia?

ZEZINHO – Azar o teu. Estou avisando. Não quero nem saber. Pode fazer o que você quiser. Mas

depois você que agüente. A minha vingança será terrível! (*Sai de casa, furioso*)

ANTÔNIO – Mas, afinal, do que se trata?

MARIA (*Colocando as coisas sobre a mesa*) – Olhe aqui esse papel, essa caneta. E agora leia essas cartas.

CENA

Antônio começa a examinar o material, a ler a carta. Maria se afasta em direção à cozinha.

ANTÔNIO – Mas que danado! Foi ele quem escreveu esta carta? Os papéis em branco, a caneta... Tudo combina.

95

MARIA – Já escreveu cinco. Já decorei quatro. Uma mais indecente que a outra. Mas eu vou contar pro pai dele. Eu descobri que é ele, tenho as provas, e ele está morrendo de medo. (*Liga o rádio. Música 12*)

ANTÔNIO – Mas que menino mais sem-vergonha!

CENA

Conforme vai ouvindo a música e a letra, a cara de Antônio começa a brilhar maquiavelicamen-

te de satisfação, como que tendo uma idéia formidável.

MARIA – Agora o senhor me dá licença que eu tenho que lavar roupa. *(Sai)*

CENA

Antônio, à mesa, com a caneta e o papel do crime, começa a escrever. Confere a toda hora a letra de Zezinho, comentando detalhes, dando a entender que está imitando a caligrafia do outro. Levanta-se, conforme a música acaba, pega um envelope, fecha com a língua, com a carta dentro. Sua expressão é demoníaca. A música termina e a luz desaparece.

96

Som: Música 13.

CENA

Ao som da música, Anabela desfila com seu vestido frente à cortina. Pantomima com muita agitação. Efeitos de luz. De repente o Apresentador aparece e a segura por um braço. Mostra uma carta e aponta a saída para a rua, expulsando-a do concurso. Ana surge desesperada e segura a filha, defendendo-a. Anabela chora, deses-

perada. Todos desaparecem. Anabela, sozinha sob um spot, trêmula, triste, ofegante, chorosa, ao som da música 14. Escurece. Surge em cena, sentada, solene e elegante, a cronista Zenaide Andréa. Música 15 de fundo musical.

ZENAIDE – Foi realizado finalmente o grandioso baile da programação da vitória, no salão dourado do Hotel Glória, com a presença do júri e demais personalidades em evidência nos nossos meios artísticos e sociais. Era chegado o momento definitivo do concurso que promovemos, em combinação com o jornal O Globo e a Rádio Globo: a eleição de Miss Cinelândia 1954. Enquanto o júri deliberava, fechado em uma sala, o público aplaudiu entusiasmado a nossa querida Marta Rocha, a nossa maravilhosa Miss Brasil, que veio da Bahia para encantar o mundo e que injustamente deixou de ser eleita Miss Universo, injustamente, por causa de duas polegadas a mais. Coube então a Rubens Amaral, através dos microfones instalados no recinto, anunciar que a escolhida... A eleita... A nova Miss Cinelândia 1954... Havia sido a encantadora Avany Maura, representante do nosso Distrito Federal. Avany recebeu a faixa da própria Marta Rocha, sob uma avalanche de aplausos. (*Avany Maura surge, desfilando*) Em entrevista exclusiva para Zenaide Andréa,

que sou eu, Avany contou que sempre foi uma garota um pouco instrospectiva, uma sonhadora, como se costuma dizer. Às vezes, ainda em pequena, ficava horas e horas quietinha no seu canto, com muitas bonecas, de quem sempre se cercou. Nada de diabruras, de escalar árvores no quintal, de roubar a pitangueira do vizinho... Se, por acaso, a voz de soprano-lírico de sua mãe se erguia na atmosfera doméstica, Avany parava sua brincadeira tranqüila e vinha escutar, maravilhada, o trecho musical. E aqui ficam os nossos votos de muitas felicidades e muito sucesso para a linda Avany Maura, a nossa Miss Cinelândia 1954! (*Avany sai de cena, gloriosa, seguida por Zenaide*)

CENA

Som: Música 16. Casa de Anabela. Malas feitas, já arrumadas, perto da porta. Surge Maria, com o vestido tomara-que-caia, presente de Anabela. Liga o rádio. O Speaker aparece, ao mesmo tempo que Abel, que desliga o rádio. O Speaker, bronqueado, sai.

ABEL – Você sabia que a energia elétrica está custando o olho da cara?

CENA

Ana entra na sala.

MARIA – Sabia, sabia. O senhor fala isso todo dia.

ANA – Que vestido é esse?

MARIA – A Anabela me deu de presente.

ANA – E você vai ficar na cozinha de tomara-que-caia?

MARIA – Só coloquei pra me despedir do casal, de maneira distinta. Com o ordenado que eu ganho não dá pra comprar um vestido do meu próprio bolso.

99

ANA – Você só sabe é reclamar. *(Para Abel)* E você? O que é que está olhando?

ABEL – Eu? Nada. Estou esperando o casal.

CENA

Anabela e Antônio surgem, vestidos para viagem.

ANABELA *(Abatida)* – Está tudo pronto, mamãe?

ANA *(Abraçando a filha)* – Ah, filhinha! O que a vida faz com a gente!

ABEL – É bom nem tocar nesse assunto. Agora vocês só devem pensar na lua-de-mel e na nova vida que têm pela frente.

ANTÔNIO (*Ressabiado*) – E o Zezinho? Alguma notícia dele?

ABEL – Hoje de manhã telefonei para o Internato. O diretor disse que ele está bem.

ANABELA – Em vez de Internato devia ser Reformatório.

ANA – Filhinha, agora não adianta pensar mais nisso. Também não quero que você guarde rancor do seu irmão.

100

ANABELA – Quem escreve carta anônima, falando calúnias, devia é ir pra cadeia. Mesmo sendo irmão da gente.

MARIA – Eu bem que avisei! Eu bem que avisei!

ANTÔNIO – De qualquer forma, tudo já passou. Agora é vida nova. Bola pra frente, que atrás vem gente.

ANA – Toda experiência vale a pena. E, apesar de tudo, foi uma boa experiência.

ANTÔNIO – Vamos deixar a tristeza de lado. A partir de hoje, minha Ratinha, só quero ver você feliz, sempre sorrindo.

ABEL – E o carro? Está em ordem?

ANTÔNIO – O mecânico disse que nós podemos viajar sem medo.

ANABELA – Dizer que eu era mulher falada, de vida fácil... (*Choramindo*) Dizer que eu já fiz aborto! Eu, que nem sei direito o que é isso!

MARIA – Eu bem que avisei!

ABEL – Seu irmão sempre teve minhoca na cabeça.

ANABELA – E o cafajeste jurou de pés juntos que não havia sido ele! Jurou até em nome de Deus! Falso testemunho!

101

MARIA – Quem jura em falso vai pro inferno.

ABEL – Não adianta lembrar isso toda hora. Agora, no internato, seu irmão vai aprender a ter juízo. Eu conheço aqueles padres!

ANA – Agora esqueça tudo. Pense só no seu maridinho e como vocês dois vão se divertir na Praia Grande! Estou morrendo de inveja. Não é todo mundo que passa a lua-de-mel na praia. (*Suspira*) A minha foi dentro de casa.

ANABELA – Depois de conhecer o Rio... Que me interessa Santos?

ANTÔNIO – Ratinha... No Rio você estava sozinha. Em Santos você vai estar comigo.

ABEL (*Abraçando os dois*) – Vocês serão muito felizes, como eu e sua mãe temos sido até hoje.

ANA (*Sem convicção*) – Enfim... Se essa é a vontade de Deus... Até logo, querida. Boa viagem. (*Abraços e cumprimentos entre todos*) Passeie e se divirta bastante. O casamento não é tão ruim, você vai ver.

ANABELA – Quando a gente chegar, a gente telefona.

102 ABEL – Não precisa telefonar não, querida. O interurbano sai muito caro de Santos para cá.

ANTÔNIO – Sogrinha... Um beijo.

CENA

Atores improvisam abraços, beijos, cumprimentos, a despedida. Vão saindo em direção à porta.

ANTÔNIO – Ah, meu sogro! Estava esquecendo. (*Estende chaves*)

ABEL – O que é isso?

ANTÔNIO – São as chaves da lambreta. Quero que o senhor entregue ao Zezinho, depois que ele sair do internato. É um presente meu.

ABEL – Depois de tudo que ele fez... Você ainda é capaz disso?

ANTÔNIO – Não sou homem de guardar rancor. Da minha parte ele está perdoado.

ANABELA – Da minha parte... Nunca!

ABEL – Siga o exemplo do seu marido, Anabela. O Antônio tem bom coração. A gente perdoa na Terra e Deus perdoa no céu.

103

MARIA (*Mãos na cintura, debochada*) – Gozado, né? Empregada doméstica e pingüim de geladeira é a mesma coisa. Ninguém se despede.

CENA

Todos riem e Anabela abraça Maria, brincando entre si. Antônio abre a porta. O Speaker, sem ser chamado, surge atrás do rádio.

SPEAKER – Anabela, escreva, Anabela! Mande notícias. Eu estarei sempre aqui. (*Sai do rádio, rumo à porta*)

ABEL – Quem foi que ligou este rádio?

MARIA – Onde é que você pensa que vai? Volta já pra caixinha!

SPEAKER (*Voltando ao rádio*) – Adeus, Anabela, adeus! Eu quero que você saiba que eu sempre te amei, eu sempre te amei!

CENA

Anabela e Antônio acenam e saem, juntos com Ana.

104

ABEL (*Para Maria*) – Quer fazer o favor de desligar este rádio imediatamente?

SPEAKER (*Querendo que Anabela volte, gritando, acenando*) – Tenho notícias do Frank Sinatra! Notícias da Debbie Reynolds! Acabaram de chegar. Anaba! Anabela!

ABEL (*Para Maria*) – Vai desligar ou não vai?

SPEAKER (*Desafiando os dois, correndo pela sala*) – Não desliga! Não desliga! Eu também sou da família. Eu também tenho direitos. Não desliga! Não desliga!

CENA

Caos, corre-corre, sai ou não sai, desliga ou não desliga etc.

Som: Explode a música 17. *Stupid Cupid* indica os novos tempos que estão chegando, menos ingênuos, embalados pelo rock-and-roll.

THEARTE

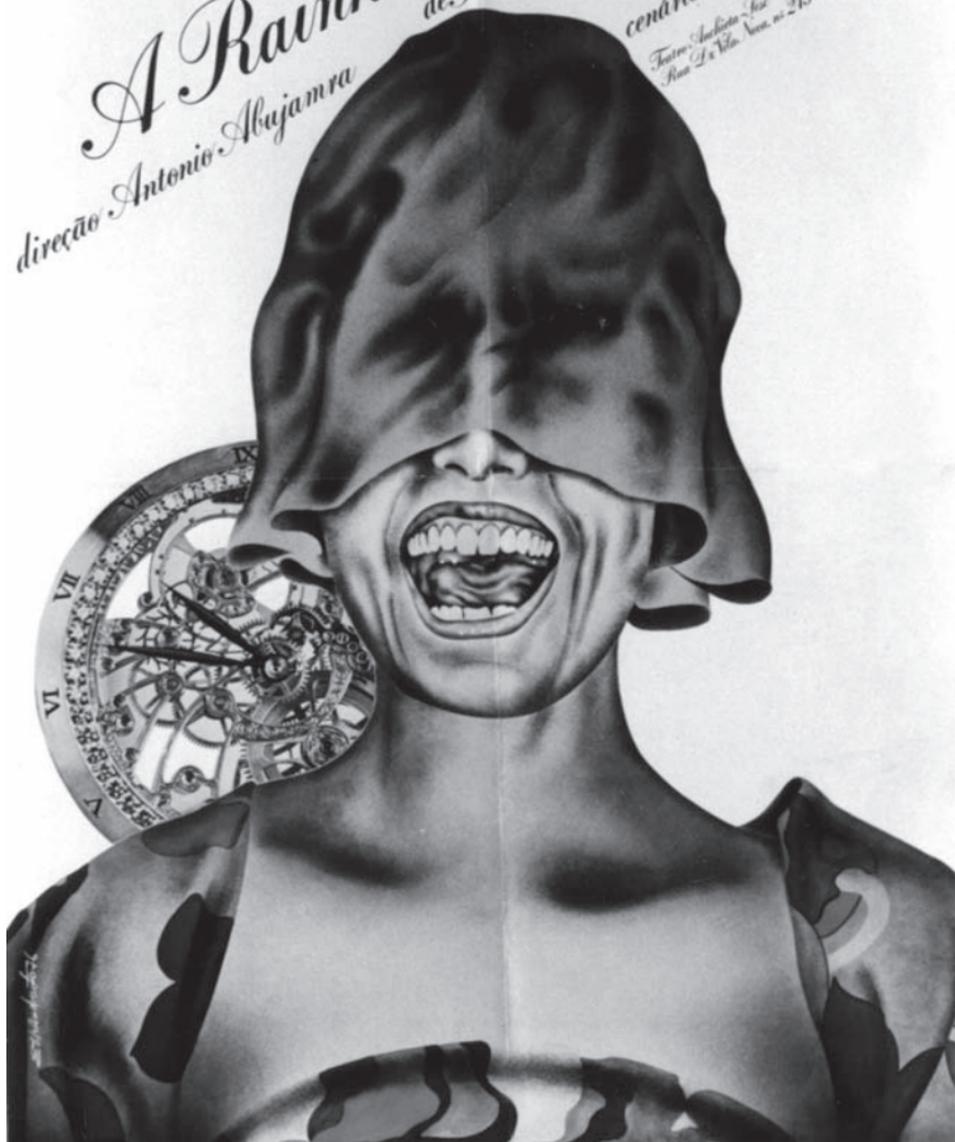


Cleyde Yáconis
A Rainha do Rádio
de José Saffioti Filho

direção Antonio Alujamra

cenário Elifas Andreato

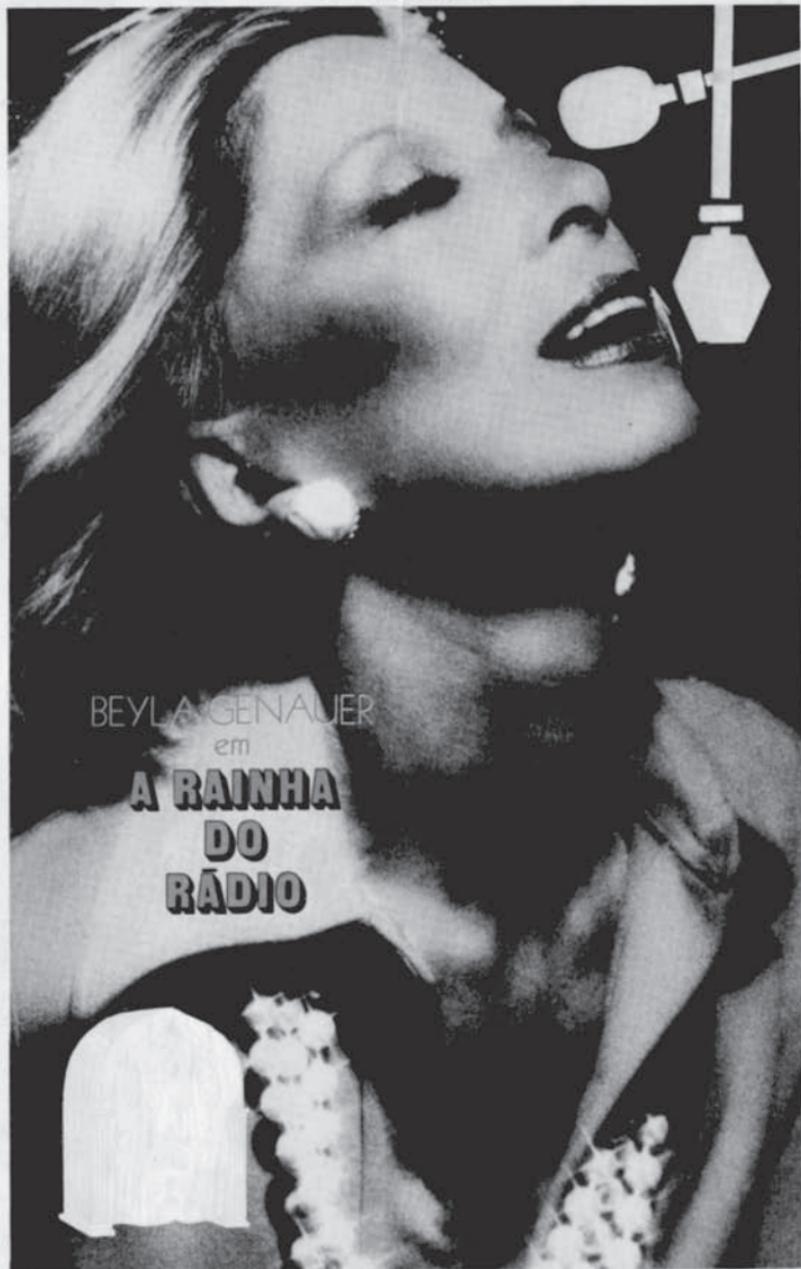
*Teatro Auditório São
Paulo - Vila Nova, n.º 245 - Teles: 236-2281*



Cartaz de Elifas Andreato para A Rainha do Rádio,
São Paulo, 1976

A Rainha do Rádio

BPA
APRESENTA



BEYLA GENAUER
em
**A RAINHA
DO
RÁDIO**

PATROCÍNIO DO
SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO—
MEC—DAC—FUNARTE

Capa do programa de A Rainha do Rádio, Rio de Janeiro, 1977

A Rainha do Rádio

Monólogo em ato único.

Uma cidade no interior do país, próxima à capital.

Brasil, 1974. Ditadura militar. Censura rígida dos meios de comunicação.

Estúdio da rádio “esperança do interior”.

Um relógio de parede, funcionando a partir das 12h, no início do espetáculo.

Adelaide Fontana está falando aos seus ouvintes.

“Monstruos. Oh, monstruos, razón de la pintura, sueños de la poesia! Precipicios extraños, secretas expediciones hasta los fosos de la luz oscura. Arabescos. Revelaciones. Canta el color con otra ortografía y la mano dispara una nueva escritura. La guerra: la española.? Cúal será la arrancada del toro que lhe parten en la cruz una pica? Banderillas de fuego. Una ola, otra desollada. Guernica. Dolor al rojo vivo. Y aquí el juego del arte comienza a ser un juego explosivo” *(pausa)*
Quem escreveu foi Rafael Alberti.. *(Pega um envelope e abre)*

Vamos continuar com a liquidação da correspondência. Vejamos... Quem escreve é José Antônio Nédicci, residente à Rua Institucional, número 5. (LÊ) Estimada "senhõra" Adelaide Fontana. O autor do verso "Um copo vazio está cheio de ar" é J. G. de Araújo Jorge. (*Amassa a carta e coloca no cinzeiro*) Sinto muito, senhor José Antônio Nédicci. O seu esforço não deu em nada. O autor do verso não é J. G. de Araújo Jorge. É, isto sim, o renomado compositor brasileiro Gilberto Gil, aquele que foi obrigado a passar férias forçadas em Londres. O senhor lamentavelmente errou e perdeu uma ótima oportunidade de ganhar graciosamente o long-playing "Refazenda", de autoria do próprio, que muitos consideram impróprio. (*Cantarola*) "Enquanto o tempo não trazer seu abacate, amanhecerá tomate e anoitecerá mamão. Abacateiro, sabes a que estou me referindo..." (*Outra carta*) Vamos liquidar mais uma. Alo, Alo, Adelaide. Um beijo na ponta do nariz. Obrigada. Numa hora como essa, uma manifestação de afeto sempre faz bem. "Assisto diariamente e sistematicamente ao seu programa". Sistematicamente? Não sei se isso é bom. Ficar sempre no mesmo Sistema. De vez em quando é bom mudar, para não estacionar. "A respeito do concurso da semana passada, tenho a declarar que – dois pontos – quem escreveu aqueles versos que dizem o seguinte: – Há quem tenha entranhas de posse. Há quem

tenha essência de dádiva... – foi a sua amiga Élide Falcão. (*Pausa*) Assinado: Carlos Labarca. Labarca ou Lamarca? A letra não está muito legível. Não, não, senhor Carlos Labarca, residente à Avenida Costa e Silva, número 5, Bar do “Ai, ai”. (*Amassa e joga a carta*) O autor desses versos não é a Élide Falcão. Quem os escreveu foi um padre chamado D. Hélder Câmara, que toca em outra paróquia. O D. Hélder é fogo. Até o Vaticano o acha indigesto. Em compensação, quando veio ao Brasil, a Rainha Elizabeth passou pelo Recife e fez questão de cumprimentá-lo pessoalmente, com as chamadas autoridades à volta, torcendo o nariz. Não sei se vocês sabem, mas é proibido escrever o nome de D. Hélder nos jornais. Também é proibido falar dele nas rádios. Só porque luta pelos fracos e pelos perseguidos é considerado um comunista. É mole?... O senhor perdeu uma ótima oportunidade de ganhar graciosamente o livro “O deserto é fértil”, de autoria do vigário em questão.

111

E agora vou ler duas das minhas preferidas. (*Pega livro e declama*) “Todos os amantes beijaram-se na minh’alma. Todos os vadios dormiram um momento em cima de mim. Todos os desprezados encostaram-se um momento ao meu ombro. Atravessaram a rua, ao meu braço, todos os velhos e os doentes. E houve um segredo que me disseram todos os assassinos”.

Quem escreveu foi Fernando Pessoa, poeta português já falecido, muito popularizado no Brasil pela cantora Maria Bethania.

“Vamos, não chores... A infância está perdida. A mocidade está perdida. Mas a vida não se perdeu. O primeiro amor passou. O segundo amor passou. O terceiro amor passou. Mas o coração continua”. (*Fecha o livro e, com violência, joga-o contra a parede. Pigarreia, mais calma*) Carlos Drummond de Andrade.

Liquidação final de correspondência. (*Lê carta*) Quem escreve é Yolanda da Silva, residente à Rua Porto Alegre, número 5. “Querida Adelaide Fontana. A poesia que diz – Se levo fortemente atados os meus braços, ouço os pássaros, sinto o perfume das flores... Quem me pode impedir essa felicidade, que me faz menos só e a marcha menos triste? – é da autoria de J. G. de Araújo Jorge.

Mais uma ouvinte burra. Como é triste mulher burra! O autor da poesia não é esse poeta xarope. Será que vocês, apesar do meu esforço, não conseguem ler coisa melhor? Não, Yolanda querida. O autor da poesia é um vietnamita chamado Ho Chi Minh. Um poeta oriental. Mas eu desculpo você. A poesia oriental é praticamente desconhecida neste País. Ainda mais se o autor é comunista, líder do Vietnã do Norte, e que fica

escrevendo poesias enquanto as bombas norte-americanas explodem sobre sua cabeça. Você, pra variar, perdeu uma ótima oportunidade de ganhar graciosamente o livro "Poemas do Cárcere", do autor em questão.

E agora, chega de correspondência! Acabou a correspondência. Nunca mais me escrevam, por favor. E, mesmo se escreverem, não vai adiantar nada. As cartas ficarão sem resposta. Não quero mais saber de cartas, concursos e respostas.

(Fuma) "Algumas palavras me inspiram sentimentos: crisântemo, mambembe e isosmia. Venha almoçar domingo comigo. Para não comer sozinha, cozinharei crisântemos ao forno para você. Sentimento: solidariedade para com os famintos. Moro num prédio mambembe. Minha conversa é mambembe. Mas você vai gostar de ouvir o último disco de Roberto Carlos. Sentimento: alegria pelo encontro de um gosto comum. Quanto à isosmia, meu bem, depende exclusivamente de você. Na falta de flores, perfumes e desodorantes... Sentimento: prazer pela integração tátil. No fundo, eu sou muito sociável. Vejamos você".

A autora é Élide Falcão. Título da poesia: "Cibrandinha Objetivada". Pela última vez leio uma poesia da Élide Falcão, poetisa desta terra, neste meu programa, nesta rádio que não é minha.

“Cirandinha Objetivada”... Um título afetado, mas charmoso. A Élide Falcão é uma mulher incrível, uma intelectual digna do maior respeito. Só que santo de casa não faz milagre. Nunca conseguiu editar um livro. Nesta terra ninguém dá valor pra ela. O máximo que pode ambicionar, no plano do reconhecimento, é virar nome de rua, depois de morta. A Élide é autora de poesias inacreditáveis, que eu nunca pude apresentar a vocês porque o Emílio nunca deixou. Toda vez, antes de ler uma poesia no meu programa, eu tenho que mostrá-la para o Emílio. O Emílio, como o próprio nome sugere, é o gerente, o todo-poderoso da rádio, aquele que faz e desfaz, que permite ou não permite. É careca, bigodudo e diz que consegue dar cinco numa noite. Problema dele... Comigo nunca deu e nunca vai dar... Tipo sebooso, sempre transpirando... Bom... Aí eu levo o script do programa na gerência, o Emílio examina e diz: essa pode, aquela não pode, essa pode, aquela não pode, essa pode, aquela você deixa comigo que eu vou levar pra casa. Nojento. Baixo nível. (PAUSA) Mas, neste País, não são essas as características que são exigidas para um cargo de poder? Gente boa é gerente? Gente boa tem poder? Claro que não. E os Emílios estão por aí, aos montes, espalhados nas gerências de todas as organizações... Argh! Dá vontade de vomitar.

A Élide Falcão é autora de versos fortes. Uma subversiva, é o que ela é. Subversiva sim, pornográfica não. Corruptora de menores não. Um último exemplo. Prometo que é o último. A última poesia da Élide Falcão.

“O cerimonial do enterro começou. “Ne me quittes pas”, com Maísa. Conhaque, cigarro e orgulho ferido. A questão é saber agora... se ressurgir melhor deste amor. Para completar a elegiada, a cremação do número do telefone. Mas a coragem me falta... de chegar perto do caderninho de endereços. Morto, serás uma reminiscência metaliforme. E eu corro o risco da dureza interior. Da mumificação do peito e da alma. E da prostituição maldita da vagina e da mão”.

115

A palavra não é exatamente vagina. É aquela outra, bem grosseira, que vocês estão pensando. Grosseira, mas natural. Todo mundo fala. Mas, por causa do Emílio, eu jamais poderia falar. Troquem o verso na cabeça de vocês e vejam como fica muito mais bonito e mais forte. “E da prostituição maldita... da vagina... e da mão”. (Ri) Ah, meu Deus! Mundo mundo, vasto mundo! Há quanto tempo eu não me divertia assim, falando tudo o que eu quero, tudo o que eu penso, sem nenhuma censura. Prostituição da mão vocês sabem o que é. (Ri) É masturbação.

Masturbação, vício solitário, prazer solitário, exercício que alivia nossas tensões, nossos tesões, nossos corações e aflições... Faz bem pra saúde e eu recomendo. É relaxante e revigorante. E essa é minha opinião e ninguém tem nada com isso. Qual é o problema? É gostoso e eu gosto. Pronto. Pronto! Pronto!! E aproveito pra informar mais uma vez para um monte de cretinos e cretinas desta cidade que eu não sou ninfomaniaca, embora não tenha nada contra. Andaram espalhando essa fofoca por aí...

116

Bem, meus ouvintes, meus queridos ouvintes, como vocês já perceberam, está no ar o programa "Suspiros ao Meio-Dia", uma visão feminina do mundo das poesias, das artes e da intimidade. Quem vos fala, mais uma vez, é a sua Adelaide Fontana, uma mulher que não tem preconceitos, que não tem nada nesta vida, que um dia já foi professora e que hoje é só locutora, que não tem caderneta de poupança, que ganha um salário que é uma miséria, que mal dá pra viver, que não tem família, porque todos já morreram e estão no purgatório ou no inferno, que mora sozinha, que tem um gato chamado Adalberto e uma cachorra chamada Francisca. Aposto que a maioria dos meus ouvintes não sabia de tantas intimidades a meu respeito. Nunca gostei de falar de mim. Nesse ponto sempre fui muito pro-

fissional. Nunca misturei vida particular com vida profissional, ao contrário do que tudo mundo faz aqui. E eu só fico olhando, que eu não sou boba. Não, mentira. Eu sou boba sim.

Nunca segui o conselho do Laing. Eles estão jogando o jogo deles. Eles estão jogando de não jogar um jogo. Se eu lhes mostrar que os vejo tal qual eles estão, quebrarei as regras do seu jogo e receberei a sua punição. O que eu devo, pois, é jogar o jogo de não ver o jogo que eles jogam.

Há 25 anos que eu faço este programa. Bodas de prata, minha gente. Há 25 anos estou casada com a Rádio Esperança do Interior, ZYK 7, ou zê-ípsilon-cacete, como todos dizem por aí. Hoje quem manda sou eu! Hoje é o meu aniversário! Hoje eu sou uma mulher livre. Uma locutora livre. Hoje eu posso falar de tudo. O programa de hoje é um novo marco na história radiofônica deste País. Lá nos Estados Unidos, terra dos nossos patrões, o Orson Welles irradiou uma invasão de discos voadores. E eu, hoje, aqui, estou irradiando novas verdades para vocês. O que até agora era proibido, a partir de agora não é mais. E vou corrigir tudo o que eu disse até hoje. Podem anotar!

Os tecidos da Casa da Amizade são uma porcaria. Não comprem lá de jeito nenhum. Aquele italia-

no do balcão é um mentiroso e um safado, que rouba da freguesia e canta as empregadinhas, querendo comer todas. Quem não dá, ele põe na rua. Ditador nojento e asqueroso. Os preços da Drogaria Maluffi são escandalosamente caros. É melhor morrer do que comprar remédio na Drogaria Maluffi. Sua saúde fica uma fortuna. A família Maluffi veio das Arábias para roubar nosso povo, bajulando os poderosos e as autoridades com os seus quibes e as suas esfihas e as suas festinhas promíscuas. Abaixo o monopólio comercial da família Maluffi! Não comprem no Supermercado Maluffi. Os preços são remarcados de hora em hora. O estoque é velho, é podre, é caro.

118

Não ouçam a Rádio Esperança do Interior! Sim, minha gente, não ouçam! Esta rádio, como vocês sabem, também é da família Maluffi. Colocar comercial aqui custa os olhos da cara. Os empregados, coitados, ganham salário de fome. Cambada de exploradores!

E mais: atenção esportistas em geral e amantes do futebol! Não assistam aos jogos do Esperança Futebol Clube. O time é dominado pela família Maluffi. O Nabi Maluffi, que vocês elegeram deputado, vive metido em maracutaias na Federação, na Assembléia e lambe as botas dos poderosos que dão as cartas neste País. Não com-

prem o jornal “Gazeta da Esperança”! Apesar do diretor do jornal ser o Padre Zequinha, que é um amor de pessoa, o jornal pertence à família Maluffi. O noticiário é parcial e mentiroso, atendendo somente aos interesses da família, que domina os meios de comunicação nesta cidade, que cai de pau nos políticos da oposição e só faz média com o Governo. Não acreditem em nada, em nenhuma notícia publicada, em nenhuma notícia aqui falada. Compre somente jornais da capital. Ouçam somente as rádios da capital. Abaixo o interior!!!

(Som de telefone. Adelaide pára, surpreendida. O telefone toca novamente. Ela atende)

119

ADELAIDE (*Cínica*) – Pois não? Rádio Esperança do Interior, às suas ordens!

VOZ OFF – Adelaide? Minha amiga? Como é que você vai?

ADELAIDE (*Desconfiada*) – Quem é que está falando?

VOZ OFF – É o seu amigo de todas as horas, que te quer muito bem.

ADELAIDE – Padre Zequinha? Ah, Padre Zequinha! Me pregando trote? O senhor sabe que

eu acabei de falar o seu nome neste mesmo instante?

VOZ OFF – Sim, minha filha. Eu ouvi. Me avisaram do seu programa. Acabei de ligar o rádio. Isto é: todos na cidade estão ouvindo.

ADELAIDE – Que ótimo. Que notícia maravilhosa. Meu programa geralmente não dá ibope. E quase nunca um ouvinte me telefona.

VOZ OFF – Adelaide, eu preciso falar com você.

ADELAIDE – Mas é claro! Pode falar, Zequinha. Além de padre, o senhor é amigo.

120 VOZ OFF – Não. Por telefone não dá. Eu gostaria de ir até aí, falar pessoalmente.

ADELAIDE – Pessoalmente? Não. Hoje eu não estou atendendo ninguém pessoalmente. Hoje é um dia de festa. Minha festa particular. São 25 anos, padre. 25 anos!

VOZ OFF – Fico contente com isso. Meus parabéns, Adelaide.

ADELAIDE – Pode ficar tranqüilo, padre. No meu programa não vou dar sua ficha.

VOZ OFF (*Pausa*) – Adelaide, escute. É muito importante o que eu tenho pra te dizer.

ADELAIDE – Muito mais importante, padre, com todo o respeito, é o que eu tenho para dizer. Afinal, o senhor tem um púlpito e uma platéia fixa para fazer os seus sermões. E eu, a única coisa que eu tenho, é um microfone. Olha, padre. Não fique com raiva de mim.

VOZ OFF – Raiva de você? Não. Não fale assim.

ADELAIDE (*Cortando*) – Deixa eu falar, padre. Hoje quem fala sou eu. Eu só queria, padre, que o senhor pusesse uma coisa em sua cabeça: o meu programa hoje é um programa verdadeiro, sem mentiras, sem camuflações, sem pecado. Amanhã, se alguém falar de mim, o senhor pode garantir: Adelaide não estava bêbada. Estava perfeitamente sóbria. Adelaide não estava louca. Estava perfeitamente lúcida.

121

VOZ OFF – Adelaide, se você está sóbria e lúcida, quero que você preste atenção naquilo que eu vou te dizer. E não me corte. Você tem que parar com isso, agora, imediatamente. Você está correndo perigo. E eu estou indo aí...

(Adelaide desliga o telefone. Literalmente, arancando o fio. Jogando-o longe. Depois, calma, acomoda-se novamente frente ao microfone)

Se há um homem que eu adoro nesta vida é o Padre Zequinha. Apesar daquela batina encardi-

da que ele não tira do corpo. Uma vez ele foi em casa almoçar, a meu convite. Servi feijoada em lata, com uma farofa que eu fiz. Foi uma loucura. Tive que limpar a casa com aspirador. Havia farofa pra todo lado. Quando ele faz sermão, tadinho, todo mundo senta à distância pra não ficar respingado de cuspe. Ele só fala cuspindo, tadinho. O que é chato é que ele nunca mais voltou em casa. Disse que teve disenteria. Só se foi com a feijoada, que eu comprei no Supermercado Maluffi. (Ri)

122

Sabem, pessoas? Eu não quero ser mais eu! Gostaria imensamente de ser rica em dinheiro e palavras. São minhas grandes pobreza. Nunca tive dinheiro suficiente, nem palavras suficientes, para fazer e dizer tudo que quero. Mas não é assim que Deus faz e gosta? Primeiro a gente sofre. Depois morre e vai pro céu. Aqui é este inferno. É uma tortura... outra tortura... torturas que não têm fim.

Rádio Esperança do Interior. Suspiros ao Meio-Dia. São exatamente... (Olha o relógio) Meia-noite e uns quebrados! É isso aí, pessoas! Estamos hoje falando ao contrário. Quem é que não sabe que o horário do meu programa é ao meio-dia? Porém, hoje, excepcionalmente, muito mais que excepcionalmente, estamos irradiando pela primeira vez à meia-noite. Isso é que é surpresa,

hem, pessoas? Um programa inédito, novo, de poesia, de arte e de intimidade. "O cerimonial do enterro começou". A Rádio Esperança do Interior já devia estar fechada e fora do ar. Mas aqui estou eu, firme como um cipó, dando minha mensagem de carinho e afeto para vocês. Quero confessar para vocês que para mim isso significa um desafio. Claro que é um desafio! Conseguir, sozinha, manter o entretenimento de vocês não é fácil, ainda mais neste horário, em que a maioria das pessoas está dormindo e outra parte assistindo televisão. Quem é que consegue manter a pessoa interessada, quietinha, atenta, ouvindo rádio, hoje em dia? Se não bastasse a censura oficial, existem tantos ruídos na comunicação. Ruído é uma palavra da moda, usada por estudantes de comunicação, que pensam que sabem tudo mas não sabem nada. Por exemplo: se você está ouvindo rádio e alguém aperta a campainha, e você dispersa e vai atender, isso é ruído. As mentiras que você ouve o tempo todo é ruído. A versão oficial dos fatos é um ruído. O silêncio é um ruído. O medo é um ruído. Se você é uma mulher com mais de 40 anos, a sua vida é um ruído permanente. Ainda mais se você é solteira e sozinha, como eu. Se você é inteligente, tudo bem. As pessoas gostam da sua companhia porque você sempre tem uma observação inteligente para fazer sobre qualquer assunto.

Se você é espirituosa, melhor ainda. As pessoas sempre vão poder rir à vontade com as bobagens que você improvisa. A vida de uma mulher de 40 anos, como se diz... uma balzaquiana... , numa cidade do interior... não é fácil. Quais os lugares que você pode freqüentar? Ou você fica sozinha em casa, ouvindo ópera, ou fica ao telefone fofocando com a Élide Falcão, ou lendo "Memórias do Cárcere", ou então você acaba indo, como sempre, ao único barzinho relativamente decente da cidade, que é o Transa-Amazônica-Bar. Aí você escolhe uma mesinha, junto com outras senhoritas da sua idade, e fica bebendo martini. Se você tem alguma pretensão com relação a alguma aventura amorosa, você tem que ficar atenta, sem piscar, bem maquiada, como uma serpente em prontidão para dar o bote, na expectativa de um viajante em trânsito pela cidade, ou de um jogador de futebol carente de carinho e de afeto, solitário, com saudades da família que mora longe. Você só tem campo de relacionamento entre solteironas como você. Os casais sempre rejeitam a companhia de pessoas solteiras. Ser solteira é ser marginalizada. Em cidade do interior, solteirona, bicha e artista sempre andam em grupo.

A gente sente quando o tempo passa e quanto passa. Quando a gente vai ficando velha e feia,

quando, de repente, as pessoas vão olhando menos para a gente. De repente você está num grupo e você desaparece. Porque não olham mais para você.

Ser solteirona, feia e burra, então, é a maior desgraça dessa vida. É o caso da Maria Pia Maluffi, diretora desta rádio. Mas acontece que ela é rica. Acontece que ela pode fazer plástica. Viaja pro Exterior. Viaja pelo Brasil, pelas capitais, onde os homens cada vez mais estão trepando com mulher velha, feia e burra a troco de dinheiro. E dinheiro é o que não falta pra ela. Pelo menos é o que todos comentam na cidade.

Se alguém te dissesse que você tem poucas horas de vida, que daqui a alguns minutos você vai morrer, que o câncer tá te comendo inteira por dentro, de que atitude extremada você seria capaz? Se te falam que você não tem escapatória, do que você seria capaz? *(Pausa)* Pois é, ouvintes. Este é o meu último programa!

(Barulho de pancadas ao longe, tipo arrombamento. Ela percebe)

Num clima de ordem e tranqüilidade, num horário fora dos padrões de uma rádio do interior, eu apresento para vocês o meu ÚLTIMO programa. Pela última vez... "Suspiros ao Meio-Dia", mesmo

sendo meia-noite e uns quebrados. Indo ao ar pela primeira vez neste horário, é também a sua última audição. Num clima de ordem e tranqüilidade, como todo “programa nacional” que se preze. “The last radio show”!

Não, pessoas, eu não vou morrer não. Não se preocupem. Esse câncer que eu citei é um exemplo, um tipo de doença que está corroendo a tudo e a todos.

Pessoas, adeus! É tarde, eu já vou indo, eu preciso ir embora. Até nunca mais! Vou mudar de cidade, porque esta já não me serve mais. Já cansei. Já levei porradas demais.

126

Mas eu não quero falar de tristezas. Aviso aos navegantes: já paguei todas minhas dívidas, despedi decentemente a tia Juscelina, minha fiel e encantadora empregada há muitos e muitos anos, e o meu fusquinha, com todas as minhas malas, está lá embaixo, na rua, pronto pra engatar numa primeirona.

A Élide Falcão, por uns dias, vai hospedar o Adalberto e a Francisca. Depois, quando eu me acomodar na minha casa nova, na capital, eles voltarão para os meus braços. Élide! Quero, publicamente, dizer: muito obrigada!

Na realidade, este programa de aniversário não foi planejado. Na hora de ir embora eu disse para mim mesma: Adelaide, depois de 25 anos frente aos microfones da Rádio Esperança do Interior, falando para milhares ou centenas de ouvintes, sempre levando uma mensagem de carinho, afeto e otimismo, você seria capaz de ir embora assim, de repente, sem se despedir de ninguém? Aí eu mesma respondi: não, realmente eu não seria. Quem cala, consente. Aí resolvi e vim para cá. Sempre tive comigo as cópias de todas as chaves desta prisão, para o caso de uma emergência, de uma necessidade qualquer. Aí usei as chaves. Aí fechei as portas. Aí coloquei a rádio no ar. E aqui estou eu. Pra dizer adeus. (*Barulho ao longe. Ela acende um cigarro*) Chamem todos em casa. Acordem os seus vizinhos. Que a cidade inteira ligue os rádios. Meu último programa, meu programa de aniversário, está no ar. Sim, senhoras e senhores, está no ar... (*Espirra*)

127

Não agüento mais o clima da região. Não agüento mais oito meses de frio e quatro de calor. Enjoei de tanta neblina, de tanto ar puro e forte, de tanta fruta madura, de tanta isosmia enjoativa. Não agüento mais este sol carrancudo e essas casas geladas. Chega de resfriado! Chega de reumatismo! Chega de levar escorregão nesses paralelepípedos úmidos. Chega de cumprimentar

tanta gente que eu sempre quis mandar à merda. Principalmente a família Maluffi, corruptos, exploradores! No verão eu fico com a bunda cheia de espinha. E, na cara, o nariz vermelho, como um tomate. Esta cidade é uma árvore cheia de urubus, os de cima cagando nos de baixo. Chega de fofoca, de maldade e de destruição. Agora eu resolvi ser anônima. Anônima, sem identidade, na massa da cidade grande.

Chega de agüentar a Rádio Esperança do Interior!

128 Chega??? Chega uma pinóia! Eu não vou sair assim, com o rabo entre as pernas não, pessoas. Eu quero botar os pingos em todos os is. Depois de 25 anos, de luta, suor e encheção de saco, Adelaide Fontana foi demitida! Corte de pessoal devido à reformulação da "política interna". Vão todos pra puta que o pariu! Depois de 25 anos, me chamam na gerência e falam: Adelaide, querida, o Instituto de Pesquisa Radiofônica, o tal IPR, constatou em pesquisa junto ao público ouvinte que os programas de poesia faliram. Os ouvintes não querem mais poesia. A poesia morreu. Agora só interessa música pop, rock e noticiário internacional. O nacional, vocês sabem, é proibido. É por isso que estou me despedindo, pessoas. Eu, Adelaide Fontana, fui demitida. Ganhava um salário-miséria, não dava despesa alguma, 25 anos ali, oh! (*Gesticula*) Cospem em

você. Pisam você. Você não vale nada. Chupam tudo o que você tem e, depois, quando você está seca, sem sangue, jogam você no lixo. E você que se vire. Porque isso é problema teu. Porque não há piedade.

Cambada de vampiros! Onde é que está a maior violência, hem, pessoas? Em me jogarem na rua, do jeito que me jogaram, ou nos palavrões que estou vomitando agora? O que é que impressiona mais você, amigo ouvinte? O que é que mais te incomoda, o que é que choca mais você? Bunda? Vagina? O palavrão que eu falo ou a injustiça que eu sofro? *(Pausa prolongada)*

Por uma questão de direitos autorais, e porque sou honesta, informo que essa última frase é de autoria da Élide Falcão. Faz parte de uma de suas poesias.

Esperar lealdade do meu público? Não passo mesmo de uma simplória. O amigo ouvinte não presta mesmo. Não vale nada. O amigo ouvinte deve estar achando graça. Rindo, com sadismo. Pensando: “Quero que ela se foda!”

Alguém quer me dar conselhos? Eu já recebi. O Emílio foi bonzinho. “Quem senta pra chorar nunca mais levanta. O maior remédio para curar mágoa é o trabalho”. E, pra encerrar a conver-

sa, me deu um cheque, com fundo de garantia, férias e décimo-terceiro. Uma gracinha. Corre-tíssimo! Junto com o cheque, a publicidade do Banco do Estado: "Só o trabalho pode produzir riquezas". Trabalhei que nem burra a vida inteira e não produzi nenhuma porra de riqueza. Meu pai é quem tinha razão: quem trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro. Morreu pobre, mas coberto de razão.

Não sei se vocês sabem, mas a família Maluffi tem um lema. Esse lema tá na rádio, no jornal, no supermercado e na fábrica: o impossível nós fazemos na hora e os milagres no dia seguinte.

130 Acontece que o impossível fica para o nosso lado e quem se aproveita dos milagres são eles. Mas não são realmente uns grandes filhos da puta??

Mas eu sei muito bem qual é o motivo, ou um dos motivos. O motivo é a minha personalidade, o meu comportamento coerente e a inveja das pessoas. Se você é diferente, não tem escapatória. Sempre querem a tua pele. Fui várias vezes acusada de criar crise na rádio. De perturbar o ambiente de trabalho. Agora: criar crise por quê? Por reagir ao ser ofendida? Por defender os meus direitos? Vou contar pra vocês uma história que é ridícula, mas bem ao nível das pessoas que

me rodeiam, e que serve perfeitamente como exemplo. É a história do banheiro.

Antigamente a rádio só possuía um banheiro. Ora, eu não podia usar banheiro que homem usa. E eu era a única mulher da rádio. O pessoal fazia questão de mijar pelas paredes e no contorno do vaso. Pinto de homem só tem pontaria numa coisa. Mas, na hora de mijar, é uma desgraça. Homem só sabe mijar nas laterais. Um nojo! Um nojo! Como é que eu ia sentar no vaso? Não ia, claro. Tinha que sair daqui dentro, descer a escada e ir fazer minhas necessidades no banheiro da vizinha.

Aí o Emílio falou pra mim: a senhora está querendo um vaso só para a senhora? Isso não tem sentido. Por que a senhora pensa que é melhor que os outros?

O que não tem sentido – eu respondi – é eu querer me sentar, fazer minhas necessidades, como uma pessoa civilizada, e sair com a bunda molhada com o mijo dos outros, me arriscando até a pegar uma gonorréia.

Bom... Aí, né... Aí estourou a crise. Tanto fez, tanto se falou, tanto se xingou, que aí resolveram construir um banheiro feminino, aqui, atrás do estúdio, com a desculpa de que, de repente,

a dona Maria Pia podia aparecer e querer usar. E, como a bunda dela é mais importante que a minha...

Claro que a Maria Pia nunca usou. Ela nunca apareceu por aqui!

Aí ficou todo mundo na expectativa, esperando a hora da inauguração. E eu segurava, mas não ia.

Tinha gente que chegava para mim e gozava: Como é? Quando vai inaugurar?

Resolvi ignorar. Quem é rainha não dá trelas à ralé!

132

Abri a porta e entrei. Fechei a porta e sentei. Quando eu olho pra frente, dou de cara com um cartaz, escrito com tinta vermelha: o peido é o suspiro de um cu magoado.

Ha, ha, ha! (*Tom de protesto*) Pornografia barata, com o intuito de me escandalizar, de me agredir, de me provocar. O que foi, então, que eu fiz? Armei o escândalo que eles queriam. Armei um escândalo nesta rádio que não tinha nem por onde... O Emílio falou: Não se melindre com isso. É brincadeira do pessoal. Nós, brasileiros, temos muito senso de humor. Por que transformar isso num caso de segurança nacional? Em

todo caso, vou nomear uma sindicância para descobrir quem foi.

Claro que a sindicância não deu em nada. E a história morreu aí? Na semana seguinte, um novo capítulo. Sento no vaso, olho pra frente e dou de cara com nova pérola: o peido é um arroteo que não achou o caminho da boca. O pessoal é muito criativo. Não tive dúvidas. Armei outro bafafá. O Emílio me chamou na gerência: Dona Adelaide, ainda que mal me toque, a senhora está fazendo tempestade em copo d'água. Quem semeia vento colhe tempestade.

“Se o senhor está insinuando que aqui dentro eu semeio vento, ou qualquer que seja a terminologia que o senhor queira empregar, o senhor acabou de declarar guerra. Vou escrever uma carta para o Maluffi pai, outra para o Maluffi filho, outra para a dona Maria Pia, denunciando o ambiente de depravação aqui dentro”.

133

Bom... Aí pra quê, né? Aí ganhei um inimigo. O Emílio passou a querer me ver morta. Todo mundo me rotulou de subversiva. E essa política de colocar rótulos, num ambiente de trabalho, é uma forma de guerrilha, de menosprezo.

Eu não escrevi porra de carta nenhuma, mas cutuquei a onça com a vara curta. Na semana

seguinte, um novo capítulo. Sento no vaso, olho pra frente e dou de cara com a derradeira e criativa pérola: o arrotto é um peido que não achou o caminho do cu.

Foi então que eu percebi. Foi então que eu entendi, finalmente, todo o processo. Estavam, calculadamente, pacientemente, montando uma armadilha para mim, na expectativa de uma grande explosão, de uma reação de minha parte que fosse irreparável, que fosse imperdoável. Se eu reagisse à altura, eles teriam motivo para me despedir na hora. Insubordinação, indisciplina, subversão, desrespeito à hierarquia, desafio à ordem, à segurança nacional, ou qualquer coisa assim. Aí eu decidi!

134

E fiquei quieta. Quieta no meu canto, sem protestar, sem abrir a boca. Mas, com ou sem banheiro, eu já havia cavado minha cova. As pesquisas decretaram a morte da poesia. Já que a tortura física e psicológica não havia surtido efeito... a poesia estava morta. As botinas da grossura pisaram na poesia. E aí encontraram justificativa para me despedir.

Mas o verdadeiro motivo da demissão, ninguém me engana, essa desculpa eu não engulo, o verdadeiro motivo não é esse. Não é pesquisa de audiência, não é subversão, não é a falência da poesia.

O verdadeiro motivo – é bom que vocês saibam – e eu já não tenho mais nenhum motivo para ter medo – o verdadeiro motivo é o Vladimir. E a cidade inteira sabe, todos ficam cochichando quando eu passo, as mulheres me olham com ódio, os homens com malícia, os adolescentes com desejo...

Só pra vocês começarem a entender: o Vladimir é filho da Dinorah. A Dinorah foi minha amiga de infância e coleguinha nos meus tempos de bandeirante. Depois afrescalhou-se, virou a cara, deixou de me cumprimentar, entrou no high-society e virou madame. Faz parte, todos os anos, da lista das 10 senhoras mais elegantes da cidade. *(Ri)*

135

O marido da Dinorah é o Dr. Cyro, que é médico, ginecologista, um senhor muito distinto, diretor do Lions Clube. Ele é leão, ela é domadora. *(Tom de deboche)*

O Vlado, que é o Vladimir, é filho único do casal. A namorada do Vladimir, que eu quero se foda, é aquela nojentinha, a Sandrinha, aquela que só anda de nariz empinado, filha do Maluffi Filho, que tem casa de praia em Angra.

E agora, pra resumir a história, me respondam: E quem é a depravada??? E quem é a corruptora de menores?? E quem é que tem que ser expulsa

da rádio?? E quem é que tem que ser expulsa da cidade?

Se fosse um velhote transando uma garotinha, todo mundo acharia muito natural e saudável. O garanhão comendo a gazela.

Mas neste caso ninguém perdoa. Ninguém admite que possa existir amor e que possa ser saudável o relacionamento entre uma mulher quarentona e um garoto de 16 anos de idade.

136 A sociedade subestima a garotada de 16 anos. Pensam que são anjos, puros, inocentes, desinformados, corruptíveis? (*Ri, com desprezo*) Hipócritas! Todos vocês! Hipócritas! (*Acalma-se e suspira*)

A gente se conheceu na piscina. O Vladimir é um homem, mais alto que eu, um metro e oitenta e pouco, campeão de natação, físico de Apolo. 16 anos!

Queria, porque queria, me ensinar a mergulhar, a boiar, a fazer pesca submarina na piscina, coisas desse tipo.

Dia de chuva. Piscina vazia. Só nós dois na escadinha.

Ele contava: um, dois, três, já!

E nós descíamos ao fundo, tipo brincando, disputando para ver quem conseguia ficar mais tempo embaixo d'água sem respirar.

Lá embaixo, ele me puxava pelas costas, me abraçava por trás, eu escapava, não queria, não queria mesmo, juro por Deus, empurrava "ele" e subia.

Ele vinha atrás, com cara de santo, como se não tivesse acontecido nada, com aquela boca linda, os dentes perfeitos, brancos, aquele sorriso que até hoje me tira o fôlego, fingindo que tudo era muito natural, que eu não deveria ficar nervosa. "A água está fria, né? Vamos de novo?"

137

E eu ia.

Quem não iria? Quem teria condições de dizer não? Não, não vou. E por que eu não iria? A gente não vai mesmo morrer um dia? Por que ter medo de ser feliz, mesmo que essa felicidade seja proibida, condenada, amaldiçoada? Adianta morrer e não ter vivido, por medo, por covardia?

Acho que foi minha admiração por ele e a malícia que começava a nascer em mim, a tentação

e a excitação pelas coisas erradas, acho que tudo isso, e mais alguma coisa que não sei, sei lá, fizeram com que eu concordasse com suas brincadeiras...

Estou teorizando demais. Pra resumir: foi tesão mesmo!

Ah! Aí... lá embaixo – voltando à piscina – ele abaixava o calção... e eu sentia alguma coisa incrivelmente grande, incrivelmente desproporcional – para os meus padrões, porque não sou tão vivida assim como muitos pensam – aquela coisa encostando em mim, queimando minha pele como fogo.

138

Eu ficava dura, imóvel, curiosa, excitada, morrendo de desejo, com medo de corresponder, em estado catatônico.

Gente, que paixão! Entrei numa fase de insônia. Já não conseguia dormir mais. Fiquei com olheiras. Olheiras enormes. Cada dia mais fascinada, cada dia mais resolvida a me soltar, a concordar, a consentir.

(Barulhos ao longe, de arrombamento)

Todo mundo sabe que eu tenho em casa uma coleção completa de discos de ópera, que comprei pelo correio, com fascículos. Já emprestei vários

discos para o padre Zequinha, que também é um grande admirador de ópera.

Uma noite... sem que eu esperasse, adivinhem só quem é que aparece em casa!

O Vladimir... querendo ouvir os meus discos de ópera. Disse que não conhecia, que queria conhecer, que ópera era muito importante, por onde ele deveria começar, qual ópera que deveria ouvir primeiro.

Se a minha consciência doía, meu desejo tornou-se maior que o medo.

Com aquele jeitinho encantador de adolescente, com toda a espontaneidade que é própria da idade, ele virava pra mim, no meio da "Traviata"!, e perguntava, com aquela cara mais linda do mundo: "Como é? Tá a fim de levar ferro?"

139

Gente, que baixaria!

Ai, que baixaria mais excitante! Mas que cara de pau! Existe maior atrevimento? Isso é que é honestidade! A espontaneidade típica de um adolescente.

Eu já havia perdido minhas forças há muito tempo. Já não resistia mais. Deixava ele fazer comigo o que queria. E ele fazia.

Seu linguajar era uma beleza: "Como é? Quer que molha ou vai a seco?" (Ri) Eu morria de rir e o chamava de estúpido, grosseiro e outros palavrões. E ele nem aí. Ria também... e mandava ver.

Pois é, pessoas.

A felicidade estava na minha mão. O único problema é que a felicidade tinha 16 anos. E eu... um pouquinho mais de quarenta. E não pode. Porque não pode. (Barulho ao longe)

140 Porque as crianças são inocentes. Os adultos é que são os depravados, os corruptores. As crianças não. As crianças são frágeis, inocentes, submissas, impressionáveis, manipuláveis. Nós, adultos, somos os monstros, aqueles que vão para o inferno, aqueles que vão para a cadeia, pra cadeira elétrica, pra tortura permanente.

Hipocrisia... hipocrisia...

Já perdi até a conta de quanto dinheiro ele pediu emprestado para mim. Não que precisasse. Mas o pai regulava a mesada. A mãe, uma perua, não solta um tostão. E dinheiro, pra mim, não tem nenhuma importância. Mulher na minha idade tem que ser generosa, tem que ter a mão aberta, tem que dar muitos presentes.

Cara de menino. Jeito de menino. Conversa de menino. Mas que homem! Ele tem um peito... Ah, que peito! Aquilo não é um peito! É uma planície! Lisa, infinita, sem pêlos. O espaço era tanto, que eu nunca sabia por onde começar. E, no meio do peito, duas tetas, duas tetinhas, duas rosáceas, vermelhas, salientes, suplicantes.

Ah! Os adolescentes... e o perigo que representam!

Depois... o tempo foi passando. Começamos a deixar de ser alegres. Eu penso, remôo e pergunto: qual foi o momento, exatamente o momento, em que começamos a atrofiar nossa capacidade de alegria? Qual foi exatamente o momento em que começamos a nos sentir culpados?

141

Num ponto eu sou diferente das minhas amigas. Eu não dou crédito aos meus sentidos. Para mim nunca existiu amor à primeira vista e a expectativa do prazer imediato. Eu nunca valorizei a quantidade, a insinuação e o apetite. Se eu vou a um restaurante, eu nunca consulto o cardápio. Sei, de antemão, exatamente o que quero.

As meninas, no Transa-Amazônica-Bar, ficam sonhando, discutindo e perguntando: por que não amo? por que não amo? E aí concluem: porque não houve ebulição. Não havendo ebulição não há amor. E ficam falando para as

paredes, monologando uma com as outras, que não houve amor porque não houve sintonia. E à noite, aposto, sozinhas com o travesseiro, rezam para dormir, e o sono não vem, e elas ficando pensando em amor, em sintonia, em prazer, em orgasmo, em felicidade, em respeito... e o sono não vem, e elas ficando se remexendo de um lado para o outro, e o sono não vem, elas olham o relógio, elas pensam no tempo... tem hora que elas pensam na vida e pensam na morte... e ficam pensando na morte. E o silêncio... as horas que não passam...

142

Todo dia, de manhãzinha, minha mãe batia na porta para me acordar. (*Faz toc-toc na mesa*) Adelaide, acorda, diabo! (*Toc-toc*) Um minuto depois quem batia era meu pai. (*Toc-toc*) Acorda, vagabunda! Tá na hora da escola! (*Toc-toc*) Não bata a porta da geladeira! Não sabe fechar a geladeira com cuidado? Essa menina tá malcriada! Você não dá educação pra essa menina! (*Toc-toc*) Adelaide, tão batendo na porta! Vá atender! (*Toc-toc*) Adelaide, saia do banheiro! Tá dormindo aí dentro? (*Toc-toc*) O que essa menina tanto faz no banheiro? (*Toc-toc*) Precisa acabar com essa mania de ficar lendo romance na privada! (*Toc-toc*) Morreu aí dentro? (*Toc-toc*) Por que tem que se trancar dentro do quarto? Que segredos você tem pra esconder aí dentro?

(Toc-toc) Saia, diabo! Saia já! *(Toc-toc ao longe, mais forte, diferente, misturando-se com o toc-toc que ela faz à mesa)* Adelaide, pare de sonhar acordada e vá bater o apagador lá fora! *(Toc-toc)* Mamãe, deixa eu entrar? *(Pausa)* Que é que você quer, menina? *(Pausa)* Deixa eu entrar? *(Pausa)* O que é que você quer? Seu pai está dormindo. Vá já pra cama! Essa menina não dá sossego! *(Toc-toc)* Adelaide, foi você quem fez isso? Fui, fui eu! Você viu como ela enfrenta? Essa menina não tem medo de nada. Essa menina precisa aprender a ter medo, a respeitar os outros. Venha pra cá, já! Levante a saia! *(Imita cintadas)* Tome ! Tome! Tome! E agora – já de castigo!!! Vê se aprende, desgraçada! Uma menina que tem de tudo! Uma menina que não presta pra nada! *(Toc-toc)*

143

É proibido isso! É proibido aquilo! É proibido isso! É proibido aquilo!

Estou enojada de tanta repressão!

Chega! Chega de repressão!

Elas não entendem nada de amor! E eu não entendo também. Não estou querendo dizer com isso que eu entenda. Mas acontece que elas acreditam no amor, um negócio assim aparecendo de repente. Não aceitam o fato de que amor

e sintonia dependem de planejamento. Porque botaram na cabeça que amor não se planeja. Que é surpresa.

Colocamos nossa felicidade ao sabor dos ventos e dos tempos. Mas algumas coisas são planejadas! Vou passar o reveillon no mar e vou pagar o aluguel da casa. Mas não vou amar você porque não houve sintonia. Porque meu cabelo não arrepia.

Como se o reveillon não tivesse data marcada. Como se a passagem não fosse reservada. Como se o pagamento do aluguel da casa não vencesse dentro de um prazo.

144

Élida Falcão! Acredite em mim! Amor é meta... Amor não é meio...

Podemos morrer sem amor. Mas temos um consolo: o aluguel será pago no dia certo. E temos um grande orgulho: passaremos o reveillon no mar.

Se vocês querem saber, eu sou aquele tipo de pessoa que, quando procura um determinado disco numa pilha de 200, o disco está justamente no 200º lugar. Se eu busco um garfo na gaveta, é certeza que o que vem é uma colher. Nunca obtenho, na hora certa, aquilo que eu quero.

Mas eu vejo isso com bom humor.

Sem bom humor, a gente enlouquece.

Um dia eu vou segurar exatamente aquilo que eu quero. Você estende a mão e segura o sonho. E o sonho é sólido, é real, é uma coisa viva. E aí a solidão acaba.

Vocês acham graça? Pois eu acho triste.

Apesar que eu sou uma mulher que nunca tive problemas de solidão. A minha imaginação nunca me deixa sozinha. Tô sempre pensando, imaginando, voando, passeando pra lá e pra cá, pra cima e pra baixo. Viajando sempre para trás, para o passado. Lembrando coisas. Ouvindo músicas. Existe coisa mais gostosa que isso no mundo? Chegar em casa, morta de cansaço, desaperter tudo, cair no sofá, a luz meio apagada, um martini geladinho, um cigarro gostoso, uma música que é um tapete voador. Aquela tranqüilidade, aquela quietude, aquele relaxamento... Faz com que a gente se sinta revigorada. Com vida. Com força. Livre... Aquela liberdade que você só consegue no teu refúgio.

A Élida tem mania de falar: no nosso tempo...

Que "nosso tempo" porra nenhuma! No nosso tempo não. O meu tempo é agora! Eu sou uma

mulher cheia de vida! (PAUSA) Eu sou uma mulher cheia da vida!

(Barulho de invasão. De arrombamento. Vozes ao longe. Adelaide coloca mais obstáculos frente à porta)

Queridos ouvintes, o programa continua. Não há nenhum perigo. Eu estou sozinha aqui dentro. Está tudo bem fechado. Esta noite a rádio é minha. Esta noite a rádio me pertence! Olha aí! A chance de um novo rótulo: Adelaide Fontana, a terrorista! Adelaide Fontana, a seqüestradora da rádio!

146

Se quiserem entrar, vão ter que arrombar a porta da rua. Já devem ter arrombado. Mas agora vão ter que passar por essa porta!

(Tira da bolsa um pequeno embrulho. Desembrulha-o. É um revólver) Todos vão ter que ouvir até o fim. Hoje não há censura! Hoje quem manda sou eu!

O amor compensa tudo. A aflição, o medo, a insegurança, a estabilidade. Se vocês querem saber, eu sinto uma tranqüilidade absoluta... e absurda. Um desprezo saudável. Uma coragem e uma força que nunca tive.

A Rádio Esperança do Interior está apresentando a última audição de “Suspiros ao Meio-Dia”. Eu só lamento ter que ir embora.

Depois de moça fiquei sabendo que, quando criança, eu tinha o costume de fugir e de me esconder. Subia em cima do guarda-roupa e, deitada, ficava horas esperando que alguém sentisse minha falta. Ou então era sadismo, vontade de vingança, de ver a aflição dos outros me procurando... Já tinha senso de humor.

“Não se pode dizer que ela seja uma boa aluna para as matérias em geral, mas para as descrições e narrações tem uma imaginação muito fértil”.

147

A Margarida, minha amiga, filha de gente rica, mostrava sua coleção de bonecas, gozando minha cara de inveja. Eu nunca tive bonecas e muito menos bonitas como aquelas. E depois a gente ia jogar pingue-pongue, eu olhando, com medo de entrar no jogo e não saber, com medo de não acertar a bola e perder, com medo que rissem de mim.

A Tia Eulália, que Deus a tenha, beijava minha prima com afeto, dizendo que ela valia ouro. E eu estudava e me desdobrava, querendo provar aos outros que eu era melhor. Ia passar o dia na casa dela e ficava estudando, só pra provocar

minha tia. “Assim que eu gosto, Adelaide. Enquanto as outras brincam de céu-e-inferno você fica estudando”.

As colegas de escola não eram amigas. Eram concorrentes que precisavam ser vencidas, derrotadas. Isso é que me dava energia! (RI) Ah, Fellini, eu concordo com você. Confesso que, da mesma forma que você, eu também tenho necessidade de oposição. Sempre tive. Preciso de alguém que me irrite. Preciso discordar de alguém, preciso da guerra, do sofrimento, da dor. É desse alimento podre que tiro a energia necessária para defender o que faço, para ser o que sou, para ser o que resta de mim.

148

Sempre fui a melhor aluna da classe. Só de raiva.

Minha tia perguntava: o que você vai ser quando crescer? Eu respondia: quero ser artista. Meu pai se metia: vai ser artista coisa nenhuma. Artista, neste País, morre de fome.

E eu, arredia, preferia brincar sozinha, com os brinquedos que eu mesma inventava, brinquedos sem identidade, que ninguém entendia, que só eu compreendia, que ninguém enxergava, que ninguém podia criticar. “O que é que você está fazendo, Adelaide? Essa menina é rebelde. Não ouve conselhos de ninguém”.

Quando a cinta descia, meu pai falava: isso é pra você aprender a fazer as coisas com atenção. Isso é pra você não ficar com a cabeça no mundo da lua. Isso é pra você prestar atenção quando os outros falam!

O Tigre foi uma das grandes paixões da minha vida. Cachorro policial. Alguma coisa viva que eu podia amar, abraçar e esbanjar ternura. Que me compreendia e não cobrava nada. Que não falava, não me julgava, não me condenava. Quando eu chegava da escola, corria para o quintal, ele latia e pulava. Comia a comida com os olhos para cima, me olhando com amor, com gratidão. Dormia no meu colo, enquanto eu procurava pulgas.

149

Uma tarde, cheguei da escola e ele não estava...

Tigre! Tigre!...

“Vai ver que você esqueceu o portão aberto e ele fugiu”...

Eu saí na rua, gritando e chorando, me sentindo culpada. Sempre me sentindo culpada.

Só voltei à noite, os olhos vermelhos, o coração doendo, uma dor insuportável.

“Vai ver que a carrocinha pegou”.

“Nessa hora já virou sabão”.

E depois, lá em casa, e mesmo na escola, o pessoal comentava: a Adelaide é muito introvertida.

Eu fingia que não ouvia, envergonhada, sem compreender a palavra, mas adivinhando que devia ser alguma coisa muito feia, muito grave, que eu deveria disfarçar, que eu deveria esconder, que eu deveria guardar como um segredo, para que ninguém mais percebesse... e soubesse...

150 Eu sei o que vai me acontecer. Eu sei o que vão fazer comigo. (*Acaricia o revólver*) Agora chega de falar de mim. É hora de lavar a roupa suja. Vocês, malditos opressores, vão ver o que é bom pra tosse.

A Edna Guimarães, das Filhas de Maria, roubou o meu namorado, o Arthur, do Banco do Brasil. Nunca pensei que ela pudesse agir assim. Encontrava a gente na rua e nem levantava os olhos, pra cumprimentar. Mas levantar a saia, bem que ela soube.

A Maria Pia Maluffi troca de chofer todo mês. E os motoristas são contratados na capital, pra que não haja fofoca. Só é contratado como chofer

aquele que passa no exame. E o exame ela faz na horizontal, no quarto dela.

O Dr. Cyro é muito moralista, gosta de ajudar os outros, fazer caridade, campanhas beneficentes, ouro para o bem do Brasil, marcha por Deus, pela família e pela propriedade! Tem uma mulher na zona que tem um filho dele. A cidade inteira sabe, viu, Dinorah? Só você é quem não sabe. Vladimir, querido!, você tem um irmãozinho!

Em compensação, Dr. Cyro, a Dinorah, quando vai fazer compras na capital, o Dr. Henrique, do Rotary Clube, também vai, no mesmo dia e horário, só que em outro carro, pra disfarçar. É o conagraçamento do Lions com o Rotary!

151

O Dr. Henrique é muito bonzinho. Me deu uma plaquinha intitulada "A Prova Quádrupla do Rotary", sobre o que nós pensamos, dizemos e fazemos. São quatro perguntas: é a verdade? é justo para todos os interessados? criará boa vontade e melhores amizades? será benéfico para todos os interessados?... Pendurei a plaquinha no banheiro da rádio. O banheiro masculino.

O Juvenal Macedo, aquele prepotente da Caixa Econômica Federal, é impotente. O pau dele não levanta nem com alavanca. A Cristina quem me contou.

O Lourival Vista, aquele prepotente do Instituto de Educação, é veado. Usa aliança, é casado com aquela coitada da Guiomar, tem até uma filhinha... Só que é veado. Não que eu tenha nada contra os veados. Adoro veado. Não tenho nenhum preconceito contra os veados. A não ser que seja um veado do tipo do Lourival, veado enrustido, hipócrita, machista, mentiroso, rancoroso e revoltado. Esse sim é que é um veado maldito, um veado perigoso.

152

Em compensação, o cronista social da Gazeta da Esperança, o muito popular e afrescalhado Dodô, que todo mundo pensa que é veado, não é veado! Muito pelo contrário! É amante daquela idiota da Gracinda, que é casada com o Alfeu Morato, aquele que, dizem, representa em nossa cidade o Comando de Caça aos Comunistas.

Estou esquecendo alguém? (*Barulho perto*) Ah, é claro, o Maluffi Filho, que tem fama de retardado mental. Mas isso é para inglês ver. De retardado ele não tem nada. Aplicou um golpe na praça muitos anos atrás e aplicou todo o dinheiro na Suíça. Foi o pai, o velho Maluffi, quem teve que abafar tudo. O delegado, o juiz e o padre não abriram a boca. Todos são amigos. Todos são cúmplices. Esse é o tipo de gente que governa nossa cidade. Fora as sujeiras que a gente não sabe.

E o nosso querido prefeito, o Gabriel Alves? É o representante em nossa cidade da TFP, amigo íntimo do Dr. Plínio. Fumou muita maconha na juventude. Agora não fuma mais. Agora prefere cocaína. Tem uma linda coleção de filmes pornográficos em super 8 e 16 mm. E é tarado por lolitas virgens. (*Barulho próximo. Ela coloca nova barreira frente à porta*) O Paschoal, o professor de filosofia, aquele que tem um defeito na perna, também é tarado. Somos todos uns tarados! O Paschoal leva as alunas em casa e tenta faturar todas em troca do que vai cair na sabatina. (*Examina o revólver*) Eu disse alunas? Os alunos também! Essa quem me contou foi o Vladimir. Ele tentou pegar no pau no Vladimir. Que me importa? Que faça bom proveito.

153

A Jussara é lésbica! Coitada da Jussara! Já tentou cortar o pulso várias vezes. Deixem a Jussara em paz! Ela tem direito de ser lésbica! Que direito tem essa cambada de hipócritas em perseguir a Jussara? Deixem a Jussara em paz! (*Acaricia o revólver*)

Que é que foi? Não posso falar? Estou proibida de falar? Só posso falar aquilo que a cidade pode ouvir? Aquilo que é permitido? Sou obrigada a pedir antes licença para a Censura?

Eu tenho muito mais coisas para falar! (*Aflita*) Que mais? Eu preciso me lembrar! (*As vozes*)

estão do outro lado da porta) Eu vim aqui, na Rádio Esperança do Interior, eu vim aqui para dizer adeus, porque eu estou partindo, porque eu vou embora, porque eu sou uma mulher velha, que não tem mais sentido, que não tem família, que não tem propriedade, que não tem poder, que não tem mercado de trabalho, que não pode ler poesia, que não pode amar, que não pode abrir a boca pra reclamar, que não pode fazer nenhum gesto, que não pode existir, que não pode, que não pode, que não pode, que não pode!!!

154

(Coloca o cano do revólver dentro da boca. Faz que vai atirar. Depois, calma e vagorosamente, começa a mastigá-lo. Depois cospe, jogando-o longe)

Chocolate me faz mal...

Eu adoro chocolate.

Nem chocolate eu posso comer! (*Faz cara de choro, mas ri. Ri de tudo. Ri de si mesma*)

Ah, gente! Apesar de tudo, eu gosto da vida. Eu me divirto.

Quando eu me despedi do Vladimir, eu disse: por favor, eu queria te pedir que, por favor, você

não me procurasse mais. E eu também não vou procurar mais você. Você me machuca muito. Eu acho que machuco você também. E eu digo isso com o maior carinho e o maior respeito por você. Está bem assim, Vladimir? Está bem assim?

Ele me olhou chocado, com cara de surpresa, e respondeu: O.K. O.K.

Aí eu disse: no futuro, quem sabe?, nós seremos bons amigos.

E ele disse: O.K. O.K.

E foi assim, muito educadamente, que tudo terminou.

155

(Grita para os invasores) Parem com isso! Chega com esse barulho! Parem de me torturar! Essa porta não precisam arrombar! Essa porta eu mesma abro! *(Para o microfone)* Senhores ouvintes! Meus amigos! Muito obrigada pela atenção dispensada! O programa acabou. Chega ao fim a última audição do programa "Suspiros ao Meio-Dia". Boa noite, Brasil!!!! *(Desliga tudo)*

(Dirige-se à porta. Tira as barreiras que colocou. Há silêncio do outro lado. Gira a chave. Ajeita o cabelo e a roupa. Arma no rosto um vasto sorriso. Abre a porta)

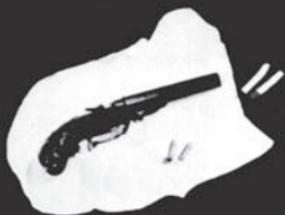
Coragem, Meu Bem, Coragem

HARMONY MOTEL apresenta

WANDA KOSMO & ANDRÉ LOUREIRO



CORAGEM, MEU BEM, CORAGEM



de: JOSÉ SAFFIOTI FILHO

direção: JOÃO ALBANO

figurinos, photos & comunicação visual: OLNEY KRÜSE

produção: MARIA LÚCIA FERREIRA, MÁRIO HIROSHE E ANTONIO SHIRAISHI

TEATRO MARKANTTI R. 14 de Julho, 114 - Tel 32-1975

Cartaz de Coragem, Meu Bem, Coragem

Coragem, Meu Bem, Coragem

Ato único

Personagens:

1. ELA (mulher madura)
2. ELE (homem jovem)

Cenário:

Um quarto no “motel américa” (identificado nos adereços – toalhas, por exemplo – e reflexo do luminoso lá fora)

159

Brasil – fim da década de 70

Noticiário da época, através de vídeo, antes do espetáculo, em diferentes pontos do teatro. Tempos sombrios da ditadura militar. O governo ernesto geisel promete a distensão ‘lenta, gradual e contínua’. Há pressões radicais, dentro do próprio governo, para o endurecimento do regime. Há a ameaça do ministro do exército, sylvio frota, possível comandante de um golpe dentro do golpe. Há violência e tortura de presos políticos. Quem não concorda com o regime é rotulado como ‘esquerda’. O poder estabelecido é rotulado como ‘direita’. Cresce o chamado ter-

rorismo da direita. Explodem bombas em jornais do rio, belo horizonte, curitiba e são paulo. Há uma escalada de atentados que inclui, até, a explosão de bancas de jornais.

CENA – O casal entra no quarto do motel, que já está ocupado por ele (*sinais de uso*). Ele fecha a porta à chave e abre, rápido, o jornal que acabou de trazer, lendo ansioso as notícias. Ela abre a janela. O ruído da rua invade o ambiente. Examina a paisagem lá fora. Torna a fechá-la e começa a examinar o quarto, largando a bolsa num canto qualquer.

160 ELE (*Lendo*) – Uma operação perfeitamente coordenada. Rápida, precisa e ousada – nas palavras do secretário de Segurança Pública.

ELA – Que horas são?

ELE (*Lendo*) – O grupo ocupou a sede do jornal, seqüestrou seus funcionários e explodiu quatro bombas em suas oficinas, inutilizando as rotativas.

ELA (*Tira seu relógio da bolsa*) – Não costumo andar com o relógio de pulso. Hoje em dia a gente não pode arriscar. (Preocupada, distante, confere as horas) Seis horas da tarde.

ELE (*Lendo*) – Os terroristas estavam bem armados, inclusive com algemas de plástico descartáveis, que são usadas nos Estados Unidos, e deixaram panfletos explicando sua missão de luta “contra a ditadura fascista”.

ELA (*Aborrecida e desinteressada*) – Você vai ler jornal?

ELE (*Risada*) – Aspas! Eles colocaram entre aspas!

ELA (*Pensando alto*) – Peguei um grande congestionamento. É isso que eu vou falar. Fiquei presa no trânsito durante horas...

ELE (*Fechando o jornal*) – O que foi que você disse?

161

ELA – É a desculpa que vou dar em casa. Se o meu marido perguntar... (*Sorri*) Ainda é cedo.

ELE – O consenso dos editoriais é que o atentado teve como objetivo ferir a imagem do presidente da República!

ELA (*Desinteressada*) – O atentado político de ontem?

ELE (*Jogando o jornal fora*) – É o que diz o jornal.

ELA – Será que esse telefone dá linha?

ELE (*Faz um gesto de carinho nela e sorri*) – Desculpe. Você quer que eu peça alguma bebida?

ELA – Não, obrigada. Eu não bebo.

ELE – Tudo bem. Eu também não.

ELA – Eu precisava avisar meu analista.

ELE – Você quer que eu peça uma linha?

ELA – Deixe. Amanhã eu telefono e arranjo uma desculpa qualquer. Minha consulta seria às 6 horas. Mas eu já faltei outras vezes e...

162 ELE – Se você quiser ligar...

ELA – Não, não. Depois eu conto a verdade pra ele. (*Procura descontrair-se*) Digo que ia indo para a consulta e no meio do caminho dei carona a um desconhecido e fui com ele para um motel. Uma troca de terapia. Ele vai entender. (*Tira a aliança e guarda na bolsa*) Nunca tinha entrado antes num motel. (*Ele dá uma risadinha, não acreditando*) Juro por Deus! (*Os dois riem. Ela indica o jornal*) Se você quiser ler mais, tudo bem...

ELE (*Dá de ombros*) – Já li todos os jornais do dia.

ELA – Essa mala é sua?

ELE – É.

ELA – Você está hospedado aqui? Num motel?

ELE – Só estou fazendo hora. Você quer ir antes ao banheiro?

ELA – Não, obrigada. Não pensei que as pessoas se hospedassem em motéis. Eles não são... como se diz?... de alta rotatividade?... de curta permanência?

ELE – Só estou fazendo hora... até a madrugada. (Acende um cigarro) Fuma?

ELA (*Aceita*) – Obrigada. (*Acendem e tragam*)

163

ELE – Estou com viagem marcada para o Paraguai. Vou com alguns amigos hoje de madrugada, num jatinho particular.

ELA – E aí resolveu arrumar uma mulher para se distrair um pouco... De preferência uma mulher mais madura, menos exigente. E eu fui a felizar-da. (*Sorri, amarga*) Nós devíamos nos apresentar. Eu ainda não sei o seu nome.

ELE – E isso tem importância?

ELA – Não. De fato não tem. (*Embaraçada*) O que você vai fazer no Paraguai?

ELE – Você é do gênero “mulher curiosa”?... Que quer saber de tudo?

ELA (*Protesta*) – Não, não, por favor, apague. Esqueça minha pergunta. Você tem razão. Sem perguntas. Não há motivo para estragar uma... aventura. Acho que esta palavra serve. Depois cada um vai pro seu lado e pronto. Ninguém incomodou ninguém, ninguém perturbou ninguém, ninguém invadiu ninguém. E aí depois eu irei ao meu analista e contarei que fui a um motel com um desconhecido e passamos juntos momentos maravilhosos sem que nenhum dos dois invadisse a intimidade do outro. Isso é possível?

164

ELE – Vamos tirar a roupa?

ELA – Já?

ELE – Você prefere no escuro ou com a luz acesa?

ELA – Eu não estou com pressa. Poderíamos conversar mais um pouco. Você está com pressa?

ELE – Não. Ainda é cedo. Tudo bem.

ELA – Sabe? É um bloqueio que eu tenho. Não posso simplesmente chegar, tirar a roupa e abrir as pernas. Você me entende, não é?

ELE – Claro. Da minha parte tudo bem.

ELA – Fica uma coisa muito maquinal, vulgar, carnal...

ELE (Concorda) É. Fica sim.

ELA – Você deve estar me achando ridícula.

ELE – Não, absolutamente.

ELA – Eu tenho um monte de bloqueios. Se não os tivesse não iria ao analista. (Riem) Existem certos medos que eu preciso vencer. Mas não tem sido fácil, sabe?

ELE – Mas você está tentando.

ELA – Estou tentando. Aos pouquinhos. (Pausa) Estou passando, ou saindo, não sei, de uma fase de depressão. Você acredita que eu sou mãe de dois filhos?

ELE (Fingindo interesse) Dois?

ELA – Estou casada há 20 anos. E não tem sido fácil. Há algum tempo que venho protelando uma decisão que não encontro coragem para tomar. Eu e meu marido... Sabe? Não há praticamente mais nada entre nós. Continuamos juntos só para manter as aparências. E também existem

as crianças. Não é justo. Eu não posso pensar só em mim. No fundo a culpada sou eu. Meu marido gosta de mim, ele me procura, me apóia, mas... Sabe? Eu é que... É difícil explicar.

ELE – Já sei. Você quer o divórcio e ele não quer.

ELA – Não é bem isso. Nós nem tocamos nesse assunto. Ainda não chegamos nessa fase. O problema, inclusive, é este. Eu não sei se devo. Não sei se realmente isso seria o melhor para ele, para as crianças... Eu não quero ser egoísta, entende?

166

ELE – É um problema muito sério. (Compreensivo) Mas é um problema comum. Acontece com todo mundo, a toda hora, com milhões de casais.

ELA – Claro! Eu sei. Mas não existe mais amor, entende? É isso que me choca. Acho uma tremenda desonestidade viver uma situação falsa, hipócrita.

ELE – Sei como é que é. E aí você vai ao analista e desabafa. E aí você dá caronas a homens desconhecidos na rua e extravasa suas tensões, suas necessidades, seus desejos...

ELA (*Ofendida*) – Não sou uma mulher vulgar. Você está enganado se está pensando assim.

ELE – Não tive intenção de ofender. Mas não é verdade?

ELA – Não costumo fazer isso. É a primeira vez que acontece. Nunca pisei antes num quarto de motel. Além disso eu não te ofereci nenhuma carona. Foi você quem pediu.

ELE – Você ficou me olhando com ar convidativo. Com cara de convite.

ELA – Você é um homem atraente. Sabe disso.

ELE – Você acha?

ELA – Eu olhei pra você da mesma forma que todas as mulheres olham para homens atraentes.

ELE – Você me olhou com desejo. Talvez inconscientemente. Você passou a língua nos lábios. E eles ficaram úmidos.

ELA – Eu... Fazia calor...

ELE – Por que você não confessa de vez que ficou com tesão? Puxa vida! Você é uma mulher complicada. Deve ter a mania de complicar tudo. Não deve ser fácil viver com você... Pro seu marido

deve ser uma barra. (*Impaciente*) O analista não te disse isso?

ELA – Se o meu casamento é complicado você não tem nenhuma autoridade para dizer. Não é da sua conta. Claro! Você é jovem mas já tem seus juízos formados! Um produto típico de nossa terra. O jovem machista já parte da premissa que se o casamento vai mal a mulher é a culpada.

ELE (*Zombando*) – Meu Deus! Só me faltava isso! Não me diga que você é uma feminista, com teorias prontas e discursos engatilhados!

168 ELA – Pode rotular como quiser. Já disse que não estou preocupada com seus juízos. (*Acende um cigarro, nervosa*) Não vim aqui pra você me analisar.

ELE – Você é quem quis conversar.

ELA – Viemos aqui com a mesma intenção. Vamos nos usar mutuamente. Vamos nos comer. E depois vamos nos descartar. A diferença é que vocês, homens, estão mais acostumados com isso. Manipulam mulheres como peças descartáveis.

ELE – Meu Deus! Eu sabia que não ia escapar. Agora você vai me fazer um discurso feminista! Que mania vocês...

ELA (*Interrompendo*) – Mulheres conscientes o desagradam?

ELE – Não me interrompa. Não concluí meu pensamento.

ELA – Conclua!

ELE – Que mania vocês, senhoras casadas, têm de complicar e teorizar uma simples trepada!

ELA – Mas eu não sou uma simples trepada! Não sou uma mulher qualquer, entendeu bem?

ELE – Você está irritada.

ELA (*Irritada*) – Eu não estou irritada.

ELE – Então façamos a sua vontade. Já falamos de análise, casamento, divórcio e feminismo. Sobre o que você quer conversar agora? Política?

ELA – Pelo que me consta só tratamos de política até agora!

ELE – Que tipo de mulher você é? (*Provocativo*) Ideologicamente?

ELA – Sou liberal. (*Ele ri*) Não é você quem gosta de rótulos? Fique na sua que eu fico na minha. (*Ela ri também*) Qual é sua preferência? Você

prefere “comer” – perceba que estou usando um verbo típico do seu vocabulário machista – “comer” mulheres inteligentes ou burras?

ELE – Ah, já estou entendendo... Você é realmente do tipo intelectual. É daquelas que só atinge o orgasmo com a fricção das idéias. *(Ri)* Conheço o território.

ELA – E você é daqueles que, antes de “comer”, aplica testes culturais. *(Os dois riem, se descontraindo)* Conheci um cara assim. Ficávamos horas discutindo questões sobre o poder, a pressão dos dominadores sobre os dominados, e coisas assim. Ele era um cara revoltado com nossa realidade política, social. E você? Também é revoltado?

170

ELE *(Ironia)* – Digamos que eu seja alguém... posicionado.

ELA – Posicionado como?

ELE – Não economicamente... como a senhora aparenta ser.

ELA – Não foi isso que eu quis dizer. Eu já havia percebido.

ELE – Percebido o quê?

ELA – Você é boa-pinta. Mas não se veste bem.

ELE – Ah, sei. Você tem razão. Eu não me visto bem.

ELA – E não tem carro.

ELE – Este é um dado fundamental!

ELA – E elementar. Se tivesse carro não estaria a pé na rua.

ELE – Você é brilhante.

ELA – E sensível.

ELE – E superficial.

ELA – Danço conforme a música.

ELE – Música? É só girar aquele botão ali.

ELA – Eu não gosto do Julio Iglesias. Ouvi dizer que só tocam músicas do Julio Iglesias.

ELE – Então deixe como está. Assim está ótimo. *(Aborrecido e irônico)* Estamos nos divertindo muito.

ELA – Se eu escuto música não consigo me concentrar. Falando nisso, você é daqueles que gos-

tam que a mulher fique quieta e mansa, sendo passivamente possuída, ou que fique rolando, esperneando e gemendo?

ELE – O que é que você prefere?

ELA – Prefiro que seja diferente... de quando estou com meu marido.

ELE – Diferente como?

ELA – Gostaria de gemer, de gritar, de usar palavrões. Transar uma trepada que fosse realmente... vulgar. Baixo nível mesmo! (*Ri*)

172 ELE – Entendo. Você quer botar pra fora a puta que tem dentro de você.

ELA – Sim. Você tem razão. Quero me sentir afinada com meu parceiro. Em harmonia. (*Gesto de juramento*) E prometo que não vou ficar constrangida!

ELE (*Ironia*) – Que surpresa! Uma senhora como você! Quem diria?? Seu marido deve ser uma merda na cama. Logo que eu te vi percebi que você era uma mulher malcomida.

ELA – Sim... É isso. Bem ou mal, eu tenho sido comida. Estou enjoada de ser simplesmente comida!

ELE – Coitadinha!

ELA – Vou te confessar uma coisa. Eu tenho um péssimo defeito.

ELE – Não me conte. Vamos ver se eu adivinho.

ELA (*Divertida*) – Adivinhe!

ELE – Sua boceta é horizontal.

ELA (*Rindo*) – Que horror! Não é isso não. Depois você confirma. Tente outra vez. E não seja grosseiro! Seria a mesma coisa se eu te perguntasse se teu pau é torto, se fica mais inclinado pra direita ou pra esquerda.

173

ELE – Por dentro da calça eu o guardo à direita.
(*Riem*) Já sei! Você é vermelha.

ELA – Vermelha? Como?

ELE – Comunista.

ELA – Comunista? Eu? (*Caçoa*) E por quê?

ELE – Intuição. Somente intuição.

ELA – Não é nada disso. Eu ia dizer que eu tenho o defeito de teorizar... de teorizar tudo. Mas, pelo visto, você também tem esse defeito. Pro-

vavelmente vai querer agora divagar sobre todas as conotações políticas de um adultério.

ELE (*Ironia*) – Estou diante de uma mulher com certo grau cultural.

ELA (*Zomba*) – Maravilha! Estou passando no teste! Se você quiser discutir política, tudo bem. Vai ver que existem dois tipos de motéis e eu não sabia. Nuns as pessoas trepam. Noutros discutem política. (*Ela ri, mas ele não acha graça*) Agora é minha vez de adivinhar. Deixe-me ver. Aposto que você faz parte do Comando de Caça aos Comunistas.

174 ELE – Não toque nesse assunto que você me excita.

ELA – CCC! Claro! É isso!

ELE – Você está me deixando de pau duro.

ELA – Então eu acertei na mosca! (*Insegura, a voz desafina*)

ELE – Vou te confessar uma coisa. Só pra te deixar alegre.

ELA – O quê?

ELE – Já incendiei algumas bancas de jornais, que vendiam jornais comunistas e revistas pornográficas.

ELA (*Levemente perturbada*) – Um brincalhão. Você é um piadista. É isso. Um gozador. (*Pausa*) É por isso que você vai ao Paraguai. É com a ditadura dos caudilhos que você costuma reabastecer-se de humor? (*Ela começa realmente a ficar perturbada com o silêncio e o olhar cínico dele*) Provavelmente existe alguma relação entre você e o atentado terrorista de ontem. Daí sua ansiedade em ler os jornais. E agora você está aqui, escondido neste motel. (*Ela não consegue parar de raciocinar e falar, ficando cada vez mais nervosa*) E vai fugir para o Paraguai, para escapar das investigações. E eu adivinhei. (*Riso rouco*) Adivinhei tudo. Você é um terrorista de extrema direita. Um assassino. (*Finge estar brincando*) E eu o capturei. E agora você é meu prisioneiro! (*Ela ri, sem graça. Está desorientada. Fica estática, tentando discretamente enxugar as mãos, que transpiram*)

ELE (*Muito calmo, acende um cigarro e passeia pelo quarto. Parece estar em transe, teleguiado, repetindo uma lição*) – Você sabia que existem agentes subversivos que são orientados e subvencionados pelo comunismo internacional? Que nosso país está invadido por agitadores que estão atentando abertamente contra a segurança nacional? Que a intenção dos vermelhos é provocar a explosão da América Latina? Que

a China quer subverter todo o Terceiro Mundo? *(Pausa)* Naturalmente você ignora tudo isso. Chama isso de *fantasias*. A senhora dona-de-casa só quer mesmo é trepar. *(Ela, nervosa, procura qualquer coisa na bolsa. Não consegue encontrar. Desiste)* A extrema esquerda usa até os tóxicos para alcançar seus objetivos. Você, que tem filhos, devia se preocupar com isso. Você sabia que os comunistas utilizam os tóxicos para minar a força moral da nossa juventude? Contaminam, penetram, destroem e subvertem os jovens para disseminar o comunismo.

176

ELA *(Tentando desconversar)* – Nós ficamos conversando, conversando, e as horas vão passando. Talvez fosse melhor irmos embora. A gente se encontra outro dia. Eu te dou meu nome e meu telefone particular e...

ELE – Eu não quero seu telefone.

ELA – Pois estamos conversados. Não darei meu telefone.

ELE – Não costumo transar duas vezes com a mesma mulher.

ELA – É justo. Eu compreendo. É natural. É uma forma de... preservar a individualidade, a independência. Eu sei como é. Tenho uma amiga que

pensa assim. Nós deveríamos ter ido tomar um chope num bar. Aqui está muito abafado.

ELE – Você quer que eu ligue o ar-condicionado?

ELA – Não, obrigada. Assim está ótimo. Pode deixar.

ELE – O que houve? Por que você ficou repentinamente nervosa?

ELA – Imagine você que... ultimamente eu ando tão desligada! Esqueci que havia marcado outros compromissos. Hoje à noite temos convidados para o jantar.

ELE – Relaxe. Vamos! Não precisa ficar assustada.

ELA – Eu não estou assustada. Por que deveria estar? Apenas estou preocupada com meus compromissos.

ELE – Mas eu não quero te decepcionar. Você veio aqui pra trepar. E nós iremos trepar.

ELA – Bobagem. Não estou com tanta carência sexual assim. Podemos deixar para outro dia. Quando você voltar de viagem. (*Examina seu relógio*) Já é tarde. Meu marido deve estar preocupado. (*Agoniada*) Eu acho melhor irmos embora. Imediatamente.

ELE – Você está com medo de mim.

ELA – Que é isso? Que besteira! É que eu já estou atrasadíssima!

ELE (*Calmo*) – Daqui você não sai. (*Ela treme*) Daqui você não sai sem trepar. (*Sorri, amigo*) Não acho justo que você vá embora com esse tipo de frustração. Você veio aqui para trepar. E nós vamos trepar. Esta noite vou fazer você gozar como nunca.

ELA – Eu... Na minha opinião... Eu realmente... Penso que o sexo não é tudo na vida... (*Longo silêncio. Ela tenta fazer graça*) Que besteira que eu disse!

178

ELE (*Sorri*) – Quero ver você sair daqui satisfeita. (*Começa a se despir*)

ELA – Pelo amor de Deus, longe de mim, não se preocupe com isso! Eu já estou muito satisfeita. Tivemos uma conversa ótima. Acho importantíssimo conhecer o lado humano das pessoas. Foi ótimo para mim ter desabafado. Eu estava mesmo precisando desabafar meus problemas com alguém desconhecido. Não tem sido fácil a barra do meu casamento. Eu preciso tomar uma decisão. Eu preciso criar coragem e dizer pra ele que tudo acabou. (*Treme*) O divórcio será a melhor solução para nós dois.

ELE – Eu vou satisfazê-la. Vou fazer você gemer, gritar, do jeito que você gosta. (*Encosta-se nela, nu, sensual*)

ELA (*Tensa*) – Gritar como? E os vizinhos? (*Sorri, desorientada*) Os outros casais, nos outros quartos? Eles podem reclamar.

ELE – É tudo à prova de som. Pode gritar à vontade. Ninguém irá se incomodar. Experimente para ver. Dê um grito, vamos!

ELA – Por favor... Hoje não.

ELE (*Divertindo-se*) – Dê um grito, vamos! Só pra testar!

179

ELA – Que bobagem!

ELE – Grite bem alto: eu sou comunista!

ELA – Que besteira! Largue de bobagem.

ELE – Isso me deixa tremendamente excitado. (*Sensual*) É uma fraqueza que eu tenho.

ELA – Eu não sou comunista. Meu Deus, era só o que me faltava!

ELE – E qual a diferença? Você não é mulher? O importante é que... na hora em que eu estiver

trepando... te comendo... você entende?... eu só consigo gozar com a mulher gritando coisas assim...

ELA – Coisas assim como??

ELE – Eu sou comunista!... me fode!... eu sou comunista!... enfia... enfia tudo... me arrebenta!... me arrebenta inteirinha por dentro. E aí, quando eu atingir o orgasmo, e quando eu estiver gozando, dentro de você, eu quero que você gema como uma louca, como se eu estivesse te matando... E aí você grita bem alto: “Eu sou comunista! Eu sou comunista! Perdão! Perdão!”

180

ELA (*Num salto, pegando a bolsa*) – Agora chega. Eu vou sair daqui imediatamente.

ELE (*Agarrando-a*) – Você só vai sair daqui quando eu autorizar.

ELA (*Geme*) – Meu Deus!

ELE – Você já escutou o som de bombas explodindo? (*Força-a a sentar-se na cama*) Você é minha cúmplice, minha parceira, minha mulher, meu gozo... Você não gosta?

ELA – Não. Não gosto. Pra ser sincera não gosto. Não gosto mesmo.

ELE – Se você se comportar direitinho... se tudo correr bem... Depois... cada um vai embora e pronto. O assunto morre. A brincadeira termina. A gente esquece.

ELA – Eu prometo esquecer tudo isso, imediatamente, a partir de agora. Juro que não comentarei nada com ninguém. Você sabe que eu não poderia mesmo fazer isso, mesmo que eu quisesse. Meu marido iria saber... e meus filhos também... que eu vim com um desconhecido para um motel. Seria uma traição.

ELE – Você inventa uma desculpa. É só dizer que foi seqüestrada.

181

ELA – Mas o escândalo seria o mesmo. Quem é que quer se envolver com um escândalo? Você conhece os jornais... como são. Você está certo. Alguns merecem mesmo explodir. Vamos esquecer tudo e ficar bons amigos.

ELE – Tá fechado. (*Estende a mão, num trato*)
Fechado?

ELA – Fechado.

ELE – Quer tirar a roupa agora?

ELA (*Confusa*) – Eu... Bem... Vocês, homens, são todos iguais. Uns machistas. Conversam, con-

versam, conversam e, no fim, sempre querem a mesma coisa. Assim não dá! Temos que chegar, em primeiro lugar, a uma conclusão.

ELE – Sobre...?

ELA – Aquela nossa conversa não ficou muito clara.

ELE – Sobre o quê?

ELA – Sobre a realidade política do nosso país. Tenho certeza que você está pensando que sou burra, que não entendo nada de política, essas coisas... *(Solta um riso como um soluço)* Pois eu entendo perfeitamente do assunto. Também tenho posicionamentos bem definidos.

182

ELE – De esquerda?

ELA – Qual posição você prefere?

ELE – Você escolhe a posição. O inimigo está em toda a parte.

ELA – É o que eu penso.

ELE – Ninguém tem o direito de tumultuar o aperfeiçoamento democrático de nossa pátria.

ELA – Mas é lógico!!!

ELE – O Exército é uma instituição inatacável.

ELA – Todas as instituições!

ELE – Temos que calar a boca dessa laia, de uma forma ou outra. Temos que limpar este país! Temos que ferrar essa gente.

ELA (*Embarcando, mas seguindo ao contrário*) – Esses malditos têm que ir pra cadeia! A corrupção nunca esteve tão grande. Os corruptos continuam aí, donos do poder, mandando e desmandando, explorando a nação e o povo, fazendo e desfazendo com toda a impunidade e sem nenhum castigo. O sistema judiciário é o que tem de mais podre. Temos que implodir o sistema judiciário!

183

ELE – O quê? Como é? Fale mais devagar. Acho que não estou entendendo.

ELA – Claro que você está entendendo. Você não concorda que o presidente, os senadores, os deputados, os juízes, são todos nossos empregados? As autoridades em geral! Os policiais, os militares! Todos eles são nossos empregados, péssimos empregados, por sinal. Nós, o povo, pagamos os impostos e sustentamos a todos. Não podemos abaixar a cabeça. Temos nossos direitos. Temos a Constituição. Temos que exigir

respeito. Temos todo o direito de protestar, de exigir, de cobrar! Você acha que devemos ficar passivos neste estado policial?

ELE (*Furioso*) – Mas que merda é essa que você está falando? (*Sacode-a*) Que conversa é essa? Que papo é esse?

ELA – Hem? O que foi? (*Engole em seco*) Eu disse alguma coisa errada?

ELE – Você prestou bem atenção no que falou?

ELA (*Assustada*) – Política! Falávamos de política!

184

ELE (*Grita*) – Mas que política? Que política?

ELA – Do Terceiro Mundo. Da América Latina. Do Hemisfério Sul. Eu estou analisando a podridão que existe no Hemisfério Sul.

ELE – Hemisfério Sul??

ELA – Isso. Abaixo do Equador. (*Ele está boquiaberto*) O Hemisfério Sul está aí, explorado, miserável, faminto, pronto pra pegar fogo. Para manter a moral alta é necessária a guerra. Seria ótimo para nosso país se estourasse uma guerra na América Latina. Esqueceríamos todas as injustiças e nos concentraríamos na guerra!

A Argentina contra o Chile, sem que o Vaticano se intrometa! E a Bolívia? É um absurdo que a Bolívia, injustamente, não tenha uma saída para o mar! É necessário uma passagem para o Pacífico, nem que tenhamos que empurrar o Chile prum lado e o Peru para o outro. Você não vê? A guerra é necessária! Há enormes interesses em jogo. Temos que firmar a liderança de nosso país na América Latina. (*Ri, nervosa*) Tenho ou não tenho razão?

ELE (*Grave, inquieto*) – Você é louca.

ELA – É uma solução boa e simples. Basta acender o primeiro estopim. Isso é bom para distrair a atenção do povo para a impunidade dos corruptos, para os índices da inflação, para a alta do custo de vida. Não vê?

185

ELE (*Dando um murro na parede*) – Louca. Maluca. Você é uma comunista débil mental!

ELA (*Embalada, acendendo um cigarro*) – Não me diga que você não é a favor do aperfeiçoamento democrático.

ELE (*De repente, desconfiado*) – Quem é você?
(*Pausa*) Quem é você?

ELA (*Andando firme de um lado para outro*) – Não disperse. Preste atenção. Acompanhe meu

raciocínio. Existe uma ordem estabelecida. Correto? (*Traga*) Muito bem... esta ordem é mantida, digamos... com certa harmonia... em função de uma perspectiva positiva, de uma esperança no futuro, de uma promessa. E qual é a promessa? Qual é a perspectiva?

ELE – Quem é você???

ELA – O Estado Ideal. O Estado Ideal, segundo a ideologia imposta pelo governo, pelo sistema, como queira. (*Ele está atônito*) É este o clima que existe em nosso país. Clima de perspectiva de um Estado Ideal. Todos os meios se justificam para o alcance dessa meta: a censura, a violência, o clima de intimidação... Está acompanhando? E o sistema – não gosto desta palavra, mas vamos lá – começa a acionar os mecanismos que julga favoráveis para a implantação dessa nova ordem. Correto? (*Não o deixa responder*) Mas, ao mesmo tempo, esses mecanismos se tornam indesejáveis, dentro do mesmo sistema, porque transtornam a ordem vigente, se transformando em um novo poder, em poder paralelo ao poder estabelecido. Entendeu?

ELE (*Grita*) – Porra! Porra! Porra!

ELA – Concordo plenamente! É aí que entram em cena os grupos terroristas que representam...

ELE (*Aperta o pinto, num gesto de insulto*) – Olha aqui pra você, ó!!

ELA – Está mole. É este o estado ideal do seu pau. Mole!

ELE – Hem? Não mude de assunto. Você é ma-luca. Você é uma subversiva, uma comunista porra-louca e chupadora. Uma grande biscate. Uma grande putona.

ELA – Adoro o fato de você ser jovem, loiro e de olhos azuis.

ELE – Eu não sou loiro! Nem tenho olhos azuis.

187

ELA – Se você estivesse de uniforme, então, seria um nazista perfeito. Sabia? Você pode se imaginar com botas, despertando tesão em mim?

ELE – Uma simpatizante do movimento subver-sivo internacional, disfarçada em esposa infiel e admirável dona-de-casa, arrotadora de princí-pios feministas e tarada por uniformes e botas. Ora, ora! Você sabe que me enganou direitinho? Pensei que tinha embarcado numa e acabei em-barcando noutra. Grande putona!

ELA – Empatamos. Aconteceu comigo a mesma coisa. Você sabe quantos centímetros tem o

pau do meu marido? Isso aqui, ó. (*Gesticula, mostrando um tamanho insignificante*) Quando te vi atravessando a rua, com esse puta físico de atleta, naquele movimento de coxa contra coxa, homem objeto de calças justas e idéias curtas, pensei que iria provar um cacete que me cutucas-se toda e qualquer ideologia no mais fundo do meu útero. Ali estava eu, de repente disposta a descobrir, numa única chance, na companhia de um desconhecido, todas as alegrias sexuais que uma cama de motel poderia proporcionar.

ELE – Caiu do cavalo.

188

ELA – Caí do cavalo.

ELE – Quem é você? Você não pode ter surgido do nada. Você estava me seguindo... a mando de alguém... é isso? Você já sabia quem eu era?

ELA – Sobre o que você quer que eu fale agora? Sobre as minhas carências sexuais?

ELE – Novamente mudando de assunto. Eu conheço essa tática.

ELA – Nunca comi um homem em pé. Você acredita nisso? Que, em toda a minha vida, eu nunca fodi um macho em pé? Sabe há quanto tempo que eu não tenho um orgasmo? (*Enfrenta-o,*

encurralando-o) O casamento é uma convenção que estraga o machão latino-americano. Depois que casa, a barriga cresce e o pau abaixa. (*Ri, debochada*) Faz muito tempo que não faço um 69. Também gostaria de provar o coito anal. Nunca comi um homem por trás. Qual é a sensação que a gente sente?

ELE – E eu é que sei? Corta essa.

ELA – Uma vez , na cama, eu virei de costas para o meu marido, pensando que pudesse estimular o seu lado indecente... (*Ri*) E ele dormiu. Você acredita? Ele dormiu! (*Fuma*) Imagino que deva ser ótimo uma relação de igual para igual. Uma cama de equilíbrio, o sexo em harmonia, sem dominação de nenhuma das partes, sem jogo de poder. (*Ela começa a tirar a roupa*)

189

ELE – Você é louca. É louca mesmo.

ELA (*Debocha*) – Esta noite EU vou te comer! (*Riso baixo e rouco*) Agora que já vasculhamos as fronteiras da vergonha, vamos pesquisar, um no outro, as fronteiras do tesão.

CENA – Ele realmente está perturbado. Ela fica apenas de calcinha e sutiã. Aproxima-se dele, sensual, e começa a acariciá-lo. Ele está estático. Depois ela o puxa para a cama, fazendo-o

deitar-se. Ela monta sobre ele, dominadora, cavalgando-o, ofegante. Começam a agitar-se freneticamente. É uma tentativa longa, interminável, angustiante, inútil. Pouco depois ela pára. Percebe que ele não se excitou. Ela desiste. Levanta-se, abandonando-o. Ele continua imóvel, olhando para o teto. Ela acende um cigarro e senta-se ao lado dele. Observa-o em silêncio.

ELE (*Frágil*) – Assim eu não consigo.

ELA – Assim como?

190 ELE – Com você por cima. (*Pausa*) Assim não dá. Não me excito. Não curto esta de mulher ficar em cima e eu por baixo.

ELA – Como é que você quer?

ELE – Só consigo se você... antes... me chupar.

ELA – Te chupar? Você quer que eu chupe você? Quer que eu chupe o teu pau?

ELE – Quero. Vem! Vem!

ELA – Enquanto eu chupo o teu pau, você faz o quê? Você me chupa também?

ELE – Não. Isso eu não faço. Isso eu não posso.

ELA – Não pode?

ELE – Não curto essa de chupar mulher. Não faz minha cabeça. Aí é que eu perco o tesão de vez. Nunca consegui... já tentei... mas não consigo... me dá vontade de vomitar.

ELA – Vomitar? Te dá vontade de vomitar?

ELE – Me chupe... por favor... me chupe...

ELA – Eu não entendo. Por que é que tenho de te chupar e você não?

ELE (*Tom confessional*) – Eu... sabe?... eu só consigo assim. É o único jeito dele levantar. Eu não sei por quê. A vida inteira foi assim. (*Acomoda-se, sentado, ao lado dela*) É por isso que eu me dou melhor com as putas. (*Faz um carinho nela, que rejeita*) As putas não teorizam. Não perdem tempo. Não ficam falando o tempo todo. É pena que você não seja uma verdadeira puta. Senão estaríamos agora transando adoidados. Fico louco com a língua de uma mulher. Gosto que ela engula tudo, que me chupe em volta, que me chupe tudo, até as bolas do saco.

ELA – Hum... Sei... E a posição? Tem alguma preferida? Prefere ficar deitado e eu... agachada... em cima?

ELE – Não. Prefiro de pé. Eu de pé. E você na minha frente, ajoelhada, engolindo tudo.

ELA – Hum... Sei... A fêmea, submissa, chupando o pau do macho. De joelhos, como a América Latina, chupando o pau do Tio Sam. Por mais que eu queira fazer sexo, você sempre volta à política.

ELE – Isso me excita. Me deixa louco. Você vai ver. Meu pau sobe na hora.

192 ELA – Outro dia conheci um cara, um puta machão, que trepa com uma grande amiga minha. Sabe o que ele pede pra ela fazer, bem na hora de gozar?

ELE – O quê? (*Sorri, simpático*) Fala. Adoro sacanagem.

ELA – Ele pede que ela enfie o dedo no cu dele. (*Pausa*) Que ela o penetre. (*Ri*) Tem machão que só goza assim. Você já experimentou?

ELE (*Ofendido*) – Não estou achando graça. Não estou achando nenhuma graça.

ELA – E eu, por acaso, estou? Olhe bem pra minha cara. Por acaso tenho cara de chupadora?

ELE (*Conciliador*) – E qual é o problema? Vamos! Tente! Você vai gostar. Eu sou um cara limpinho. É uma tremenda vantagem que o homem leva sobre a mulher. A limpeza do pau, entende? A secreção do pênis é muito menor que a da vagina. Você pode chupar sem medo!

ELA (*Levanta-se e afasta-se*) – Eu imagino... que quando você nasceu... a vagina da sua mãe devia estar bem suja.

ELE (*Calmo, seguindo-a*) – Você está querendo apanhar. Claro! Como é que eu não pensei nisso antes? Você é dessas mulheres que gostam de apanhar. É por isso que você está me provocando. Você quer que eu reaja. (*Agarra-a, com força*) Você está pedindo, desde o começo, para levar uma surra. (*Dá-lhe uma chave de braço. Ela geme de dor. Ele começa a torturá-la*)

193

ELA – Pare... por favor... pare...

ELE – Você está suando. (*Cheira*) O seu suor fede. (*Dá-lhe tapas*)

ELA (*Gemendo, balbuciante*) – É assim? Usando a violência... que você imagina... conseguir... tudo que é incapaz de conseguir?

ELE – Não é a lei natural das coisas... que os mais fortes... usem sua força... para corrigir os errados e salvar os suicidas?

ELA – Você pensa que usando sua força e seu poder... você vai conseguir me dobrar... me convencer... daquilo que você quer? A dificuldade de ereção... é sua. Não minha! *(Ele dá-lhe um empurrão, jogando-a longe. Ela se encolhe)*

ELE *(O carrasco examina a vítima)* – Você é uma fanática. É esse fanatismo, essa obstinação cega, essa teimosia... que enlouquece. Não se pode ter paciência com gente fanática como você. Agressões, insultos, cobranças, revanchismos... *(Longo silêncio)* Se estendemos a mão, vocês nos cospem no rosto. *(Grita)* Como é possível trepar desse jeito?

194 ELA *(Levantando a cabeça)* – São desculpas. Desculpas que você usa para justificar sua impotência. É usando da violência... me batendo... usando da força que você tem... que você tenta justificar, na sua cabeça, pra você mesmo, a necessidade de me aterrorizar, de me deixar com medo... como único meio... de me possuir. *(Com ódio)* Você tem força pra me jogar no chão. Mas não tem poder... pra me convencer... a chupar teu pau. *(Começa a levantar-se, cambaleando)* Porque eu tenho nojo, entende? Porque não há força que me faça chupar teu pau, ajoelhada ou na horizontal, ou de qualquer jeito. Entendeu? Minha repugnância é maior que qualquer medo.

ELE (*Calmo*) – Se é impossível entrarmos num acordo... quem se fode é você. Não seria mais fácil pra nós dois se você fosse boazinha, cordata, pacífica? (*Andam em círculos, como animais numa jaula*) Se você pudesse se enxergar agora num espelho! Se você pudesse ver o ar de petulância que tem no rosto! (*Risinho sádico*) Quem traça as regras sou eu, entendeu bem? Sempre. Posso até deixar você brincar, de vez em quando, na ilusão de que pode influir ... Mas quando eu resolvo... eu acabo com a brincadeira na hora!

ELA – Se você fosse tão valente, tão forte como ruge, não estaria aqui, escondido, pronto pra fugir pro Paraguai... e agindo sempre às escondidas.

195

ELE – Há manobras que você ignora. São decisões organizacionais acima de sua compreensão.

ELA – Não seria mais honesto você confessar que tem medo de ser preso, e virar bode expiatório? Que tem medo da Justiça?

ELE (*Deboche*) – Ahhh! Eu faço a justiça! (*Pausa*) Você é a prova mais clara, mais evidente, que o terrorismo continua vivo, canceroso, pronto para dar o bote. É uma praga impossível de ser destruída. É por isso que devemos estar em eterna prontidão. Não podemos descansar. Nunca.

ELA – Quem te deu o poder de decidir quem são os culpados e quem são os inocentes? Quem são os certos e quem são os errados?

ELE (*Corre até sua mala. Tira um revólver. Apon-ta-o no nariz dela*) – Aqui está meu poder!

CENA – Ela fica enrijecida, imóvel, assustada. Há um breve momento de silêncio. Ela sua frio, olhos arregalados, na expectativa do disparo. E então ele sorri, recolhe a arma e recoloca-a na mala. Ela olha para o chão, sem coragem de levantar os olhos e cansada de continuar enfrentando-o. Gostaria de ir embora, mas não sabe como.

196

ELA (*Balbuciante*) – Uma vez eu tentei chupar o pau do meu namorado, muitos anos atrás, no meu tempo de adolescente. (*Engole em seco*) Foi horrível.

ELE (*Senta-se na cama, irritado*) – Eu pensei que você pudesse ser uma companhia agradável...

ELA – Submissa...

ELE – Mas você é o tipo da mulher que tira todo e qualquer tesão.

ELA (*Conciliatória, sentando-se ao lado dele*) – Eu sinto muito... Eu deveria ser uma mulher

razoável, que tornasse mais agradável sua última noite em nosso país. Você tem família aqui?

ELE (*Resmungo, de má vontade*) – Não. Só no interior. Meu irmão e minha cunhada.

ELA – E seus pais? Já faleceram?

ELE – Já.

ELA – E você vive sozinho aqui?

ELE – Vivo.

ELA – Você não tem mulher?

ELE – Que papo é esse?

ELA – É mais fácil um casal organizar a vida. Deve ser difícil viver sozinho numa cidade grande.

ELE – A família não é a única organização.

ELA – Claro. Você tem razão. Como é que é a sua organização?

ELE – Que organização?

ELA – O seu grupo...

ELE – Que grupo?

ELA – Você não age sozinho. Está com um jatinho disponível e hora marcada para a viagem. Já entendi que você faz parte de uma organização.

ELE – Não sei do que você está falando.

ELA – Sabe... Gostaria que você me explicasse exatamente isso tudo. Eu nunca entendi. O que vocês pretendem conseguir?

ELE – Você não lê os jornais? A imprensa explica tudo. Ela não diz que os atentados têm o objetivo de provocar o endurecimento do regime? Um retrocesso contra uma possível abertura?

198 ELA (*Suspira fundo*) – Ah! Você viu como somos capazes de manter um diálogo calmo e descontraído?

ELE – Um cara da oposição disse que os responsáveis pelo terror estão dentro do próprio governo. Será? O que é que você me diz?

ELA – Talvez seja melhor não nos aprofundarmos. Se conseguirmos manter nosso diálogo na superfície evitaremos choques de idéias e poderemos coexistir em paz. (*Suspira*) Não é melhor e mais democrático?

ELE – O seu problema é que você só depende da imprensa para informar-se. Você não percebe

que há um tipo de jornalismo que procura propositadamente transformar os exilados políticos em heróis e silenciam quanto aos defensores da ordem, ignorando os verdadeiros heróis da Pátria, que foram friamente assassinados durante os seqüestros e os movimentos de subversão? Depois da generosidade do governo em conceder uma anistia ampla, a maioria dos anistiados não demonstrou nem arrependimento nem gratidão.

ELA – Na minha opinião, quem erra deve pagar. Os torturadores, por exemplo. Se na pior época da ditadura houve tortura, não podemos admitir hoje que esses torturadores não sejam julgados. A impunidade estimula sempre, sempre. A sua organização, por exemplo. A impunidade estimula a continuidade das ações terroristas.

199

ELE – Não sei de que organização você está falando. O único terrorismo que existe no Brasil é o de esquerda.

ELA – O terrorismo de esquerda não existe mais. Está desmantelado.

ELE – É o que vocês dizem. Ingenuidade!

ELA – Quando não existem mais terroristas de esquerda, é necessário que se invente a ação de extremistas de direita. Caso contrário, como

justificar mais e mais poder para as forças de repressão?

ELE – Só existem terroristas de esquerda. Que provas você tem que existem terroristas de direita?

ELA – Ah! Então não existem?

ELE – Quantas pessoas até hoje foram presas como terroristas de extrema direita?

ELA – Dois? Um? Nenhum?

ELE – Não se conseguiu provar nada.

200

ELA – Nunca se consegue provar nada.

ELE – Todos eram inocentes.

ELA – Sempre que o atentado é de direita “eles” dizem que não ficou claro o caráter político do crime. *(Ri)* Hipocrisia!

ELE – Lidamos com fatos, não com hipóteses. *(Ele pega a mão dela e coloca-a em seu pênis, num sinal para que ela o masturbe)*

ELA *(Masturbando-o)* – É realmente um pessoal muito bem organizado. Seguros de si. Seguros da impunidade. E o resto do seu grupo? Por onde

anda a turma? Todos espalhados pelos motéis da cidade?

ELE (*A mão entre as coxas dela*) – Você quer saber muitas coisas. E quem sabe muitas coisas não escapa vivo para contar.

ELA – É uma ameaça? (*Masturba-o com mais força*) É isso? Você pretende me matar?

ELE (*Gemendo*) – Há fronteiras... de traição?... de heroísmo?...

ELA – Você pretende me matar como?

ELE – Onde começa uma coisa e termina a outra? 201

ELA – De gozo? Pretende me matar de gozo?

ELE (*Suspira, com prazer*) – Você teria coragem de me denunciar?

ELA – Eu poderia...

ELE – Qual seria a acusação? (*Geme e ri*) E com que provas? Como é que você faria para que alguém acreditasse em você?

ELA – Quem sabe? (*Sorri*) Meu marido poderia ser um político da oposição. (*Ele ri*) Ou então um militar. Um general importante.

ELE – Até que você não é de se jogar fora...

ELA – Talvez um jornalista famoso, de um jornal importante, que apóia o governo.

ELE – E que tal... um cardeal da igreja progressista? O presidente da Comissão Justiça e Paz?

ELA – A organização é dona deste motel? Será que este motel é um aparelho que serve de esconderijo e até de sumidouro?

ELE – Por que você não verifica? Experimente chamar alguém da portaria. Levante o telefone e pergunte.

202

ELA (*Levantando-se e escapando dele*) – É uma boa idéia. (*Sarcasmo*) Já que seu pau não sobe mesmo... (*Dirige-se ao fone e tira-o do gancho, colocando-o no ouvido. Num salto ele vai até a mala, pega o revólver e encosta-o no ouvido dela*) Alô?... (*Assustada*) É da portaria? (*Treme*) Por favor... (*Pausa*) Podia me informar... que horas são? (*Pausa*) Obrigada. (*Desliga o fone*)

ELE (*Ameaçador*) – Você não estava me levando a sério, não é? E agora? Está acreditando agora?

ELA (*Suspira e tenta relaxar*) – Eu pensei que esta seria uma grande noite. Que eu iria me divertir

como nunca. Quando tudo começou até que eu achei engraçado. As coisas começam assim, não é? Sem que a gente perceba...

ELE (*Cutucando-a com a arma*) – Infelizmente certos métodos são necessários... em nome de uma boa causa. E a hora é de luta, meu bem. A hora é de guerra, meu bem. Os inimigos estão em toda parte, em todos os lugares, meu bem... em qualquer motel. Temos que limpar os comunistas da Igreja, do governo, do teatro, do cinema, das fábricas, das escolas. Nossa missão é promover a limpeza geral. Amanhã nós seremos os heróis. A História nos dará razão. Você vai ver. (*Sorri. Retira a arma. Dá-lhe um beijo afetuoso*)

203

ELA (*Sussurra*) – E como vocês pretendem conseguir tudo isso? Explodindo bombas?

ELE (*Guardando a arma na mala*) – Mas nós não existimos, meu bem. Que provas você tem de que nós existimos? Essas violências, eu te garanto, são de marginais comuns, de agentes cubanos, de traficantes de drogas... Quem somos nós? Quem é que sabe? Podemos estar ligados a uma associação religiosa que defenda a família e a propriedade. Podemos ser algum grupo desejoso do retorno ao monarquismo. Já pensou, que beleza? Um rei com coroa e tudo? Qual a versão que você prefere, meu bem? (*Abraça-a por trás*)

Ah, existe mais uma... Podemos ser um grupo sustentado pelas multinacionais, defendendo interesses econômicos escusos. (*Torna a beijá-la, com afeto e piedade*) Não é mesmo uma bruta confusão? (*Espreguiça-se*) A única coisa certa, a única coisa verdadeira, é que nós desejamos o seu bem.

ELA (*Riso nervoso*) – O meu bem?

ELE – O seu bem. O bem dos seus filhos. E dos filhos dos seus filhos. Somos a favor da família, eu já disse. Não fosse a família, que seria da nossa pátria? Você tem o dever, a missão, de continuar com o seu marido. Não importa quantos chifres cresçam na cabeça dele.

204

ELA (*Grita*) – Ninguém tem o direito de decidir o que é bom para mim.

ELE – Ora, que burrinha! Você sabe muito bem que você não decide porra nenhuma. Há muitos e muitos anos que você não decide nem escolhe nada. (*Sorri*) E nem saberia escolher, coitadinha. Está mal informada. Está desorientada. Não tem competência para escolher e decidir nada, pobrezinha. Deixe isso conosco, meu bem. Nós sabemos o que é bom para você. Relaxe.

ELA (*Levantando-se*) – Meu cigarro acabou.

CENA – Ele procura seu maço. Oferece um cigarro a ela. Acende-o. Ela traga, com ansiedade, encarrando-o. Andam em círculos, ambos em posição de ataque.

ELA – Quanto tempo isso vai durar? Existe um limite de tolerância para tudo.

ELE – Você não se preocupa nunca em trair seu marido, seus filhos, sua família? Gostaria que seus filhos soubessem que a mãe é uma puta?

ELA – Eu poderia ir embora agora.

ELE – Poderia...

205

ELA – Ninguém me perguntaria nada. Todos pensam que eu fui ao analista.

ELE – A secretária do analista pode ter telefonado... perguntando o que aconteceu... por que você não compareceu...

ELA – O pneu do carro furou. Fui ao cinema.

ELE – Seu marido pode ter avisado a polícia. Já devem estar procurando por você. Seus convidados para o jantar devem estar famintos.

ELA – Há mil mentiras para contar.

ELE – Ou então você poderia ir direto à polícia. Diria que foi seqüestrada. Diria que foi ameaçada.

ELA – O que eu iria ganhar com isso?

ELE – Eu iria preso.

ELA – E daí?

ELE – Você diria: é um terrorista. Foi ele quem colocou as bombas ontem.

ELA – Que provas eu tenho? De que bombas você fala?

206 ELE – Inventaria. Diria um montão de mentiras. Coisas que eu não disse.

ELA – Seria minha palavra contra a sua.

ELE – Você ganharia publicidade. Viraria heroína da mídia. Teria seu retrato na primeira página dos jornais. Seria entrevistada pela televisão. Ficaria famosa.

ELA – E o escândalo? Compensaria? Compensaria a ironia de todos? Como iria explicar o motel? Alguém iria acreditar que nós não trepamos?

ELE – E a satisfação que você sentiria em se fazer de vítima, de heroína, destruindo a estabilidade

e felicidade do seu lar, arriscando-se a perder o amor e respeito dos seus filhos, assumindo a vergonha, mas, ao mesmo tempo, o orgulho de ter sido fiel e coerente com suas malditas convicções políticas? Destruíu tudo... mas cumpriu seu dever para com o partido. Denunciou o inimigo. Quem seria capaz de não amar você?

ELA – E como eu poderia encarar meus filhos?

ELE – Teria sido tudo uma farsa. Você foi seqüestrada e depois se sujeitou aos meus caprichos sacrificando-se em nome da paz social.

ELA – Você poderia dizer que eu sempre fui sua amante. E até sua cúmplice. E eu sairia perdendo... sem escapatória.

207

ELE – Você poderia dizer que eu te ameacei de morte. Que você corria risco de vida.

ELA – Você poderia me matar e fugir. Agora. E aí diriam que eu vim com um marginal qualquer a um motel e que fui assassinada por traficantes de cocaína. Haveria algum escândalo e depois tudo cairia no esquecimento. E você escaparia... ileso.

ELE – Mas, em vez de matá-la, eu poderia deixá-la escapar. Viva. Pessoas fanáticas como você não têm medo de escândalo. São capazes de tudo...

ELA – Davi contra Golias? Eu??

ELE – Um gesto suicida... para o bem da Humanidade!

ELA – Se eu denunciá-lo estarei denunciando a mim mesma. Tenho muito mais coisas para preservar do que você imagina.

ELE – O que pode acontecer se teu marido descobrir que você o traiu? O divórcio? E não é justamente isso o que você quer? O que mais poderia acontecer?

208 ELA – E se você for preso? O que vai acontecer com você? Vão descobrir alguma prova? Como será o teu interrogatório? Irão, por acaso, torturá-lo para arrancar informações? Quanto tempo você vai ficar preso até que alguém telefone e ordene que o libertem?

ELE – Sou um pobre coitado. Não conheço ninguém. Ninguém me conhece. Sou um simples e honesto bancário desempregado.

ELA – E o avião para o Paraguai?

ELE – Não sei do que você está falando. Que avião é esse?

ELA – E o atentado de ontem?

ELE – Nada sei sobre isso. O que foi que aconteceu ontem?

ELA – O que poderá estar acontecendo agora, lá fora? Todas as estradas estarão fechadas? Os aeroportos vigiados? (*Gesticula que não*) Existe realmente a preocupação em capturar você?

ELE – Mas quem é que me procura? Alguém se atreverá a contrariar o general? (*Pega o jornal e lê*) O general disse que não houve atentado terrorista, mas sim uma revolta dos próprios funcionários do jornal. (*Joga o jornal fora e a en-* 209
cara) Os salários estavam atrasados! Os próprios empregados explodiram as bombas. (*Pausa*) Alguém se atreverá a prender qualquer suspeito e contrariar as declarações do general?

ELA – Quer dizer que você afirma que existe relação entre o terrorismo e as Forças Armadas? É isso que você quer dizer?

ELE – É você quem está fazendo essa relação. É você quem está afirmando esse absurdo. São típicas conclusões de uma subversiva, de uma comunista disposta a jogar a opinião pública contra as Forças Armadas!

ELA – Eu jamais poderia afirmar uma coisa dessas. Não sou contra as Forças Armadas. (*Fuma*) Há um dado que você ignora.

ELE – Ah, é...?

ELA – Sou filha de militar.

ELE – Filha de militar? (*Curioso*) Quem?

ELA – Meu pai é um general. Da ativa.

ELE (*Incrédulo*) – Ah... um general? Quem sabe eu conheço? Ou será que não se trata do seu papai? Quem sabe... seu maridinho seja um general?

210

ELA (*Ri*) – Não, meu marido não. Pra falar a verdade... o meu amante.

ELE – O seu amante é um general??

ELA – Meu marido é um intelectual. Um homem famoso. Um best-seller. Forte candidato à Academia Brasileira de Letras. (*Ambos riem*) Seu nome sempre é cogitado para o ministério da Educação, da Cultura, essas coisas...

ELE – Fantástico. Quer dizer que... qualquer que seja minha decisão... haverá grande repercussão. Você está muito bem cercada. Uma enorme repercussão!

ELA (*Pausa*) – Por algum momento... e mesmo agora, você realmente pensou em me matar?

ELE – Me ajude na resposta. Você acha que eu devo te matar?

CENA – Ela vai até ele, vagarosamente. Abraça-o e beija-o nos lábios. Ele não corresponde. Ela aperta-o com força e beija-o com fúria. Um longo beijo. Mas ele insiste em não participar. Ela então se afasta. Tira o sutiã. Tira a calcinha. Deita-se na cama. Ela gira um botão na parede e a luz decresce, deixando o ambiente na penumbra. Ele a tudo observa. Ela espreguiça-se na cama, oferecendo-se. Ele aproxima-se e, nu, deita-se ao lado dela. Olhos nos olhos, um esperando a iniciativa do outro. Outro botão acionado. Música romântica.

211

ELA (*Voz carinhosa*) – Você não gosta de música?

ELE (*Desliga o botão e a música*) – Dispersa. (*Sorri*) Não foi você mesma quem disse? (*Ela estende os braços. Abraçam-se e beijam-se longamente*) Você merece morrer. (*Sorri*) Eu deveria te matar.

ELA (*Sem medo*) – Por quê?

ELE – Por que você me traiu?

ELA – Te traí? Como?

ELE – Você confessou que tem um amante. Então não é a primeira vez que você trai seu marido. E agora está me traindo também. Me seduzindo e me traindo.

ELA (*Encostando-se nos travesseiros, enquanto ele acomoda-se de frente, sentado, com as pernas entre as dela*) – O meu amante... O que você quer saber do meu amante? (*Risada*) Você acreditou mesmo naquela história de que eu estava indo ao analista? Eu não tenho nenhum analista. Você acha que, por acaso, eu preciso de terapia?

212

ELE – Você ia encontrar-se com seu amante...

ELA – Ia.

ELE – E aí você me encontrou. Uma dupla traição.

ELA – Eu estava procurando uma desculpa para não ir. Por isso eu parei o carro. E estou aqui.

ELE – Fugindo?

ELA – Alguma coisa me dizia que no encontro desta noite ele iria terminar tudo. Iria me dispensar. Ia me dar o fora.

ELE – Não acredito. Até que você não é mulher de se jogar fora.

ELA (*Ri com prazer*) – Foi a primeira mentira agradável que você me disse esta noite. No fundo você não tem malícia. No fundo você é um ingênuo. Não sei como pude chegar a sentir... medo... de você.

ELE – Medo de mim por quê? Estou ficando apaixonado por você.

ELA – Não fique. Eu sou muito possessiva. Ninguém consegue me amar durante muito tempo.

ELE – Menininha levada!

213

ELA – Eu agora estou iniciando um novo aprendizado no meu relacionamento com os homens. Estou aprendendo a ir para a cama sem envolvimento emocional. Estou resolvida a aprender... Começando com você.

ELE – Até que... em outras circunstâncias... nós poderíamos ter um caso. Talvez até desse certo.

ELA (*Ri*) – Você não presta mesmo. (*Beijam-se*) E você...? Hem? E você?

ELE – O que é que tem?

ELA – Não tem nenhuma mulher?

ELE – Não.

ELA – Nunca esteve apaixonado?

ELE – Já.

ELA – E por que não deu certo?

ELE – Ela morreu.

ELA – Ah...

ELE – Foi assassinada.

214

ELA – Eu... sinto muito... Sinceramente...
(*Arrepiá-se*)

ELE – Você está com frio?

ELA – Não.

ELE – Você está arrepiada. Eu não queria impressionar você.

ELA – Eu não estou impressionada.

ELE (*Acariciando-a*) – Ela... Já faz tempo que ela morreu...

ELA – Se você não quiser falar sobre isso...

ELE – Eu não quero falar sobre isso.

ELA (*Acariciando os cabelos dele*) – Você tem uma pequena cicatriz na testa. Eu não havia notado antes. Fica escondida.

ELE (*Acariciando as coxas dela*) – Você tem uma verruga... (*Sorri*) Bem no meio das coxas.

ELA – Você não sente falta de amor?

ELE – Não me preocupo com isso.

ELA – Tem outras preocupações.

215

ELE (*Ri*) – É. Tenho.

ELA – Meter-se nisso em que você se meteu... é uma forma de vingança... de represália... pela morte dela?

ELE – Eu não disse que ela me amava.

ELA – Ela não o amava?

ELE – Ela mentia o tempo todo. Me enganava. Me traía.

ELA – E então você a matou...

ELE (*Ri*) – Boba! Claro que não. Eu nunca matei ninguém.

ELA – Nunca?

ELE – Eu estudava engenharia. Tinha participação política na universidade.

ELA – No Diretório?

ELE – Mais ou menos.

ELA – Mais ou menos como?

ELE – Eu ganhava algum por fora.

216 ELA – Dedo-duro?

ELE – Dê o nome que você quiser.

ELA – Dava a ficha dos colegas?

ELE – Mas eu nunca pensei que ela... estivesse do outro lado. Marcava bobeira o tempo todo... Idiota que eu era. E ela representava o tempo todo, me investigando... para o inimigo. Até que um dia eu descobri. (*Pausa longa, triste*)

ELA – E aí? Me conte! O que foi que você fez?

ELE – Ela foi presa. (*Pausa*) Mas eu fiz um trato com eles. Ninguém deveria fazer nenhum mal a

ela. *(Pausa)* Mas ela foi burra. *(Voz rouca)* Tentou fugir. Tentou fugir do interrogatório. Não teve coragem de enfrentar a barra. *(Pausa)* Preferiu se matar. Jogou-se da janela. Morreu na queda.

ELA *(Após longo silêncio)* – Mas você havia dito que ela foi assassinada!

ELE *(Como que despertando)* – Eu disse? *(Pausa)* Você entendeu mal. Foi ela quem se matou. O inquérito comprovou que foi suicídio. Foi horrível! Ela morreu em meus braços.

ELA – Você estava lá? Então você estava lá!

ELE – Eu? Eu não disse isso. *(Pausa)* Você entendeu mal. Eu estava contando um filme que vi ontem à noite. Fiquei até tarde assistindo televisão. Você gosta de filmes antigos? *(Ela faz que sim)* Eu curto muito. *(Pausa)* *Tarde demais para esquecer.* O nome era este. *(Sorri)* *An affair to remember.* Uma história de amor, como aquelas de antigamente. Você não gosta?

ELA – Eu adoro.

ELE – Eu também. *(Pausa)* Você conhece a Deborah Kerr? *(Ela faz que sim)* Ela e o Cary Grant se conheceram num navio. E depois ele a levou para conhecer a avó dele. *(Triste)* Ela vivia sozi-

nha... na maior solidão. Teve uma hora que eu quase chorei. A avó começou a tocar uma música no piano... enquanto ao longe se ouvia o apito do navio, que ia partir... *(Ele começa a cantar baixinho, com voz rouca, devagar, emocionado) Our love affair – is a wondrous thing – that we'll rejoice – in remembering. (Ela começa a dar-lhe beijinhos carinhosos e maternais) Our love was born – with our first embrace – and a page was torn out – of mine and space. Our love affair... (Ele interrompe a canção. Será que está chorando? Ela o abraça e o envolve com muito carinho. Ficam mergulhados, estáticos, um no outro, comovidos)*

218

ELA *(Afastando-o, delicadamente)* – Quero te mostrar uma coisa. *(Pega a bolsa, acomoda-se novamente entre as pernas dele, abre a bolsa e tira uma fotografia, sorridente)* Meus filhos!

ELE *(Examinando a foto)* – Seus filhos?

ELA – Não são lindos?

ELE – São parecidos com você.

ELA – Você é a primeira pessoa que diz isso.

CENA – Guarda a foto. Beijam-se com carinho. Os beijos vão aumentando de intensidade, pouco a

pouco. Ela fica excitada e geme baixinho, passiva, cordata, imóvel, abandonando-se, deixando que ele fique sobre ela, comandando. E ele tenta, tenta, ele tenta, tenta, mas não consegue. E então ele sai de cima dela, em desespero, aflito, mordendo o punho fechado.

ELA – Não, por favor! Venha. Vamos de novo. Por favor. Fale. Explique do jeito que você quer. Eu grito, eu gemo alto, do jeito que você quiser. Treppe em cima de mim. Por favor. Eu sou comunista, meu amor. Eu falo o que você quiser. *(Geme)* Eu sou comunista!

ELE *(Jogando-se para trás, deitado. Ela gira e fica sobre ele)* Me chupe.

219

ELA – Não. Chupar não. Eu já disse que não.

ELE – Tente. Só uma vez. *(Súplice)* Por favor. Aí eu vou conseguir. Eu prometo. Eu prometo que aí eu fico louco, vou fazer tudo o que você quiser, você vai adorar, vou te matar de prazer, vou te dar prazer como você nunca sentiu em toda sua vida.

CENA – Ela tenta. Abaixa a cabeça e beija o peito dele, começando a descer, vagarosamente. Mas a repulsa é maior. Ela pula da cama, sem conseguir.

ELA – Um cigarro. Preciso de um cigarro. (*Procura freneticamente, enquanto ele fica deitado. Encontra. Começa a fumar*) A Deborah Kerr não morre. (*Nervosa*) Eu vi o filme. Ela não morre nos braços dele. O filme termina em “happy end”. A avó sim... A avó morre. Mas ela morre sozinha. (*Ele senta-se na cama e veste a cueca. Ela veste a calcinha. Estão tensos, aborrecidos, incomodados*) Realmente eu não consigo. Por mais que eu tente eu não consigo. É uma questão de submissão, entende? É uma questão de postura. Você não me chupa. Então eu não te chupo. Você quer que eu fique por baixo, ajoelhada, submissa. Eu não fico. Eu não aceito. Minha cabeça não aceita.

ELE (*Triste*) – Queria te dar prazer. Te fazer feliz. E não consigo. (*Ficam pensativos. Breve momento de silêncio*)

ELA (*Calma*) – Tenho uma novidade pra você. (*Sorri*) Eu não sou comunista. Não sou comunista, não sou esquerdista, não sou merda de “ista” nenhuma. Inclusive nem tenho saco para agüentar papo de gente de esquerda. Esse blá-blá-blá de esquerda e direita já era. Acho intolerável qualquer tipo de radicalismo... no poder. Sou contra qualquer ditadura, entende? (*Fuma*) É que, diante dessa situação, parece que somos obrigados a nos comportar como simpatizantes

da esquerda... parece que nos forçam a isso, como única maneira de discordar... de protestar... É isso, sabe? Deu pra me entender?

ELE (*Acende um cigarro e sorri*) – Tenho uma novidade pra você. (*Pausa*) Eu também quero que todos se fodam. Eu quero mais é me mandar, viver minha vida. Estou cansado de cumprir ordens, sem saber exatamente até onde tudo isso vai me levar. Já não acredito mais... (*Coloca os braços sobre os ombros dela*) Estamos perdidos. (*Sorri*) Acho que não fomos bem doutrinados... Ou então... Todos os caminhos que aí estão... são caminhos errados...

ELA (*Brinca*) – Que país é este? (*Traga*) Que motel é este? (*Ri*) Até que ponto dissemos verdades e mentiras um ao outro?

ELE – Se pelo menos eu tivesse trazido uma revistinha de sacanagem! Às vezes olhando... eu consigo...

ELA – Acho que nós discutimos demais.

ELE – Pois então não vamos mais discutir! (*Levanta-se. Ela levanta-se também. Abraçam-se com força. O beijo dele é com raiva, pela sua impotência*) Acho que está na hora de tomar um banho...

ELA – Um banho faz bem.

ELE – Nunca vou me perdoar... Por ter fracassado.

ELA (*Acaricia-o*) – Eu prometo que vou te esperar. Você promete que...

ELE – Eu volto já. acredite.

ELA – Você jura?

ELE – Eu juro. Eu prometo que te encontro, nem que seja no fim do terceiro mundo. (*Beijam-se, com amor*) Você está suando. (*Separaram-se, cúmplices, desarmados*)

222

ELA – Você também. É o calor.

ELE – Ligue o ar-condicionado.

ELA – Não gosto de ar-condicionado. Prefiro abrir a janela.

CENA – Separaram-se num sorriso. Ela vai abrir a janela. Enquanto isso, rápido, sem que ela perceba, ele tira a chave da porta e esconde-a consigo. O barulho do trânsito vem lá de fora. Ele recolhe peças de roupa para vestir.

ELA – Agora refrescou. Assim é melhor.

ELE – Vamos tomar um banho. Juntos.

ELA – Não, obrigada. Eu não quero.

ELE – Você vai se sentir melhor.

ELA (*Acende um cigarro*) – Vá você, sozinho. Vai.

ELE – Você tem vergonha? (*Ri*) De tomar banho comigo?

ELA – Claro que não. (*Pausa*) Mas eu não quero molhar meu cabelo. (*Vai até ele e beija-o*) Prefiro ficar assim, lambuzada. (*Passa a língua no peito dele*) Depois que você for embora... eu quero guardar comigo o seu cheiro, o seu gosto, o seu suor... (*Lambe-o*) O seu sal...

223

ELE (*Ri*) – Você promete não ser possessiva?

ELA – Não. Não prometo nada. (*Abraça-o*)

CENA – Ele ri, abraça-a e gira com ela nos braços, feliz. Beijam-se com paixão. Ele dirige-se ao banheiro. Antes de entrar aponta a janela.

ELE – Cuidado!

ELA – Cuidado com quê?

ELE – Não vá se debruçar e cair. É muito alto.

ELA – Não se preocupe. Não pretendo fugir de você. E nem vou deixar você fugir de mim.

ELE – É melhor fechar. Senão você pega um resfriado.

CENA – Ele entra no banheiro e sai de cena. A porta é fechada. Ela ouve o barulho da água. Ele assobia e cantarola *An affair to remember*. Ela está paralisada. Lá fora, bem distante, o som da sirene da polícia. Isso parece acordá-la. Rápida e desesperada, ela começa a vestir-se, colocando a blusa, a saia, os sapatos.... Os sapatos! Onde estão os sapatos?? Pega a bolsa e corre para a porta. A porta está trancada! A chave! Onde está a chave? Desesperada, começa a procurar a chave em todos os cantos. Desiste. Corre para a janela, examina a altura e desiste. Está nervosa, apavorada. Resolve examinar as coisas dele, abrindo a mala. Um revólver! Ela encontra o revólver, mas não sabe o que fazer com a arma. Lembra-se do telefone.

ELA – Alô? (*Ofegante*) Alô? Quem... É da portaria?

VOZ DELA EM OFF – Cúmplices! E se todos forem cúmplices? Ele vai me matar. Meu Deus! Eu sei

que ele vai me matar! (*O telefone quase cai de suas mãos*)

ELA (*Arrepio de medo e desespero*) – Portaria? Eu... As horas... Por favor. Poderia me dizer as horas? (*Aparentando calma*) Escute. Por favor. Será que você poderia me arrumar uma linha? Sim. Uma ligação para fora. (*Pausa*) Obrigada. (*Ele continua no chuveiro. Ela consegue ouvi-lo perfeitamente. Conseguiu a linha. Nervosa, discar um número e erra. Discar outra vez*) Alô? Alô? (*Geme, chora, ri*) Sou eu. Escute. Não, não faça perguntas. Eu não tenho tempo. Preciso de socorro. Já. Agora. Imediatamente. Fique quieto. Preste atenção. Eu não posso demorar muito. Não, não é brincadeira. (*Grita*) Pare com isso! Venha correndo. (*Presta atenção nele*) Correndo. Voando. Chame a polícia. Eu estou em perigo. Venha logo. Estou num motel. Anote. O nome do motel é América. Isso! Motel América. Esse mesmo. É urgente! Corra! (*Quase chorando*) Ele está no banheiro agora. Eu sei que ele vai me matar. É um assassino. Mande a polícia, urgente. Não, não tenho tempo! Pelo amor de Deus!

CENA – Assustada, desliga o telefone. Presta atenção, desconfiada. O barulho da água do chuveiro parou. Ele está em silêncio, sem cantar. Ela pega o revólver com as duas mãos e senta-se na cama, segurando a arma, apontando-a

para a porta do banheiro, esperando-o sair. As mãos tremem. A arma treme. E então ela... ela desiste. Começa a procurar algum lugar onde possa esconder a arma. Ele volta a assobiar e ela assusta-se. Finalmente decide-se por um lugar. Esconde a arma ali. Tenta controlar-se. Assume uma postura de autocontrole.

ELA – Você não escapa. Eu vou te prender. Vou te segurar aqui, até eles chegarem. *(Olha a janela)* Mas, por favor, venham rápido, rápido!

226 ELE *(Sai do banheiro, descontraído e sorridente. Está vestido, com os cabelos molhados, enxugando-os com a toalha)* Você já se vestiu??

ELA *(Aparentando tranqüilidade)* – Já. Já me vesti.

ELE – O que você vai dizer em casa?

ELA – O quê? Que foi que você disse?

ELE – Eu estava pensando... o seu amante... eu não vou permitir que você continue com ele. Sou um homem ciumento.

ELA – Não se preocupe. Está tudo terminado.

ELE – E o seu marido?

ELA (*Fumando*) – Estou cansada de ser covarde. (*Suspira fundo*) Já estou cansada em não assumir nada. De não enfrentar nada!

ELE – Você vai abandoná-lo? (*Sorri*) Decidiu?

ELA – Decidi. Alguém precisa ter coragem para dar o primeiro passo. É hora de terminar com tudo.

ELE (*Já vestido e pronto*) – Você seria capaz de fugir comigo? Agora??

ELA – Agora?? Não. Agora não. Tem que ser uma decisão pensada. Não exagere.

CENA – Riem. Ele começa a arrumar suas coisas. Recolhe roupas, objetos e outros, pronto para fechar a mala. Ela dirige-se ao espelho, abre a bolsa e começa a se maquiar.

227

ELA – E você? Você seria capaz de se entregar?

ELE – Me entregar?

ELA – Em vez de partir... Você poderia ficar. Se entregar. Eu ficaria ao seu lado. O tempo todo. Eu tentaria ajudar... Tenho algumas amizades influentes... você sabe.

ELE – Agora eu não posso. Você sabe que existem compromissos que não podem ser rompidos.

Seria a mesma coisa que traição. *(Pausa)* Eles me “apagam”... Compreende?

ELA – Compreendo. *(Pausa)* É horrível... É horrível.

ELE *(Examinando seu relógio)* – É melhor você se apressar.

ELA *(Calma)* – Por que essa pressa agora?

ELE – Tive uma idéia enquanto tomava banho. Alterei meus planos. Preciso que você me dê uma carona até um lugar. Urgente. Tenho que chegar lá no máximo em meia-hora...

228 ELA – Mas... e o avião? Por que essa pressa repentina?

ELE – Eu já decidi. Você vai comigo.

ELA – Eu... Você quer que eu vá com você? Mas... pra onde?

ELE *(Sorri)* – Não se preocupe. Não vou te fazer nenhum mal. É só uma carona. Uma mudança de planos. Depois você estará livre. E poderá ir embora. *(Ele fecha a mala. Não percebeu a ausência do revólver. Coloca a chave de volta na porta de entrada)*

ELA – Mas por que você fez isso?

ELE – Isso o quê?

ELA – Por que você fechou a porta à chave? Não confia em mim? Pensou que eu fosse fugir?

ELE – Deixe de besteira. Rápido, vamos! Arrume suas coisas e vamos dar no pé. Correndo! (*Aflito*) Essa maquiagem vai demorar muito?

ELA – Você não quer que eu saia de qualquer jeito, quer?

ELE – Pare com isso. Você está ótima.

ELA (*Aparentando calma*) – Você, quando quer, sabe ser gentil.

229

ELE – Por favor! Rápido! (*Aflito, grita*) Vamos embora, porra!!

ELA (*Levanta-se e arruma-se, devagar*) – Dizem que toda pessoa que tenta matar o presidente... o presidente dos Estados Unidos... não é necessariamente uma pessoa doente. Com algum desequilíbrio mental, entende?

ELE – Mas por que esse papo agora? Eu estou com pressa!

ELA – É uma necessidade... é uma vontade maluca... de ser famoso... pelo menos por um dia.

Dizem que é uma vontade... de entrar para a História. Interferir na História, entende?

ELE – Claro. Interferir na História. Tudo bem. *(Impaciente)* Está pronta? Podemos ir??

ELA – Talvez a História completa nunca venha a ser contada. *(Mudando de tom)* Você seria capaz de matar o presidente?

ELE *(Ri, nervoso)* – Não com o meu revólver. Teria que ser uma arma mais sofisticada. *(Breve silêncio. Encaram-se, desconfiados. Ele está pensativo. E então lembra-se da arma)* Meu revólver! Onde está o meu revólver?

230

CENA – Ele corre até a mala. Começa a abri-la, procurando. Ela hesita por um segundo e depois, num salto, corre até ele, agarra-o, puxa-o, abraçando-o, beijando-o.

ELA – Esqueça isso agora! *(Grita)* Por favor! Me coma! Me coma! Não me abandone agora!

ELE *(Surpreso)* Mas o que é? O que foi??

ELA – Eu... Eu acho que eu... eu te amo. De verdade. *(Beija-o apaixonadamente. Abraça-o com força. Após a surpresa, ele se abandona. Ela o agarra de todas as formas, como que querendo aprisioná-lo)*

Não! Eu não vou deixar você ir embora, assim...
pra que depois você se esqueça de mim!

ELE – Mas eu preciso, meu bem! Eu preciso!

ELA – Não. Ainda não. Eu quero te dar um presente de despedida.

ELE (*Impaciente e divertido*) – Um presente? Justo agora? Mas que presente??

ELA – Para que você nunca se esqueça de mim. Para que você se lembre de mim para sempre.

CENA – Lentamente, vagorosamente, ela começa a se ajoelhar, frente a ele, descendo sua boca pela roupa dele, pelo peito dele, até, finalmente, chegar ao sexo dele. Ela segura os braços dele com as mãos. As pernas dele estão abertas. Ela lambe o sexo dele, sobre a calça.

231

ELE (*Gemendo*) – É isso que você quer? É esse o meu presente? (*Geme e ri de prazer*)

CENA – Ele balança os quadris, com volúpia. Ela, ajoelhada, abre e abaixa as calças dele. Puxa o corpo dele para ela.

ELE (*Carinhoso, gemendo de prazer*) – Meu bem! Criou coragem?? Criou coragem, meu bem???

CENA – E ela, ajoelhada, submissa, com a cabeça mergulhada entre as coxas dele, vencendo a repugnância pela felação, segura-o, prende-o. Condenam-se. O som da sirene da polícia explode enlouquecedor no ambiente, que mergulha numa súbita escuridão.

As Malvadas

As Malvadas

Ato único

Personagens:

1. **Geraldine Leão.** Nome artístico de Maria de Jesus Menezes, viúva de Francesco Leone (nascido na Itália, fotógrafo cinematográfico da Vera Cruz), falecido em 1954. Atriz veterana, média de 60 anos, iniciou sua carreira na década de 50.

2. **Kika Leão.** Nome artístico de Francisca Leão, filha de Geraldine e Francesco. Média de 40 anos. Atriz e dramaturga, ainda em busca do sucesso.

235

Cenários:

Camarim e bastidores de um teatro de segunda categoria. Acomodações para duas atrizes, cada uma com seu espaço e espelho. Fotos do passado de Geraldine. Um pôster de Elis Regina no espaço de Kika (*foram amigas*). Há um grande cartaz promocional, anunciando a peça que estão encenando: *Palhaços*, de Timochenco Wehbi, com destaque para o nome de Geraldine Leão. As fotos podem ter movimento, num plano imaginário, não necessariamente realista, com efeitos de luz. Em plano menor, os nomes de

Kika Leão e do diretor *desta* peça. Há um cenário complementar que surge na cena final, para *Palhaços*, mostrando o camarim de um velho e pequeno circo, com um banquinho, um espelho, uma mesa, uma lona.

Citações de trechos dos seguintes textos:

1. *Palhaços*. Timochenco Wehbi. Brasil.
2. *Vestido de noiva*. Nelson rodrigues. Brasil.
3. *The Prime of Miss Jean Brodie*. Muriel spark. Inglaterra.
- 236 4. *All About Eve*. Mary Orr/joseph I. Mankiewicz. Eua.
5. *A Streetcar Named Desire*. Tennessee Williams. EUA.

Trilha sonora:

1. *O compositor me disse*. De Gilberto Gil. Com Elis Regina.
2. *Non, je ne regrette rien*. De Michel Vaucuire e Charles Dumont. Com Edith Piaf.
3. *I clown*. De Nino Rota. Com New Japan Philharmonic Orchestra.

4. *Jean*. De Don Costa e Rod Mckuen. Com Rod Mckuen.

Observações:

1. Muitos fatos, situações e personagens são fictícios.
2. Comentários das personagens sobre fatos verdadeiros e personalidades reais, vivas ou mortas, são de inteira responsabilidade do autor.
3. A reprodução de trechos de peças de outros autores está dentro das normas da legalidade.
4. Não indico no texto o momento em que as atrizes começam a se vestir e maquiar para a encenação de *Palhaços* (Kika como *visitante* e Geraldine como o *Palhaço careta*). A direção resolve. Só sei que ambas deverão estar prontas ao som da terceira campainha.

237

CENA – Kika Leão entra em cena trazendo duas malas. Primeiro hesita, indecisa. Depois, decidida, guarda as malas em local não visível. Examina, com certo carinho, suas coisas e o pôster de Elis. Tira o casaco, pega uma fita cassete e coloca. Acomoda-se. Concentra-se. Relaxamento ao som da música *O compositor me disse*. Viaja no som e na mensagem. Imediatamente ao término da

música, entra em cena Geraldine. Desgostosa, vai até o toca-fitas e desliga-o. Kika, concentrada, ignora. Geraldine coloca sua música preferida: *Non, je ne regrette rien*. Tira a roupa pesada, serve-se de conhaque, gargareja, engole. Acende um cigarro. Bebe, fuma, olha com certo desdém a filha, imita Piaf às vezes, desconcentra-se, examina o ambiente com nojo. Vez por outra viaja no som, talvez lembrando-se de bons momentos no passado. Vaidosa, examina-se ao espelho. Quando a música termina, Kika toma a iniciativa de desligar o som. Geraldine a examina, com certo interesse.

238 GERALDINE – Onde foi que minha menina andou o dia inteiro?

KIKA – Resolvendo coisas.

GERALDINE – Pensei que fôssemos almoçar juntas.

KIKA – Saí ao meio-dia. A senhora ainda dormia.

GERALDINE – Ah... Tive insônia à noite. Você sabe como tenho andado ansiosa nos últimos dias. *Deo gratias* que a temporada termina hoje. Amanhã vai ser um dia de cão. *(Pausa)* Não gosto de ponte aérea. Tenho medo de avião. Tenho medo do Rio de Janeiro. Mas eu vou me adaptar. *Noblesse oblige*.

KIKA – A senhora não devia fumar tanto.

GERALDINE – Vai reclamar de novo do cheiro do cigarro? A área de *não fumantes* é ali. (*Indica*)

KIKA – Não devia beber antes do espetáculo.

GERALDINE – É uma exceção. É comemoração. Afinal é a última noite. Amanhã o cenário vai prum lado e nós vamos pra outro. (*Bate na madeira*) Como é que está a casa?

KIKA – Sete ingressos vendidos.

GERALDINE – Com sete não represento. A produção sabe que exijo um *quorum* de vinte espectadores.

239

KIKA – Ontem fizemos com menos.

GERALDINE – A Mariângela estava na platéia. O bandido do Clóvis Garcia prometeu que viria e não veio.

KIKA – O que adianta a presença deles agora? Por que não vieram no início da temporada?

GERALDINE – Telefonei pro Abreu, convidando pra hoje.

KIKA – O Sílvio de Abreu?

GERALDINE – Não. O Abreu da *Guerra Santa*. Ele foi amigo do Timochenco. Deveria ter um pouco de consideração.

KIKA – A imprensa simplesmente nos esnobou. Nenhuma crítica publicada, nem a favor, nem contra.

GERALDINE – Não importa que o teatro esteja vazio. Pensando bem... Quero sentir a platéia na escuridão. Quando estou de bom astral tenho ataques de generosidade. Não importa que sejam sete. Vou mostrar do que sou capaz. Se apenas sete vieram me ver, não vou decepcioná-los. *(Pausa)* Andei analisando o silêncio da imprensa e cheguei a uma conclusão. Fizeram isso por respeito. Não vamos nos fazer de cegas. Você sabe tanto quanto eu que a produção foi modesta. Quando aceitei fazer este trabalho não sabia que o produtor era pão-duro e mau-caráter. Nem que o teatro seria de quinta categoria.

KIKA *(Justificando)* – O aluguel da casa é uma fortuna.

GERALDINE – Se a crítica não veio foi por respeito à minha pessoa. Quiseram me poupar do constrangimento.

KIKA – O jornal de hoje falou que este é o último espetáculo.

GERALDINE – Meu não.

KIKA – Estou falando do teatro, do fechamento da sala.

GERALDINE – *Après moi, le déluge.*

KIKA – É um absurdo fechar um teatro e transformá-lo na Igreja Universal do Reino de Deus.

GERALDINE – Mudam os atores. Mas continua a ser teatro.

KIKA – Palhaços!

GERALDINE (*Desdém*) – Isso... *Palhaços!* Eu avisei que não ia dar certo. (*Enumera*) Autor brasileiro. Drama. Proposta *démodée*. Bem que eu não queria. Só aceitei por tua causa, pra te dar uma força.

241

KIKA – O texto é lindo. O espetáculo é digno.

GERALDINE – Sejamos honestas. O que se salva é a minha interpretação. Produto brasileiro não presta. Autores brasileiros – que se salvam – temos cinco ou seis, se muito.

KIKA – A senhora me desculpe, mas eu discordo.

GERALDINE – Não peça desculpas. Você faz isso o tempo todo.

KIKA – Com todo o respeito aos dramaturgos estrangeiros, e aos medalhões brasileiros que só viram deuses com décadas de atraso, nós estamos encenando, com muita honra, um autor brasileiro. Não importa que ele nunca tenha sido encenado em Londres ou Nova Iorque. O fracasso não me envergonha. Eu acho, mamãe, que a senhora também deveria se sentir orgulhosa.

GERALDINE – Orgulhosa com quê? Por emprestar meu prestígio a uma montagem que, neste exato momento, aposto, deve estar sendo encenada por um grupo amador em Osasco?

242 KIKA – Essa xenofilia não combina com seu generosidade.

GERALDINE – Autor brasileiro não dá sorte. E, no caso do Timó, esta não foi a primeira vez. Eu devia ter estreado *A Dama de Copas* em 1973, no teatro da Ruth. O Timó gostava de mim, reconheço, mas o Odavlas Petti queria porque queria a Yolanda Cardoso. Eu e a Yolanda temos estilos completamente diferentes. Ela sabe ser vulgar, ser grossa. Eu não. Minha interpretação é sempre sutil, com nuances...

KIKA – E como podia ser a escolhida? De sutil a personagem não tinha nada.

GERALDINE – Talvez você tenha razão. A verdade é que eu nunca consegui realmente ser grossa. Minha educação foi francesa. O seu pai era italiano. Tive uma formação européia. Você sabe por que eu não fiz *Hair*?

KIKA – Por culpa do Paulo Herculano.

GERALDINE – Essa é outra história. Cheguei até a fumar maconha pra me entrosar com o elenco. Mas nem com *baseado* na cabeça conseguia ser vulgar. Pedi desculpas ao Adhemar Guerra, que Deus o tenha, e caí fora. (*Fuma*) Esse silêncio na platéia... O público deve estar no *foyer*. Afinal, quais as coisas que você andou *resolvendo* a tarde inteira?

243

KIKA (*Desconversando*) – Nada. Nada de especial. Depois eu comento.

GERALDINE – Está com segredinhos com sua mãe?

KIKA – Depois a gente conversa. Antes de entrar em cena a senhora sempre fica muito excitada.

GERALDINE (*Bebe*) – Excitada já estou. Ponte aérea. Avião. Será que o público do Rio de Janeiro ainda se lembra de mim? Ora, que bobagem! Claro que se lembra. Se o Gabriel Vilela me escolheu para o papel, deve ter sido pelas

inúmeras recomendações. (*Lembrando*) Foi um furor a minha Blanche du Bois. Dei uma ótima *interview* pro Pasquim. Também saí na “Fatos e Fotos”. Esse convite não poderia ter vindo em melhor hora. Vou fazer uma *rentrée* apoteótica. (*Pausa*) Nos primeiros dias pretendo ficar num *flat*, se a produção pagar. Gosto de manter minha privacidade. Mas é quase certeza que o Zara e a Vivinha vão querer me hospedar. E a Beyla Genauer? Sei que tenho seu telefone em algum lugar. (*Triste*) Se a Yara Amaral não tivesse morrido... Nós fomos tão amigas!

244

KIKA – Não disse? A senhora se excita facilmente. E depois fica deprimida com a mesma rapidez. É esse moderador de apetite que a senhora toma. (*Repreende, delicada*) E ainda mistura com álcool!

GERALDINE – *Alea jacta est!* A partir de amanhã começa uma nova fase na carreira de Geraldine Leão. *The prime of Miss Jean Brodie!* Que ótima idéia do Gabriel! Um *tour de force* que não vou desperdiçar. Texto forte, autora inglesa. Quero ver se desta vez a crítica não vai aplaudir! Ensaie comigo aquele trecho.

KIKA – De novo, mamãe? Vamos entrar em cena daqui a pouco.

GERALDINE – Estou no pique. Não corte meu barato. Dá a deixa, vai.

KIKA – Ah, mamãe! Por favor! Agora não!

GERALDINE (*Firme*) – A deixa! Vamos!

KIKA (*A contragosto*) – “Você é perigosa. As crianças não deveriam ser expostas à sua influência”.

GERALDINE – *Como pode pensar uma coisa dessas? Como pode pensar que poderia prejudicá-las?*

KIKA – *Você me prejudicou.*

245

GERALDINE – *Você me assassinou.*

KIKA – “Por que tem sempre que ser melodramática? É mesmo uma mulher ridícula! (*Pausa*) O que fará agora?”

GERALDINE (*Confusa*) – “Não sei. Mas não se esqueça que sou uma descendente de Willie Brodie. Foi um homem de posses... Um fabricante de móveis e projetista de forcas... e membro do Conselho da cidade de Edimburgo. (*Alti*) Teve duas amantes que lhe deram cinco filhos. Gostava de jogar dados e de galos de briga.

Foi preso por ter roubado o departamento de impostos. Não que precisasse de dinheiro. Roubou pela emoção. Morreu feliz numa forca desenhada por ele em 1788. (*Orgulho*) Assim é minha família!”

KIKA – *Sabia que se levantaria como uma fênix. Não preciso me preocupar com você.*

GERALDINE – *Imagino que este seja o seu dom. Matar sem preocupação. Você é que é perigosa.*

KIKA (*Desanimada*) – Se nada der certo na minha vida, vou me mudar para o interior. Vou mudar de valores.

246

GERALDINE (*Surpresa*) – Isso não está no texto!

KIKA – Quero ter uma casinha, um quintal, uma horta. Quero ter um animal que me ame. Uma cachorrinha, uma cadelinha que obedeça aos meus comandos. Alguém que dependa de mim. Cadelinha, sente! Dá a patinha! Agora deite! Vá buscar a bolinha! Finja que está morta!

GERALDINE (*Levanta os braços*) – Já entendi! Já entendi tudo! Cá estou eu, feliz, alegre, andando pra frente, construindo meu futuro, e você naquele eterno jogo de auto-piedade, de medo, insegurança, carência afetiva, o diabo a quatro.

KIKA – Desculpe, mamãe. Não foi essa minha intenção.

GERALDINE – Mas é o que você sempre faz... Quando as coisas vão bem para mim. *(Pausa)* Muito bem! Já que não posso falar de mim, falemos de você.

KIKA – Não, não. Continue, por favor. Já pedi desculpas.

GERALDINE *(Autoritária)* – Kika... *Moderato!* Estou cedendo a você o direito da palavra. *(Ar de interrogação)*

KIKA *(Insegura)* – O que a senhora quer que eu fale?

247

GERALDINE – *As Malvadas.*

KIKA – O que tem *As Malvadas*?

GERALDINE – Pelo que me consta, e segundo as suas informações, a produção está confirmada. Minha tranquilidade tem sido esta. Eu vou pro Rio e não preciso me preocupar. Você continua em São Paulo e vai se virar sozinha.

KIKA – Fique tranqüila. Eu sei me virar sozinha.

GERALDINE – Sei que o Celso Nunes recusou a direção. Mas o Soffredini aceitou. O Soffredini

sempre foi seu amigo. E há meses que você tem se reunido com o Paulo Autran. Você me disse que o Paulo Autran adorou o texto.

KIKA – Tive que reescrever o texto várias vezes.

GERALDINE – Isso não é motivo para aborrecimento. Já aconteceu com o Arthur Miller, já aconteceu com o Tennessee Williams, com todo bom dramaturgo que se preze. E você também tem que considerar que esse é o primeiro texto que você escreve. Seu problema sempre foi de insegurança. Formou-se em jornalismo, teve uma briguinha com o Mino Carta, e pronto! Abandonou a profissão. Aí resolveu ser atriz. Você pensa que uma atriz se faz de um dia para o outro?

248

KIKA – Eu não sou mais jovem. E nem bonita.

GERALDINE – Bonita você nunca foi. Mas tem um certo talento, que ainda pode ser lapidado.

KIKA (*Com respeitosa ironia*) – A senhora acredita nisso?

GERALDINE – De repente desiste de ser atriz. Resolve ser autora. Uma dramaturga brasileira! Leilah, Consuelo, Adelaide, e agora Kika Leão! Muito bem. Que assim seja. *Last but not least.* (*Bebe*) Vamos falar do seu texto.

KIKA – Eu não quero falar do meu texto.

GERALDINE – Vamos começar pelo título: *As Malvadas*. O título é razoável. Tem um certo apelo comercial. *(Para si)* É muito difícil escolher o título de uma peça. Podem pensar que é uma adaptação, ou releitura, daquela personagem admirável que é Eve Harrington. *(Divaga)* Eu faria maravilhosamente a personagem de Margô Channing. *Apertem seus cinturões! Vai ser uma noite bem agitada!* A Dulce Damasceno de Brito, que é muito minha amiga... Você se lembra dela?

KIKA – A amiga de Carmen Miranda?

249

GERALDINE – Correspondente do “Cruzeiro” em Hollywood. Teve um *affaire* com Gregory Peck e conheceu a Bette Davis pessoalmente. Na opinião da Dulce eu faria a Margô com muito mais energia e sensibilidade.

KIKA – A senhora sabe que *As Malvadas* não tem nada a ver com a Bette Davis.

GERALDINE *(Interpretando Margô)* – *Estranha a carreira de uma mulher. Jogamos coisas fora para subir mais rápido. E precisamos delas ao voltarmos a ser mulheres. É uma carreira que todas as fêmeas têm em comum: ser mulher. Cedo*

ou tarde temos de trabalhar nela... Não importa quantas outras carreiras tivemos ou quisemos. Em última análise, nada é bom – a menos que na mesa ou na cama ele esteja conosco. Sem isso, você não é mulher. Pode ser uma pessoa muito importante ou uma celebridade. (Pausa) Mas não é uma mulher. (Pausa) Desce a cortina. (Pausa) Fim.

KIKA – A senhora acredita realmente... que eu tenho um certo talento... mesmo ainda não lapidado?

GERALDINE – Hem? O que foi que você disse?

250 KIKA – Falávamos do meu talento... como atriz.

GERALDINE – Você não tem carisma. É este o seu problema. Você é certinha demais, linear, respeitosa. Em *Palhaços*, por exemplo. A sua performance é tímida, apagada. Uma atriz não pode ter pudor. Seja *over*, se preciso. Exagere. Use *cacos*. O público é impressionável, bem disposto. Conquiste-o através dos recursos mais elementares. Você nem sabe falar palavrão! Não se pode dizer *merde* com naturalidade. Fale *merde* com ênfase. Aí o público ri. Aí você conquista o público. O público de hoje não paga ingresso para pensar. O que é catarse? O público quer desafogar seu cansaço, seu medo,

seu *stress*. Isso significa saúde. Saúde do público. Saúde do teatro.

KIKA – A senhora acha que tudo isso é possível... apenas falando *merde*?

GERALDINE – Não esta *merde*, com essa naturalidade. (*Grita*) *Merde!!!*

KIKA – Eu não gosto quando a senhora fala *merde*.

GERALDINE – Qual a diferença entre a *merde* que eu falo e a *porra* da Dercy?

KIKA (*Sem querer ofender*) – Na sua boca... O palavrão fica forçado, amargo, salgado.

251

GERALDINE (*Ofendida*) – Questão de paladar! Você nunca gostou de jiló, ou quiabo... ou almeirão. Como poderia gostar de *merde*? Além disso você puxou seu pai, que sofria de pressão alta. Tudo que é salgado te faz mal.

KIKA – Você diagnosticou a atriz. E a dramaturga? Minha proposta não é o deboche. É a reflexão.

GERALDINE – Pois então bata na madeira. Se você mete reflexão no meio, não dá certo no

Brasil. Isso só funciona no Exterior. (*Pausa*) Pode ser até que dê certo. Com uma grande atriz ou um grande ator encabeçando o elenco. (*Pausa. Tom maternal*) Ora, minha criança, não estou com isso querendo dizer que *As Malvadas* seja um texto ruim. Não é. Não é mesmo. Tenho lido coisas bem piores. Pra que ser pessimista?

KIKA – Eu? Pessimista?

GERALDINE – É a sua eterna insegurança! Mas, meu bem, se eu, que sou sua mãe, não te abro os olhos...? Em quem mais você poderia confiar? (*Pausa. Estimulante*) Você deveria insistir na carreira de atriz. Não desistir tão facilmente. Não se esqueça que você ganhou o prêmio de melhor atriz naquele festival de teatro amador. Você pensa que eu não fiquei feliz? Que eu não fiquei orgulhosa? E depois, quando fomos jantar no *Roperto*, quem é que estava lá?? A Marília Pera! Quando soube, ela fez um brinde pra você. E eu ali, ao seu lado, de coadjuvante, mãe coruja, comendo pizza, toda orgulhosa!

KIKA (*Sorrindo, saudosa*) – Aquela noite foi realmente maravilhosa. Eu me senti uma estrela. Você notou como o Nelson Motta me olhava?

GERALDINE – É o jeito dele. Uma espécie de... olhar gentil.

KIKA – Ainda hoje... Quando penso nisso... Tenho certeza absoluta que naquela noite ele queria me seduzir.

GERALDINE – Com a Marília Pera ao lado? Não confunda gentileza com sedução. Provavelmente você ainda estava incorporando a Alaíde, no plano da alucinação.

KIKA – Eu ainda me lembro! (*Encantada*) Dá a deixa.

GERALDINE – Deixa? Que deixa?

KIKA – Você sabe! Ensaíamos juntas!

253

GERALDINE – Mas agora? Vamos entrar em cena daqui a pouco.

KIKA – A Madame Clessi! Vai! Dá a deixa.

GERALDINE (*A contragosto*) – *O olhar daquele homem despe a gente! Não. Errei o tom. Vou fazer de novo. (Choramíngando) O olhar daquele homem despe a gente!*

KIKA – *Mas eu estou confundindo tudo outra vez, minha Nossa Senhora! Alfredo Germont é de uma ópera! La Traviata! Foi La Traviata! O pai do rapaz veio pedir satisfações à mocinha. Como*

ando com a cabeça, Clessi! *(Pausa)* Você está vendo, Clessi? Outra vez! Penso que estou contando o seu caso, contando o que li nos jornais daquele tempo sobre o crime, e quando acabo, misturo tudo! Misturo *Traviata*, *E o vento levou*, com o seu assassinio. Incrível! *(Pausa)* Não é?"

GERALDINE *(Crítica)* – Você pulou um pedaço. E misturou as falas.

KIKA – Quem mais a senhora conhece que ganhou o prêmio de melhor atriz com o *Vestido de Noiva*?

254 GERALDINE – Não sei. A Maria Della Costa?? Não sei. Não me lembro. Eu nunca gostei do Nelson Rodrigues.

KIKA – *Você e Pedro são capazes de tudo! Eu posso acordar morta e todo mundo pensar que foi suicídio!*

GERALDINE – Ah! Eu sabia que tinha uma coisa pra te contar e não me lembrava. Agora, falando em suicídio e de Madame Clessi, me lembrei que conversei por telefone com a Maria Lúcia – você sabe quem é – aquela paranormal do Ipiranga – e ela comentou comigo que esse negócio de você fazer relaxamento... e concentração... ouvindo música da Elis Regina, pode ser perigoso, e dá um tremendo azar. *(Bate na madeira)*

Som da campanha. Primeira chamada para o espetáculo.

KIKA – E por acaso a Edith Piaf te dá sorte?

GERALDINE – Como foi que a Elis Regina morreu? Foi suicídio, não foi?

KIKA – A Elis era muito bem-resolvida. Foi um acidente.

GERALDINE – Não interessa. Pra mim, *overdose* é suicídio. A Maria Lúcia disse que essa música dá azar. Atrai fluidos negativos. (*Bate na madeira e olha o pôster, rejeitando*)

KIKA (*Ironia*) – A Bibi Ferreira, sim! Essa teve sorte com a Piaf!

255

GERALDINE – Ah! Eu conheci a Piaf pessoalmente, na minha lua-de-mel em Paris.

KIKA – A Elis foi uma das raras e verdadeiras amigas que tive. Freqüentei a casa dela, lá no Brooklin. Quando fui ver o show do Canecão ela me recebeu de braços abertos.

GERALDINE – Aquele show *horroroso*... com coreografia da Marika Gidali?

KIKA – Isso. Aquele show *horroroso*, com direção *horrorosa* do Adhemar Guerra, que Deus o tenha...

GERALDINE (*Despeitada*) – Sempre achei que a Marika, como coreógrafa, deixa a desejar.

KIKA – ...o mesmo Adhemar Guerra *horroroso* que, na montagem de *Lulu*, esnobou a senhora e preferiu a Irina Grecco.

GERALDINE – *Requiescat in pace*. Por isso mesmo que deu no que deu. Foi um dos maiores fracassos do meu querido Adhemar.

KIKA – *Meu querido Adhemar!* Isso é cinismo, mamãe.

256 GERALDINE – *Meu querido, meu querido*. Por que não? Eu e o Adhemar sempre fomos grandes amigos. Eu o perdoei. Nunca fui de guardar rancor. Não sou mulher que olha para trás. Eu só olho para a frente. (*Pausa*) Meu Deus! Mas que coisa horróssima! Não se pode nem falar na Elis Regina que você põe todas suas garras pra fora!

KIKA – Esquece. Desculpe. Não quero que a senhora fique nervosa.

GERALDINE (*Pensativa*) – Às vezes eu penso que realmente não te conheço. (*Acende um cigarro*) Resolvi! Vou ficar na casa da Vivinha. Ela é uma mulher inteligente. Quando fez a Blanche, inspirou-se em mim.

KIKA – A Eva Wilma é uma pessoa muito ocupada.

GERALDINE – Sempre foi uma pessoa bondosa.

KIKA – Eu sei disso. Mas vocês nunca foram íntimas.

GERALDINE (*Dá de ombros*) – *Eu sempre dependi da bondade dos estranhos. (Pausa)* Tenho esperança que o Gilberto Braga me veja. E me coloque na Globo, mesmo que seja de coadjuvante, de dona de pensão. Em toda novela tem uma pensão. (*Outro tom*) Você promete que vai me telefonar todo dia? Espero, sinceramente, que você seja uma dramaturga de sucesso. Não gostaria de ver minha filha, por aí, vendendo livros, de braço dado com o Plínio Marcos.

257

KIKA – Quem sabe? Pode ser que eu também faça televisão...

GERALDINE – É uma ótima idéia. Você se saiu muito bem aquela vez no... (*Tentando lembrar o nome*)... *Passa ou Repassa.*

KIKA – Você acha pouco? Fiquei famosa por uma semana. Me reconheceram num supermercado!

GERALDINE (*Chocada*) – Te reconheceram no supermercado? (*Pausa*) Você nunca comentou isso. O que é que eu sei da sua vida? Você nunca me conta nada. Tem mania de guardar segredos. Desde criança você é assim. Sempre foi *une enfant terrible*. Nunca gostei de crianças. E você foi a pior criança que eu já vi. Teu pai te estragava. Você pode se orgulhar de ter batido todos os recordes em matéria de mimo e enjoamento.

KIKA (*Delicada*) – O papai gostava de mim.

GERALDINE – Seu pai não sabia o que queria. Eu, sim. Eu sempre gostei de você. Mas do meu jeito. Eu nunca gostei de você do jeito que você gostaria que eu gostasse.

258

KIKA – Nunca fiz esse tipo de cobrança.

GERALDINE – As pessoas se frustram porque não sabem lidar com a afetividade. Há diferentes maneiras de demonstrar afeto. Queremos que todos gostam da gente do jeito que nós gostaríamos que os outros gostassem.

KIKA (*Delicada*) – A senhora é repetitiva.

GERALDINE – Uma de suas fragilidades mais flagrantes é a de não saber ouvir. Como alguém que nada observa, e que não sabe ouvir, tem a pretensão de querer escrever?

KIKA – Fragilidades... A senhora sempre teve talento para identificar as fragilidades dos outros.

GERALDINE – Não precisa ser agressiva. Você é muito suscetível. Devia ser mais desarmada. Um diálogo entre mãe e filha tem que ser franco e verdadeiro. Sem hipocrisias. E agora ligue o interfone e pergunte quantos ingressos foram vendidos. E se já chegou algum convidado.

KIKA – O interfone está quebrado.

GERALDINE – Isso parece um depósito de lixo. Antigamente o camarim vivia cheio. Fãs pedindo autógrafos. Tinha que pôr minha *entourage* pra fora. Não desgrudavam de mim!

259

KIKA (*Pensativa*) – Gostaria de ter conhecido melhor o papai.

GERALDINE – Tinha talento. Mas era irresponsável. Vivia num *dolce far niente*. Poderia ter seguido uma ótima carreira no cinema europeu.

KIKA – Francesco Leone! Eu me lembro como era bonito!

GERALDINE – Poderia ter sido fotógrafo de Fellini, Antonioni, Visconti, Pasolini... mas era ingênuo. Caiu na conversa do Cavalcanti e veio

trabalhar na Vera Cruz. Foi muito amigo do Ugo Lombardi. Pergunte pra Bruna. Como fotógrafo era *primus inter pares*.

KIKA – Em vez de Francisca Leão, vocês deveriam ter me batizado como Francesca Leone.

GERALDINE – Como nome artístico, Kika Leão não chega a ser ruim.

KIKA – No programa do Gugu ele me chamou de Nara Leão! (*Ri*)

GERALDINE (*Ri*) – Também já me perguntaram se eu era mãe da Danusa.

260

KIKA – Nunca entendi direito a razão do seu nome artístico.

GERALDINE – E o que você acha que eu iria conseguir com o nome de Maria de Jesus Menezes?? Um papel no *Pagador de Promessas*?? (*Pausa*) Tá explicado! Foi por isso que o Anselmo preferiu a Glória! (*Riem*)

KIKA – Mas Geraldine? Por que Geraldine?

GERALDINE – Nos anos 50 era um nome original. Depois virou esculhambação. (*Desprezo*) Geraldine Page... Geraldine Chaplin... Gerald Thomas...

(*Aponta o cartaz de Palhaços*) O seu amigo Timochenco Wehbi ainda teve o desprante de escrever uma peça chamada *Adiós, Geralda*.

KIKA – Esta peça não é dele.

GERALDINE – E eu lá sei? Eram todos da mesma panela. Eu nunca soube identificar peças e autores brasileiros. Fora esta, no meu curriculum, você só encontra a *Roda Viva*. Eu e a Norma Bengell apanhamos juntas. E eu jurei a mim mesma que nunca mais me meteria com política brasileira. O Chico Buarque, a Ruth Escobar e o Zé Celso... esses!... não me pegam mais!

261

KIKA (*Com ironia*) – Azar do teatro brasileiro.

GERALDINE – Dediquei minha vida ao teatro brasileiro. Comecei na *commedia dell'arte*. A Eva Todor fez parte da minha *troupe*. Já montei Brecht e Pirandello. Já fiz de tudo. *Medéia* me deu uma indicação para melhor atriz. Você sabia que o Aparício e o Jorge Takla tiveram a ousadia de escalar a Consuelo Leandro na montagem de *Chuva*? Foi um escândalo na época. Toda a classe comentou a injustiça, que o papel deveria ter sido meu. (*Assoa o nariz*)

KIKA – E *Harold e Maude*?

GERALDINE – Foi outra sacanagem. Tudo por culpa da Nathalia Timberg. Eu telefonei pra Henriette Morineau e soltei os cachorros. Só que – coitada! – não era culpa dela. Mas não posso me queixar. Nunca me faltaram propostas. O Walter Hugo Khouri me queria em *Noite Vazia*. Mas de cinema eu não gosto. Sinto falta da respiração do público. Televisão é a mesma coisa. Não me atrai. Só de imaginar aquele magrela me dirigindo... com aquele terninho safári, me dá um branco total. Você sabe por que eu não fiz *Hair*?

KIKA – Por culpa do Paulo Herculano.

262

GERALDINE – Eu não sou cantora. Se eu fosse cantora teria feito carreira na Rádio Nacional. Além do mais, não concordei em ficar pelada, apenas *pour épater le bourgeois*.

KIKA – Eu não teria pudor em ficar nua.

GERALDINE – Claro que não! (*Desprezo*) Fez curso no “Macunaíma”! Aluna da Myriam Muniz! Tinha mais é que ficar pirada. O importante para uma atriz é ter classe. Classe e charme. Se eu não tivesse classe, o meu charme teria destruído muitos casamentos. Por causa de quem, em 1959, a Nicette Bruno e o Paulo Goulart quase se desquitaram?

KIKA (*Vendo o lenço em que a mãe assoou o nariz*) Este lenço de papel... está manchado de sangue.

GERALDINE (*Desconversando*) – Não é nada. Eu assoo o nariz com muita força.

KIKA (*Apreensiva*) – Não sabia que saía sangue.

Som da campainha. Segunda chamada para o espetáculo.

GERALDINE – *Deo Gratias!* Parece que estou ouvindo vozes. Vamos ter público! (*Maquia-se*) Consideremos que você deslanche como dramaturga. Você vai precisar de um *manager*. Tímida como é, não saberá negociar. Nunca soube lidar com dinheiro. Não tem *savoir-faire*. Parece que é necessário se registrar nessa tal de SBAT. Você já sabe o que é SBAT?

263

KIKA – Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais.

GERALDINE – *Grand merde*. Confira sempre os borderôs.

KIKA – Pode ficar sossegada. Isso aprendi com a senhora. Que não devemos confiar em ninguém

GERALDINE – Outra coisa: cuidado com grupo amador. Grupo amador não dá dinheiro.

KIKA – E eles vão se interessar por mim? Grupo amador só quer montar medalhão.

GERALDINE – Exatamente. É bom ser realista. Nelson Rodrigues ganha festival. Kika Leão? *Never*. Já me convidaram pra ser jurada em Blumenau, Londrina, Sertãozinho... com os cachês que pagam? (*Gesto de desprezo*)

KIKA – Era nossa idéia viajar com *Palhaços*. Lembra-se? O bom de fazer temporada no interior é que o pessoal paparica a gente. Pena que não encontramos nenhuma sala disponível!

264 GERALDINE – Eu avisei que não ia dar certo. Só artista de TV é quem consegue.

KIKA – Quem sabe, um dia, *As Malvadas* tenha melhor sorte...

GERALDINE – Você tem um grande desafio pela frente. Para ser respeitada, não basta saber escrever. Um autor só pode saber que é bom quando vê sua peça encenada. Um texto no papel, frio, não é nada. O autor só existe quando seu trabalho está no palco.

KIKA – É o que todos dizem. Mas será verdadeiro? O Van Gogh, enquanto vivo, não vendeu nenhum quadro.

GERALDINE – E isso serve de consolo? Você desanima na primeira dificuldade! Não vá cortar as orelhas! Aceite meu conselho. Escreva teatro que seja barato.

KIKA – O que a senhora sugere? Que eu escreva monólogos?

GERALDINE – E por que não? É barato e dá dinheiro. O Ciambri com a *Donana* e a Fernanda com a *Dona Doida* – você vai ver – os dois vão virar o século. Por que você não escreve um monólogo para sua mãe? (*Pausa*) Custa tentar? (*Outro tom*) Outra coisa: evite citações datadas. Isso é ruim. Texto datado não sobrevive. Envelhece rápido. Seja simples. Não tenha medo da simplicidade.

KIKA – A senhora está sintonizada com o Tolstói. *Quem fala de sua aldeia, retrata o mundo.*

GERALDINE – Isso! Meus parabéns! *Make it good. Make it big. Give it class.* Com simplicidade, claro!

KIKA – Sou obrigada a reconhecer que a senhora conhece a matéria.

GERALDINE – Lembre-se que no Brasil a maioria dos atores não sabe ler textos. Exagere nas

rubricas. É melhor pecar por excesso. Assim o pessoal entende. Você é muito econômica nas rubricas.

KIKA (*Desanimada*) – Se esse fosse o principal problema! A questão é que estamos passando por uma fase de covardia. Diretores e atores covardes. Hoje ninguém quer arriscar em autor nacional. Qual foi a última grande peça de um autor brasileiro... com uma grande produção?

266 GERALDINE – E, hoje em dia, existem grandes produtores? Não há dinheiro. Já que você não gosta de monólogo, aceite outro conselho: não passe de dois personagens. Por exemplo: mãe e filha, como nós.

KIKA – Peça com mãe e filha? Isso é lugar-comum.

GERALDINE – É mais fácil arrumar produção.

KIKA – Não é original.

GERALDINE – Mas dá dinheiro. Não importa que seja *déjà vu*. A Irene Ravache e a Regina Braga ganharam a maior nota com esse tipo de enredo.

KIKA (*Divagando*) – Gostaria de escrever um texto político...

GERALDINE – Vai falar de quem? Do Getúlio? Você não conheceu o Getúlio.

KIKA – Conheci o Costa e Silva, o Médici, o AI-5.

GERALDINE – Você nunca foi presa ou torturada. Eu mesma, só apanhei uma vez. De política você não entende nada.

KIKA – O Nelson Rodrigues poderia ser personagem de uma peça. (*Expressão de deboche da mãe*) Você sabia que ele era conservador, de direita, e teve um filho de esquerda, que chegou a ser preso, acusado de terrorista? Isso já dá uma peça.

267

GERALDINE – *Grand merde.*

KIKA – E D. Hélder Câmara? Perseguido pela ditadura, perseguido pelo Vaticano... A Rainha Elizabeth, quando veio ao Brasil, e parou no Recife, fez questão de cumprimentá-lo, na cara dos militares. Também sei de um padre, em Pernambuco, que era assessor de D. Hélder, que foi encontrado enforcado na Cidade Universitária. Os assassinos inventaram de tudo: que era viciado em drogas, que era homossexual, que corrompia menores e, lógico, que era comunista. Não daria uma peça incrível? Também houve, claro, a versão do suicídio. Isso foi antes do Vladimir Herzog

ser assassinado em São Paulo. Nossa! Que tempo feio! (*Pausa*) É sobre tudo isso que eu gostaria de escrever. A juventude de hoje deveria ir ao teatro e redescobrir o Brasil. Por que será que existe esse silêncio em nossos palcos? Por que não vasculhamos o nosso passado?

GERALDINE – Você tem certeza que isso dá dinheiro?

KIKA – Nós somos um povo sem identidade. O Chile e a Argentina também passaram por ditaduras bravas. Mas depois purgaram e expurgaram os seus demônios, as suas vergonhas, através do teatro, do cinema, da literatura...

268

GERALDINE (*Desinteressada*) – São povos com forte influência européia.

KIKA – Só sei que não sinto nenhum orgulho de viver em um país que só é bom de samba e só é bom de bola. Aposto que Eisenstein faria um filme sobre a chacina da Candelária. Ah! As histórias que eu queria contar!

GERALDINE (*Entediada*) – E por que não conta? E por que não escreve?

KIKA – Não sei se esse é o meu caminho. Preciso ainda me encontrar. Eu me sinto culpada por não escrever textos assim.

GERALDINE (*Encara-a*) – Às vezes você me preocupa. Você é como o seu pai. Nunca sabe o que quer.

KIKA – Sei de minhas limitações.

GERALDINE – Quem não sabe o que quer, nunca chega a lugar algum.

KIKA (*Misteriosa*) – Eu sei o que eu quero. (*Sorri*) Não tenho pressa em chegar.

GERALDINE – Você não sabe o que quer. Nunca soube. Já estou até adivinhando. *As Malvadas* será sua primeira e última peça. Você é indecisa demais. Quer falar de tudo e não sabe o que falar. Nunca será uma dramaturga. Não acredito. Não tem pique, não tem personalidade. Deveria continuar como atriz, investindo numa coisa só.

269

KIKA (*Ressentida*) – A senhora sabe direitinho como me desanimar, como me desmotivar, como me derrubar...

GERALDINE – Você é a rainha da injustiça e da ingratidão. Por que pensa que trabalho até hoje? Por que aceitei fazer *Palhaços*, a não ser pra te dar uma força?

KIKA – Uma força??

GERALDINE – Minha *pièce de résistance* sempre foi sua fragilidade, sua incapacidade de sobreviver sozinha. Não fosse você, há muito tempo estaria em Paris!

KIKA – E quem é que te faria companhia nas suas crises de solidão? (*Levanta-se*) E agora, com licença, que eu vou ao banheiro. Preciso fazer xixi. (*Sai*)

GERALDINE (*Sozinha, atônita*) – Solidão? Você nunca soube o que é solidão. (*Tira um envelope na bolsa e lê, assustada*) Laboratórios brasileiros! (*Desprezo*) Médicos brasileiros! (*Guarda o envelope*) Não. Não vou ler o resultado. Biópsia! E eu lá tenho tempo pra fazer biópsia? Isso não. Isso eu não faço. Não gosto de médico. Não gosto de hospital. Certas coisas me dão medo... Depois eu penso nisso. Resolvo com calma. Não quero que nada me estrague a noite. *A vida é curta e longa é a arte.* (*Levanta-se e fala em direção ao banheiro*) Há um tipo de solidão que você desconhece. Construída pelo tempo. A cada ano que passa, eu olho ao meu redor... Imagino vivos aqueles que estão mortos... Sinto falta do passado, daqueles encontros, daquela comunhão. Coisas que já não fazem mais parte deste tempo. Havia um certo tipo de humor que hoje já não tem a menor graça. Quantas vezes dou risadas... e os outros não entendem a graça. E as vezes em

que fico em silêncio... quando todos riem ao meu redor? E quando ninguém presta atenção em mim? Outro dia, alguém, gentilmente, percebeu que eu estava presente... foi muito delicado... me perguntou: *E você? O que você acha?* Eu ia responder, eu me preparei pra responder, mas não houve tempo. Todos os outros já estavam falando de outra coisa, olhando em outra direção, todos juntos em outra frequência! Eu não dei a resposta que eu queria dar. Fiquei engasgada, sem graça, sem voz, humilhada. Nessa hora eu gostaria de gritar: quem vocês pensam que eu sou? O que eu estou fazendo aqui? Quem são as pessoas ao meu redor? *(Pausa. Baixinho)* Você conhece esse tipo de solidão?

271

KIKA *(Retornando)* – A senhora ainda não está pronta? Já vão dar o terceiro sinal.

GERALDINE *(Recuperando-se)* – Temos que pensar no futuro. Se eu morresse agora, o que eu deixaria pra você? Nem casa própria nós temos. *(Pausa)* Pouco me importa o silêncio da crítica. Nunca dei importância à crítica. *Vox populi, vox Dei.* Faça teatro para o povo, não para os críticos.

KIKA – Não se esqueça, no final, de falar dos broches, da Ety Frazer, da campanha contra a aids.

GERALDINE (*Aborrecida*) – Aids, aids! Você sabia que, na sua adolescência, eu cheguei a ficar com medo que você virasse lésbica? Digo isso sem nenhum preconceito. Porque você sabe que eu adoro os gays e eles me adoram. Nesse ponto sempre fui muito liberal.

KIKA – O filho da tia Elvira morreu de aids...

GERALDINE (*Defendendo*) – Foi por causa das drogas! Na nossa família, *Deo gratias!*, nunca tivemos um gay.

KIKA – Mas o papai não era bissexual?

272 GERALDINE (*Chocada*) – De onde foi que você tirou essa idéia absurda?

KIKA – A senhora quem me contou.

GERALDINE – Eu??? Quando???

KIKA – Depois de ter tomado uma garrafa inteira de conhaque, num de seus porres. Foi durante os ensaios de *Um bonde chamado Desejo*. O papai foi pra cama com aquele sujeito que fazia o Kowalski.

GERALDINE (*Horrorizada*) – Você entendeu tudo errado! Era apenas um ensaio fotográfico. Aqueles eram outros tempos. Não havia malícia.

KIKA – Não havia malícia??

GERALDINE – A gente fazia *laboratório*. Hoje vocês não fazem... (*tentando lembrar-se*)... *workshop*?

KIKA (*Contando*) – Uma noite a Elsa Lanchester pegou o Charles Laughton transando com outro ator no sofá da sala. A senhora sabe o que ela fez?

GERALDINE (*Nervosa*) – Não, não sei.

KIKA – Vendeu o sofá.

GERALDINE (*Ofendida*) – Eu e seu pai sempre tivemos um relacionamento profundo e saudável. E ele não morreu de aids. Morreu de tuberculose. Naquele tempo tuberculose não tinha cura.

273

KIKA (*Comentando*) – Como a aids...

GERALDINE – Isso foi em 1954, durante as filmagens de *Floradas na Serra*, em Campos do Jordão. Você sabia que seu pai trabalhou com a Cacilda Becker?

KIKA – As filmagens nem tinham começado. Ele morreu antes.

GERALDINE – Mas fez algumas tomadas. Depois ficou doente e foi substituído pelo Chick Fowle. (*Contrariada*) Omitiram seu nome nos créditos.

KIKA – O que a senhora faria se eu fosse lésbica?

GERALDINE – Eu sei que você não é lésbica. Sempre foi assexuada.

KIKA – Um dos meus maiores arrependimentos foi não ter ido pra cama com a Regina Duarte, no tempo de *Réveillon*.

GERALDINE – Não fale bobagem. Sei – e assino embaixo – que a Regina nunca foi lésbica.

274 KIKA – Pode ficar tranqüila. Eu também não sou. (Ri) Mas que ela me deu tesão, deu. Adorava quando ela colocava os óculos e fazia crochê. Na época do *Réveillon* dei carona pra ela várias vezes, no meu fusca. A senhora se lembra do meu fusquinha?

GERALDINE – Por que você não se casou com aquele... (*tentando lembrar-se*)... Murilo Dias César? Trabalhava no Banco do Brasil. Na época era um bom partido.

KIKA – A senhora foi contra. Esqueceu?

GERALDINE – Ah! É verdade. Tinha umas idéias comunistas...

KIKA (*Pensativa*) – A senhora sempre espantou meus namorados.

GERALDINE – Sempre quis o melhor pra você.
(*Pausa*) Você não sabe lidar com os homens.
Se pelo menos fosse bonita... e tivesse algum
charme...

KIKA (*Ofendida*) – Desde criança, desde que me
tenho como gente, que a senhora se delicia em
me destruir, me rebaixar, me humilhar...

GERALDINE (*Surpresa*) – Que é isso? Que bo-
bagem é essa? Tudo que faço, tudo que falo, é
pra te acordar, pra te estimular, pra que você
reaja, pra que tenha personalidade, pra que
confie em si mesma, pra que não seja uma mosca
morta! Não tenho culpa se você é feia, medrosa,
insegura, despreparada, sem talento. (*Ênfase*)
Eu sou Geraldine Leão! Se eu morrer amanhã,
minha morte será notícia em todos os jornais. Eu
sou alguém, eu sempre serei alguém, eu tenho
identidade. Você... Você não tem nada! Por que
você não assume? Por que você não reconhece?
Você sempre quis me copiar, me imitar, prestan-
do atenção em mim, me vigiando o tempo todo.
Até já desconfiei que você tem inveja de mim.
Que tem a esperança de um dia ocupar o meu
espaço... conquistar o MEU prestígio!

KIKA (*Desprezo*) – Prestígio! E depois sou eu...
quem não enxerga a realidade?

GERALDINE – Não seja patética. A sua incoerência é revoltante. Você é incoerente em tudo. É fanática pela Elis Regina e estudou teatro com a Myriam Muniz. Você não sabe que as duas brigaram? Que a briga foi parar na justiça?

KIKA – Águas passadas!

GERALDINE – E, mesmo assim, você venera as duas! (*Pausa*) Por que desistiu do jornalismo? Desistiu coisa nenhuma! A verdade é que você não tinha talento nem capacidade pra ser jornalista. Nem pra ser atriz. Nem pra ser dramaturga.

276 KIKA – A senhora sabe o que eu fiz hoje à tarde?

GERALDINE – O que você fez hoje à tarde? O que me interessa o que você fez hoje à tarde?

KIKA (*Mostrando as duas malas*) – Decidi de vez a minha vida.

GERALDINE (*Olhando as malas*) – Não entendi o subtexto. Decidiu o quê? O que foi que você decidiu?

KIKA – Pretendia contar depois. Mas é bom que a senhora saiba agora.

GERALDINE – Saber o quê? Qual é a novidade?

KIKA – Viajo hoje à noite. Depois do espetáculo.

GERALDINE – Viaja pra onde?

KIKA – Rio! Rio de Janeiro! *The prime of Miss Jean Brodie*! Me candidatei ao papel. Fiz o teste. Fui a escolhida!

GERALDINE (*Trêmula*) – Papel? Que papel?

KIKA – Eu não sabia como lhe contar. Quando e como lhe contar. Qual seria a hora certa. Mas é bom esclarecer tudo de uma vez! O primeiro telefonema foi pra mim. O primeiro convite foi pra mim. Fui eu quem sugeriu o seu nome pra peça. Fui eu quem quis lhe dar uma força, uma chance. Mas desde o começo a senhora entendeu tudo errado! A senhora nunca foi aventada para o papel de Jean Brodie!

277

GERALDINE – Mas o Gabriel me falou...

KIKA (*Cortando*) – Ligou pra senhora porque EU pedi! Mas nunca pra fazer Jean Brodie! Que culpa eu tenho se a senhora não sabe ouvir? Se entende tudo errado, se vive no mundo da imaginação? EU é quem vou fazer Jean Brodie! Seu personagem seria outro, coadjuvante... uma das professoras – papel menor, secundário, de acordo com sua idade. Quantos anos a senhora

pensa que tem? Não tem noção de sua própria idade? Não percebe o ridículo das suas fantasias... na sua idade... fazendo o papel de Jean Brodie?

GERALDINE – Mas... Não era isso o combinado! Você vai fazer *As Malvadas*!

KIKA – O projeto morreu. Pifou. Não haverá mais nenhuma montagem. Ainda tenho muito a aprender. Eu tenho autocrítica. (*Ameaçadora*) A senhora não sabia desta minha qualidade? Eu tenho autocrítica! Coisa que a senhora nunca teve!

GERALDINE – Não é possível! Você deve estar enganada. É claro que você está enganada! Eu recebi o texto. Decorei as falas de Jean Brodie.

KIKA – Você leu o MEU texto! O envelope veio pra mim. Endereçado à minha pessoa. Nem isso a senhora foi capaz de perceber!

GERALDINE – Traíçoeira! É isso o que você é! Traíçoeira!

KIKA (*Enjoada*) – Não seja melodramática.

GERALDINE – Você me apunhalou pelas costas!

KIKA – Já estou enjoada desses clichês! Pare de representar o tempo todo. Pare de ser repetitiva. Esse gênero já me cansou.

GERALDINE – *Vendetta!* Traíçoeira... Agindo em silêncio... Escondida, pelas costas...

KIKA – E tem mais. É bom que a senhora saiba tudo de uma vez. Eu vou pro Rio e a senhora fica. A produção não concordou com o seu nome no elenco. Outra atriz fará o papel. Eu fiz o que pude. Tentei ajudar. Mas acabaram escolhendo outra.

GERALDINE (*Desprezo*) – Outra?? Escolheram outra? Isso não pode ser verdade. Quem é você pra fazer Jean Brodie? Você não tem talento! Isso é um absurdo! Você não é nada sem mim!

KIKA – Por que a senhora não cai na real? Por que não enxerga as coisas como realmente são? A senhora está velha. Não tem mais idade para o papel. E prestígio? Nunca teve prestígio. Nunca foi uma estrela, a não ser na sua imaginação doentia, no seu currículo imaginário. Nunca fez nada no TBC. Não se enquadrou no Arena. Passou em branco no Oficina. Nunca brilhou em nada. Nem como atriz, nem como mulher, nem como mãe. Sua Blanche du Bois foi um fracasso. Sua indicação por *Medéia* foi um acidente, que nunca mais se repetiu. Nunca percebeu, a vida inteira, que a senhora sempre foi rejeitada para grandes papéis? Nunca parou pra analisar? Não fez sua autocrítica? (*Pausa*) Toda minha vida, dia após dia, noite após noite, todos esses

anos, e a senhora sempre interpretando a mesma personagem, a mesma *persona*, em casa e na rua, no palco e nos bastidores, repetitiva, enjoativa, monocórdia, alienada, cega. (*Gesto de Geraldine*) Não me interrompa!!! Não há nada de novo que a senhora possa falar. Já sei o seu texto de cor. *Merda!* Já sei o seu texto de cor! Conheço o tempo infinito dos seus *bifes!* Fazendo citações em francês, italiano, latim, tentando impressionar os impressionáveis, com uma cultura que não tem, com um conhecimento de vida que nunca saiu da superfície... Pedante, pernóstica, arrogante! E tem a petulância de me encomendar um monólogo! O que a senhora tem feito a vida inteira a não ser monologar? Aceitou fazer *Palhaços* por MINHA causa?? Fui EU que consegui a produção, que insisti no seu nome, que concordei que Geraldine Leão ficasse em destaque no cartaz. Se não houve cobertura na imprensa é porque você não é mais notícia. Por que não encara que já passou a hora da sua aposentadoria? Por que não perde a pose? Por que não pára de fumar e jogar fumaça na cara dos outros? Por que não assume que é alcoólatra e viciada em estimulantes? Ah! E os seus ataques de generosidade? A voz empostada, menosprezando tudo que é brasileiro... A grande dama de formação européia! *Você é perigosa! As crianças não deveriam ser expostas à sua in-*

fluência! Sempre me humilhando, me insultando, me rotulando de fraca, feia, incompetente e outras *merdes*. Sempre procurando me castrar, me prejudicar, minando minha autoconfiança. Você é uma mulher ridícula! Não. (*Para si mesma*) Não sinto nenhuma piedade. Jurei a mim mesma que não sentiria nenhuma piedade!

Som da campainha. Terceira e última chamada para o espetáculo.

GERALDINE (*Recompondo-se, gélida*) – Também tenho uma novidade. (*Fênix*) O Antunes vai remontar *A Moratória*, do grande dramaturgo brasileiro (*empostada*) Jorge Andrade. Me convidou para o papel de Helena.

281

KIKA (*Duvidando*) – Ele também convidou a senhora pra *Vereda*...

GERALDINE – Ninguém fará uma Helena melhor que eu. Já estou até me preparando. Esta semana, na feira, comprei um monte de jabuticabas.

KIKA (*Desarmando-se*) – Não vi nenhuma jabuticaba em casa.

GERALDINE – Chupei todas.

KIKA (*Desconfiada*) – É confortante que a senhora mantenha seu senso de humor.

GERALDINE – Senso de humor é sinal de sabedoria. E isso eu tenho de sobra. Não fiz curso na EAD. Aprendi isso na vida. Sou uma *self-made woman*, com muito orgulho. *(Sorri)* Você pensa que sabe tudo, não é?

KIKA *(Desarmada)* – Não tenho certeza de nada. *(Olha as malas)* Confesso que estou morrendo de medo.

GERALDINE – A vida inteira convivi com o medo. *(Dá de ombros)* A gente se acostuma.

KIKA *(Alerta)* – O público está em silêncio.

282
GERALDINE – Não é irônico? Você fazendo um texto estrangeiro... e eu um nacional? *(Riem timidamente)* Não sei se vou conseguir dormir esta noite. *(Súbito abatimento)*

KIKA – Espere. *(Arruma-a)* A cartola e a bengala! *(Entrega)*

GERALDINE *(Ajeitando-se)* – Estou bem?

KIKA *(Assente)* – Vai!

GERALDINE *(Hesita)* – Você me telefona amanhã? *(Kika assente)* Faça uma boa viagem. *(Kika assente, agradecendo)*

KIKA (*Delicadamente*) – Vai! Vai!

GERALDINE (*Brinca*) – *O compositor me disse... que eu cantasse... distraidamente... essa canção... (Sopra um beijo e sai)*

CENA – A música é *I Clowns*. Geraldine, interpretando o palhaço Careta, com bengala e cartola, dança maravilhosamente, homenageando, com típicos trejeitos, gente como Groucho Marx, Stan Laurel, Charles Chaplin, Jacques Tati, Jean-Louis Barrault e todos os palhaços brasileiros. Brinca com bolinhas de sabão, que explodem no ar. Efeito de muitas bolhas de sabão, vindas de todas as direções, explodindo no palco, somente no palco. Alegres efeitos de luz... Detalhe para Kika, sob foco de luz, nos bastidores. Não está feliz, mas parece aliviada. Cria coragem e toma uma dose de conhaque. Depois fica estática, frente ao espelho. Enquanto o foco de luz sobre Kika vai se apagando, começa a descer sobre o palco uma lona de circo, criando um efeito mágico. A música termina. Geraldine respira fundo e acomoda-se no banquinho, frente a um espelho. Começa a tirar a maquiagem do palhaço Careta. De repente, pelo espelho, vê a entrada de Kika, como *Visitante*, por uma abertura na lona...

283

CARETA – Quem é o senhor?

VISITANTE – Boa noite... (*Timidamente*)

CARETA – O que o senhor deseja?

VISITANTE (*Apontando a lona*) – É que vi uma abertura e entrei pra...

CARETA (*Abruptamente*) – Abertura? Onde? (*Vê a lona*) Ah... (*Sério*) É proibida a entrada de pessoas que não pertençam ao circo. Não leu o aviso lá fora?

VISITANTE (*Inibido*) – É que eu vi o senhor lá da platéia e...

284 CARETA (*Estalando a língua*) – Ah, um espectador!

VISITANTE – É, sou.

CARETA – Bem, neste caso o senhor não é tão estranho assim. Em que lhe posso ser útil?

VISITANTE (*Encabulado*) – Eu... Eu vim pra cumprimentar o senhor. Ver o senhor de perto... Apertar as suas mãos.

CARETA (*Estendendo-lhe a mão*) – Se isto o satisfaz, toma lá, a minha mão à sua disposição.

VISITANTE (*Emocionado*) – Meus parabéns!

CARETA (*Surpreso*) – O que está lhe acontecendo? Você está tremendo todo.

VISITANTE – É de emoção.

CARETA – Emoção?

VISITANTE – Emoção sim, de estar aqui...

GERALDINE (*Saindo da personagem*) – Você falou em emoção? (*Face a face*) Por que este ar de surpresa? Você falou em emoção?

KIKA (*Surpresa*) – Sim, palhaço. Emoção. (*Saindo também*) Emoção de estar aqui...

GERALDINE (*Sorrindo*) – Repita! Outra vez!

KIKA (*Sorrindo*) – Emoção. Emoção de estar aqui...

CENA – Estáticas, face a face. Delicadamente, o foco de luz decresce, até que ambas desapareçam. Depois, mais tarde, enquanto o público se retira, ouvimos a música *Jean*. O que será de Kika no Rio? Ao término da música, nada mais a acrescentar.



Com Ariclê Perez



Com Nathália Timberg



Com Antonio Abujamra



Com Raul Cortez, Ety Fraser e Chico Martins

Cronologia

Peças Originais

1974

Faça uma Festa do Seu Café da Manhã

1975

Feed Back

Anabela No Mundo das Maravilhas

O Estúpido Cupido Contra Miss Cinelândia

A Mais Bela Empregada Doméstica do Brasil

O Rabo do Pavão

289

1976

A Rainha do Rádio

1978

Vintém Chinchéu (encenada também com o título *Cuore Ingrato*)

1979

No Ninho dos Escorpiões

1980

Coragem, Meu Bem, Coragem

1981

Turminha da Breca

1982

Tempo Veloz

Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles (apresentada também com o título *Ninguém Viaja ao Equador*)

1984

O Diabo de Cuecas

1985

290

Na Flor da Idade

1987

A Guerra da Banana

1990

Santo Antonio Casamenteiro

1991

Diálogo (Tributo) com Elis Regina (para dança)

1994

As Malvadas

**O GRUPO DE TEATRO DA TERCEIRA
IDADE DO SESC SÃO CARLOS**

APRESENTA A COMÉDIA MUSICAL

O Estúpido Cupido



contra

Miss Cinelândia

SESC
SÃO PAULO

Programa de Miss Cinelândia

2000

Louca Turbulência (com Antonio Abujamra)

2001

Subindo Cada Degrau

2005

Amável Momento

2006

Os Belochiques não Passam Fome

Adaptações para o palco

292

1990

Colombo, de Paul Claudel

1991

O Presente dos Magos, conto de O'Henry
(também direção)

Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues
(também direção)

A Moratória, de Jorge Andrade (também
direção)

1992

Minha Bela Dama, de Bernard Shaw

Natal Atemporal, de Charles Dickens

2004

As Cinco Estações, concepção e direção de espetáculo com deficientes visuais

Cinema e Vídeo

1979

A Rainha do Rádio

Longa-metragem adaptado da peça com o mesmo título

Direção: Luiz Fernando Goulart

Com Beyla Genauer, Paulo Guarnieri, Nelson Xavier, Maria Pompeu

1993

Memória do Teatro Amador

Vídeo com roteiro e direção de Saffioti, 35 minutos

2005

O Quintal dos Guerrilheiros

Curta-metragem com argumento original e co-autoria do roteiro.

Direção: João Massarollo

As 5 Estações



Espetáculo teatral interativo criado pelo SESC São Carlos exclusivamente para o Simpósio de Atividades Físicas Adaptadas 2003. Apresentação do Grupo Cegos Mas Nem Tanto. Sobre jovens adolescentes cegos que buscam um caminho para suas vidas em meio às pistas e armadilhas do mundo. Censura Livre. Entrada Franca.

Programa de As 5 Estações

Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Entre o Individual e o Universal – Danilo Santos de Miranda	11
Introdução – Alfredo Sternheim	15
O Estúpido Cupido Contra Miss Cinelândia	39
A Rainha do Rádio	107
Coragem, Meu Bem, Coragem	157
As Malvadas	233
Cronologia	289

Crédito das Fotografias

Olney Krüse 32, 33

Demais fotos pertencem ao acervo de José Saffioti Filho

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Maurício Arruda, José Roberto Torero, Mariana Verfssimo e Luiz Villaça

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sérgio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito

Roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do

Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 316

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Teatro Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Fátima Consales Selma Brisolla
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Saffioti Filho, José

O teatro de José Saffioti Filho / José Saffioti Filho. -- São Paulo : Imprensa Oficial, 2009. -- (Coleção aplauso teatro Brasil / coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-745-4

Conteúdo: O estúpido cupido contra Miss Cinelândia -- A rainha do rádio -- Coragem, meu bem, coragem -- As malvadas.

1. Crítica teatral 2. Peças de teatro 3. Teatro - História e crítica I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

09-06695

CDD - 809.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Teatro : Literatura : História e crítica
809.2

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção *Applauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

Neste volume estão quatro entre as 20 peças escritas por José Saffioti Filho: *O Estúpido Cupido contra Miss Cinelândia*, de 1975, é a primeira parte de *Anabela no Mundo das Maravilhas*. *A Rainha do Rádio*, monólogo escrito em 1976, montado com Cleyde Yáconis e filmado por Luiz Fernando Goulart, com Beyla Genauier, é a segunda peça. O terceiro texto *Coragem, Meu Bem, Coragem*, de 1980, ganhou o prêmio de leitura dramática no XII Concurso Nacional de Dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro. Talvez, a mais politizada das peças de Saffioti que tem como cenário o Brasil no final da década de 1970, em plena ditadura militar. São apenas dois personagens: um jovem e uma mulher madura, bem mais velha. Ele é um terrorista que a encontra logo após cometer um atentado. Ela, casada, mãe de família. Foi grande sucesso de público, a partir da estreia, em 1981. O espetáculo dirigido por João Albano tinha Wanda Kosmo e André Loureiro nos papéis principais. A quarta peça, *As Malvadas*, foi escrita em 1994, mas até 2009 permanecia inédita nos palcos. Passa-se nos bastidores de um teatro e tem duas personagens que, além de mãe e filha, são atrizes. Saffioti não dissimula nos diálogos e no título uma deliberada influência de *A Malvada*, o grande e premiado filme de Joseph L. Mankiewicz. São provas inequívocas que José Saffioti Filho, além de jornalista e produtor cultural de grandes méritos, consolidou-se como um dos mais notáveis dramaturgos brasileiros. Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, na sua proposta de resgate e preservação da memória cultural brasileira.

ISBN 978-85-7060-745-4



9788570607454